

DEDICATÓRIA

A

Frei Cícero dos Santos Jessé

Apóstolo da juventude, um dos fundadores da PJMP,
Que foi chamado à casa do Pai subitamente,
Tragado pelo ardor missionário,
Junto aos jovens do meio popular rural,
Do Nordeste e do Brasil.
Serviu a PJMP urbana,
Foi o primeiro assessor nacional da PJMP RURAL do NE II e
Morreu sendo assessor da Pastoral da Juventude Rural (PJR).
A ele nossa gratidão, pela partilha da vida,
Ensinando sempre a aprofundar a vida do jovens do meio popular,
Urbanos e rurais.






Dedicamos

Também estes textos a
Jairo Amorim, Geraldo Peron e outros jovens
Quer doaram sua vida pela causa popular,
Da nova igreja e da nova sociedade e
Que estão hoje
Mergulhados no banquete eterno do Pai.

CREDO DA JUVENTUDE DO MEIO POPULAR



Pe. Murilo

1. Creio nas jovens que trabalham nos canaviais:

-  Plantam
-  Cultivam: usineiro tem avião e mandato
-  Ceifam
-  Sofrem: 25 reais para cada família por mês
-  Morrem

**Pelo açúcar derramado,
Cremos na repartição.**

2. Creio nos jovens que trabalham nas roças todas:

-  Plantam
-  Cultivam

👤 Ceifam: melão tipo exportação

👤 Sofrem: 17 % de analfabetos

👤 Morrem

**Pelo leite cortado das nossas mãos,
Cremos na produção alternativa.**

3. Creio nas jovens que estudam nas escolas públicas:

👤 Ônibus pra lá e pra cá

👤 Fome: onde foi parar o dinheiro da merenda escolar ?

👤 Faltam professores

👤 Faltam equipamentos

👤 Morrem

**Pelos professores comprometidos,
Cremos na força da educação.**

4. Creio nos jovens operários:

👤 Cedo no mundo do trabalho

👤 Cedo no mundo da vida

👤 Gás, buzina, doença

👤 Suor derramado por cima das máquinas

👤 Morrem

**Pelo sindicato livre da corrupção,
Cremos na força da organização.**

5. Creio nas jovens sem trabalho, sem emprego:

👤 Levam nome de vagabundos

👤 Outros dizem: desocupados

👤 Aquela roupa não pode ter

👤 Aquele sonho vai-se na fumaça

👤 Morrem

**Pela fala dos marginalizados,
Cremos nas ações comunitárias.**

6. Creio nos jovens sem terra, sem chão:

👤 Derrubam cercas

👤 Gritam na frente do palácio

👤 Caminham pelas estradas

👤 Cortam o arame da maldição

👤 Morrem

**Pela graça das ocupações,
Cremos na restauração da vida.**

7. Creio nas jovens do meio popular:

👤 Um grupo pequeno ainda, organizado

👤 Um grupo bem jovem









👤 Um diz: não vai pra canto nenhum

👤 Aquela animação não recebe o apoio necessário

 Morrem






**Pelos 17 anos da PJMP,
Cremos na missão de renovar o Meio Popular.**

8. Creio na ressurreição da fé, pela organização:

-  Das jovens que trabalham nos canaviais
-  Dos jovens que trabalham nas roças todas
-  Das jovens que estudam nas escolas públicas
-  Dos jovens operários
-  Das jovens sem trabalho, sem emprego
-  Dos jovens sem terra, sem chão
-  Das jovens do Meio Popular
-  Pela vida de todos nós

**Cremos que ouvindo nossa voz
Faremos desta terra um país de irmãos.**

9. Creio, também:

-  No Pai do céu de grande bondade
-  Na Mãe do céu de grande maternidade
-  No Filho de Deus companheiro de fraternidade
-  No Espírito Santo força de ânimo de santificação
-  Na Igreja, povo de Deus, instrumento de libertação

**Nós somos do Meio Popular,
Cremos na força de Jesus Cristo
Presente no nosso meio.**

**Nós somos do Meio Popular,
Cremos que somos templo
Do Divino Espírito Santo.
Nós somos do Meio Popular,
Cremos na administração do mundo,
Que Deus Criador nos confiou.
Amém.**

APRESENTAÇÃO

Muitos dizem que o mundo não tem jeito. Mas, como concordar com isso se ainda temos tantos jovens que são capazes de sonhar com um mundo mais humano e dedicar a sua juventude à luta pela construção deste mundo. Os desencantos com o mundo não conhecem estes jovens.

Os jovens que participam da PJMP são "provas" de que ainda o mundo tem jeito, que é possível ainda manter esperanças. Jovens dos meios populares que em nome da sua fé cristã assumem a causa do povo. A causa do povo que é a causa do nosso Deus, que quer Vida em abundância para todos.

Este texto é um fruto do trabalho e do sonho destes jovens e dos assessores que os acompanham. É um texto marcado por uma forte indignação diante da realidade brasileira. Mas, também marcado pela esperança e pela descoberta de novos valores e espaços de humanização que as esquerdas tradicionais sempre deixaram de lado. Estou falando da revalorização da festa, da religiosidade popular, da afetividade e tantas outras coisas que estão espalhadas neste texto.

Quem procurar coerência interna e rigor na articulação das idéias pode ficar decepcionado. Estas características são do mundo acadêmico, um mundo que os jovens populares têm muita dificuldade de chegar por causa da nossa realidade social e educacional. Este texto tem valor por outras coisas. É cheio de indignação, vigor e esperança. Mais do que coerência, vigor; mais do que rigor, espírito de luta.

Enquanto existirem jovens que lutam pela causa do povo e que expressam e socializam os seus sonhos e projetos através de diversos meios (por mais precários que sejam), podemos ter certeza que o mundo ainda tem jeito, sim, senhor!

Jung Mo Sung

INTRODUÇÃO

A Pastoral da Juventude do Meio Popular entrega em suas mãos a mais nova versão do livro DO MEIO POPULAR UM CANTO JOVEM. Essa foi uma solicitação dos jovens da PJMP de todo o Brasil reunidos na IX ASSEMBLÉIA NACIONAL realizada em Porto Alegre, de 16 a 22 de janeiro de 1994, objetivando ser um texto que sirva como ponto de apoio para a caminhada da PJMP espalhada pelo imenso território brasileiro. A tarefa primeira é cumprir o papel que o livro SEMENTE DOP NOVO NA LUTA DO POVO realizou por ocasião da VI ASSEMBLÉIA NACIONAL. Como nossa história é profundamente dinâmica, o presente subsídio estará sempre em contínua elaboração, sobretudo, sendo enriquecido, com as características próprias da sua região. Um grande esforço foi feito por muita gente; agora a tarefa é partilhada com você.

O texto está dividido em duas grandes partes. Na primeira, descrevemos a situação em que os jovens do meio popular se encontram em nível econômico, social, cultural, afetivo, religioso... Nosso objetivo não foi pintar esse quadro social com tinta de sangue, mas torná-lo ainda mais conhecido e aprofundado para, com muito ardor missionário, prosseguir na luta e contribuir com a transformação da sociedade. Temos consciência dos nossos limites frente aos grandes desafios das diversas juventudes, mesmo dentro do meio popular, como nas outras esferas da trama social.

Frente ao sofrimento, a fome, a doença, a angústia, ao analfabetismo, ao desemprego, numa palavra – à morte, não ficamos parados, mas animados pelo espírito libertador do companheiro Jesus de Nazaré, procuramos vencer a dor, sem desesperar. Continuamos acreditando na força dos pequenos e marginalizados, quando são capazes de se organizar. Não queremos parar no sofrimento, por isso mesmo, somos criativos com muita música, dança, teatro, romarias, congressos, celebrações, festas, folclore... e resistimos. Mas não só por resistir. Queremos curtir as belezas que Deus nos oferece **de graça e por graça**. Essa fé nos leva à consciência de que Deus nos escolhe porque tem uma queda, uma paixão, pelo considerado fraco e pelo empobrecido (Ex 3,10). Somos o

“lugar de Deus”, a “presença de Deus”, “sacramento de Deus”. É o Deus justo que se compadece de nós e nos devolve o que é nosso, toma partido por nós e age em nosso favor (Cf. Mt 25, 31-40).

Na segunda parte do texto, tratamos da vida da Pastoral da Juventude do Meio Popular. Nossa história, objetivo, prática dentro e fora da Igreja, mística, metodologia, organização, procura de autonomia financeira e especificidade de pastoral do meio popular, notadamente como trabalhadores/as e filhos/as de trabalhadores/as. Os sonhos que latejam dentro de nós. Acreditar na possibilidade do mundo de irmãos, que será pleno na eternidade, mas que deve começar por aqui. Essa pulsação não pode parar. Por isso, a conquista de uma moradia aconchegante e decente, de escola e saúde não sendo só privilégio e sim direito para todos, é fruto também de nosso amor, suor e luta. Assim, **a realização da Reforma Agrária tão sonhada é o Jubileu, o ano da Graça do Senhor, o ano da redistribuição da terra aos pobres.**

Cantamos que o fogo arde no meio popular. Que ele faça de todos nós, apóstolos onde moramos e vivemos, a fim de que, a chama missionária da PJMP continue acesa:

- Dentro do seu peito,
Aquecendo de ternura e vigor,
Os irmãos do mesmo teto,
As irmãs da mesma mesa,
O pai, trabalhador do ônibus,
A mãe, trabalhadora mundo afora.

- Dentro da vida militante,
Mesmo diante de muitas derrotas,
Frustrações e fracassos,
Sobretudo no campo político-partidário,
Sindical e até eclesial,
A fantasia e o sonho não morreram !

- Dentro das favelas, ruas, becos, cadeias,
Morros, altos, vales, sítios,
Campos, cortiços, hospitais, cidades, assentamentos,
Como presença que anima,
Força de solidariedade e
Troca de dores, prazeres e alegrias.

- Dentro desse texto tem um lugar
Para acrescentar, cantar, dançar,
Tomar conhecimento,
Fazer um poema a partir da realidade,
Rezar a partir das ossas culturas,
E fortalecer os jovens do meio popular.

Essa alegria tem que ser partilhada !
Você é nosso/a convidado/a !
O livro é seu !

PARTE 1

NÓS JOVENS DO MEIO POPULAR

1. CAPITALISMO: UM SISTEMA PRODUTOR DE DESIGUALDADES E EXCLUSÃO

O Brasil é um país capitalista. No contexto dos países capitalistas do mundo inteiro, **o nosso capitalismo é considerado dependente e periférico porque a nossa economia... (terminar pensamento)** ele situa-se entre aqueles considerados "dependentes". São países cuja economia depende dos países "ricos" do primeiro mundo. Temos, pois, como sistema de organização da nossa economia o "Capitalismo", no qual a condição básica ou ponto de partida do processo de produção de riquezas e bens materiais é a separação entre a força de trabalho e os meios de produção.

A "força de trabalho" é constituída por todas aquelas pessoas que, não tendo outra forma para garantir a sua sobrevivência, são obrigadas a vender a única coisa que possuem que é a sua capacidade de trabalho em troca de "salário". Os "meios de produção" são todos os meios necessários à produção de bens materiais: matéria prima (terra, minérios de forma geral, fauna, flora, carvão, etc), máquinas, edifícios industriais, transportes, etc. No Capitalismo, os meios de produção são propriedades de algumas poucas pessoas ou grupos de pessoas. Assim, a essência do modo de produção capitalista consiste na produção coletiva de riquezas, bens materiais e serviços pela grande maioria da população que constitui a classe trabalhadora e na apropriação privada desta riqueza pela minoria, dona dos meios de produção que constitui a classe dos capitalistas ou burguesia.

É, pois, um sistema que, na sua essência, produz DESIGUALDADES e produz duas classes antagônicas, fundamentais. Uma tem de tudo e fica com toda riqueza produzida pelo conjunto da sociedade (a burguesia) e outra, que produz esta riqueza, mas recebe apenas o necessário para continuar trabalhando e produzindo (os/as trabalhadores/as). No caso do Brasil de hoje, a classe trabalhadora não recebe nem o necessário para sobreviver.

Vamos tomar o exemplo da construção civil: quem constrói os grandes edifícios, casas, pontes, estradas, escolas, cinemas, clubes etc., são os pedreiros, serventes, carpinteiros, etc. Contudo, a maioria absoluta dos trabalhadores da construção civil não usufrui dos bens que produz. Moram em barracos, casa de um ou dois cômodos, cortiços, favelas, onde falta tudo. Seus filhos não têm acesso à escola e muito menos ao cinema, aos clubes por eles construídos. Uma minoria se apropria de toda a riqueza produzida pela grande massa de trabalhadores da construção civil.

Entre essas duas classes fundamentais (burguesia e classe trabalhadora), há a chamada "classe média"¹, constituída pelo conjunto de pessoas que são trabalhadores autônomos (médicos, engenheiros, comerciantes, profissionais liberais, de modo geral) que são donos dos meios de produção com os quais trabalham. Integram esta classe também os altos funcionários dos diferentes ramos da produção (comércio, banco, indústria) como os gerentes, e os intelectuais da burguesia, como cientistas e professores

¹ Explicar o fim da classe média na conjuntura neoliberal

universitários comprometidos com os interesses dominantes e responsáveis pelo controle do conhecimento e pela produção da ideologia dominante.

Contudo, na realidade brasileira dos últimos anos tem havido uma crescente pauperização da classe média. Isto contribui para que, em determinadas situações conjunturais, esta classe se aproxime mais da realidade da classe trabalhadora. Mas, dentro do capitalismo, a classe média tem seus interesses muito mais próximos dos interesses da burguesia do que dos da classe trabalhadora². (SUGESTÃO DE EXCLUIR ESTE TRECHO E SUBSTITUIR PELO TEXTO DO NOVA GENTE)

Assim, o capitalismo é, pois, um sistema que, para a classe trabalhadora, produz a pauperização, a exclusão. A exploração capitalista da força de trabalho se expressa na totalidade ou em todas as dimensões da vida do trabalhador e da trabalhadora: nas condições de saúde, de habitação, na vida familiar, na degradação moral e intelectual, etc.

Nós, jovens do Meio Popular, somos integrantes da classe trabalhadora. Somos também as maiores vítimas desta estrutura social injusta. Trabalhamos do nascer ao pôr do sol e ainda tentamos estudar à noite sonhando com um futuro melhor. Muitos jovens vivem pelas ruas, sem destino, sem objetivos. Muitas meninas entregam o seu corpo à prostituição tornando-se velhas de rosto e de corpo em plena juventude. A maioria dos que estão nas cadeias são jovens pobres do Meio Popular. Muitos são os jovens que, para agüentar a barra, se jogam na bebida e nas drogas.

1.1 O NEOLIBERALISMO

(Definí-lo – globalização, mundialização...)

II. O BRASIL NO CONTEXTO DO CAPITALISMO MUNDIAL DE HOJE "PAÍSES RICOS E PAÍSES POBRES"

De acordo com Alba Maria P. Carvalho, a economia mundial sofreu nos últimos 20 (só isso ? – atualizar) anos profundas transformações. Vivemos, hoje, a modernização do capitalismo. Ela aponta alguns traços dessa modernização como por exemplo:

- ☞ A cientização dos processos de trabalho, libertando o trabalhador da sua condição de suporte da máquina;
- ☞ O nascimento de um novo mundo do trabalho, fundado na ideologia da colaboração de classes;
- ☞ A divisão do mundo em blocos econômicos, redefinindo os padrões de concorrência internacional. A **Europa** (formando um grande bloco), **Estados Unidos, México e Canadá** (formando outro bloco). Os **Tigres Asiáticos** que reúne Japão, Coreia do Sul, Formosa, Cingapura e Hong Kong e, recentemente, o **MERCOSUL**, reunindo Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Estão de fora desta nova geografia econômica os países africanos³, parte da Ásia, da América Central e vários países da América Latina;
- ☞ A proclamação do Estado mínimo via discurso neoliberal, onde as funções do Estado são reduzidas apontando para o fortalecimento do seu aparelho e da sua burocracia;

² Explicar as votações (crescimento) do PT no meio da classe média.

³ A África não existe (ver texto de Carlos Alberto Calderón).

☞ A gestação de um novo perfil de trabalhador adequado a esta nova época, em que o capitalismo ganha corações e mentes dos/as trabalhadores/as, desarticulando a identidade de classe e enfatizando o consenso e a harmonia.

E o fim da URSS, onde entra ?

Para esta autora, portanto, o capitalismo, em nível mundial, vem gestando um amplo processo de modernização baseado em um NOVO PADRÃO DE PRODUTIVIDADE através de combinação da CIÊNCIA, da TECNOLOGIA AVANÇADA e dos GRANDES INVESTIMENTOS. Contudo, para além desta reviravolta, ela afirma, "o capitalismo permanece capitalismo alicerçado, na contradição capital x trabalho"⁴.

O capitalismo produz, portanto, a miséria e a exclusão em cada país e entre os países no mundo inteiro. Essa nova ordem internacional ou processo de modernização capitalista exige que os diferentes países ou blocos de países do mundo inteiro se ajustem a ela. Para o Brasil e para a América Latina, esta exigência de ajuste à nova ordem mundial tem como estratégia os elementos já definidos no chamado "Consenso de Washington", que são: estabilização da economia (combate a inflação); realização das reformas estruturais (privatizações, desregulamentação dos mercados, liberação financeira e comercial) e retomada dos investimentos estrangeiros. (SUGESTÃO DE EXCLUIR E COLOCAR O TEXTO DO NOVA GENTE)

Com isto o Brasil enfrenta um duplo desafio: o primeiro é ajustar-se a esta nova ordem mundial seguindo a receita do "Consenso de Washington"; o segundo, é o de resolver a grave crise social e encontrar alternativa de vida e sobrevivência para uma ampla maioria da população que vive na fome e na miséria⁵. O caminho seguido pelo atual governo privilegia os interesses do capital, das elites, as quais, nunca estiveram preocupadas em resolver os problemas da fome, da miséria, do desemprego, da pauperização crescente da maioria do povo brasileiro.

2.1 - OS RESULTADOS DA MODERNIZAÇÃO CAPITALISTA NO BRASIL NA VIDA DOS JOVENS DO MEIO POPULAR

O Brasil possui uma das piores distribuições de renda do mundo. **Alba M. P. Carvalho afirma que, após cruzar dados do Banco Nacional, do IBGE e da Fundação Getúlio Vargas**, a professora Maria Célia Prates chegou a seguinte conclusão sobre a distribuição de renda no Brasil em 1990: os 20% mais pobres ficaram com 2,3% da renda nacional e os 20% mais ricos ficaram com 62,9% desta mesma renda. Isto a leva a concluir que temos dentro do Brasil um 1º mundo do qual faz parte uma minoria e um 3º a 4º mundos para grande maioria⁶.

Esta realidade já foi bastante denunciada pelo mapa de fome produzido pelo IPEA que mostra a existência de 32 milhões de miseráveis em nosso país dos quais 10 milhões se encontram no Nordeste. Destacamos, a seguir, como esta realidade revela-se de forma gritante na vida dos jovens do meio popular e suas famílias.

2.1.1 - A VIDA NO CAMPO

⁴ CARVALHO, Alba M.P., *Assistência Social no contexto do Estado - Brasileiro: Limites e Perspectivas*, mimeog. 1994, p.5-7

⁵ *idem*.

⁶ *Idem*, pp. 17-18

O IBASE, na revista DEMOCRACIA (n.º 108), confirma que a matriz do autoritarismo e da exclusão no Brasil, está na terra. " A terra concentrada, cercada, para especulação e não para viver e produzir⁷. A propriedade da terra no Brasil está concentrada nas mãos de uma minoria, um dos maiores índices de concentração do mundo, pois cerca de 1% do proprietários detém em torno de 46% de todas as terras⁸. "Dos 360 milhões de hectares já ocupados pelo homem e titulados como propriedade privada, apenas 60 milhões são aproveitados para lavoura"; o restante é destinado à especulação e na sua maior parte à pecuária extensiva.

Cerca de 60% de tudo que se produz na agricultura é exportado, segundo dados da FGV⁹. Esta concentração da propriedade da terra produz a expulsão de um grande número de pessoas do campo. Segundo o IBGE, "em 20 anos, cerca de 30 milhões de brasileiros deixaram seus lugares de origem e tiveram que migrar para as cidades"¹⁰. (SUGESTÃO DE EXCLUIR ESTE TRECHO) (Falar da farsa de FHC com seu plano de Reforma Agrária)

As condições de vida e trabalho no campo são as piores, o que revela-se nas condições de vida sub-humanas de moradia e condições de trabalho e de sobrevivência no meio rural, onde constata-se, inclusive nos dias atuais, a prática do trabalho escravo. José de Souza Martins denuncia que no período entre 1970-1990 foram encontrados escravos em 248 fazendas do país; somente em 121 destas fazendas o número de trabalhadores cativos chegou a 30.811¹¹. Em 1992, a CPT denunciou a existência de 16.442 trabalhadores escravos, em 19 fazendas distribuídas em vários estados do país¹².

No Nordeste, além da concentração da terra, da existência do trabalho escravo, temos a concentração d'água. Os açudes, barragens, poços artesianos e outras formas de reservatório e de irrigação, geralmente com recursos públicos, estão concentrados nas mãos de uma minoria. A concentração da água e da terra no Nordeste é o principal responsável pelo flagelo dos nordestinos nos períodos de seca. (Colocar a estatística em relação aos países do mundo – água/chuva)

2.1.2 - A VIDA NAS CIDADES E MORADIA

A miséria e a exclusão produzida pelo capitalismo revela-se de forma gritante na vida dos jovens do Meio Popular nas médias e grandes cidades.

Somos jovens empobrecidos, violentados, jogados pelo êxodo rural nas periferias, favelas, aglomerados populares. Sobrevivemos em empregos mal-remunerados, sub-empregados, desempregados. Não temos a segurança dos dias futuros. Moramos em casas úmidas, pequenas, alugadas, em bairros pobres, sem infra-estrutura suficiente de água, luz, esgoto, escolas, estabelecimentos comerciais, centros comunitários, postos de saúde, hospitais, praças, áreas verdes, asfalto... A generalização de modelos de comunidades residenciais de nossa classe oprimida é bastante difícil.

Lembramos três grupos principais de habitações sub-humanas e míseras:

⁷ IBASE. Revista DEMOCRACIA – n.º 108, Vol. X - Nov/Dez 1994, p. 6

⁸ STEDILE, João Pedro. De que programa agrário precisamos - IN: ABRA, Revista Reforma Agrária. N.º 2, Vol. 23, Mai/Ago 1993

⁹ Idem.

¹⁰ Idem.

¹¹ MARTINS, José de Souza. A Chegada do Estranho - São Paulo, Hucitec, 1993, p. 115

¹² ESTERCI, Neide. Capitalismo, escravidão e a ilusão do trabalho livre - In: CEDI, Revista Tempo e Presença, n.º 268, Ano 15, Mar/Abr 93, p. 26

1. Representado pelas casas estruturalmente inadequadas, como as favelas e os mocambos;
2. Reúne cortiços e casas de cômodos;
3. Constituído pelas casas precárias de periferia.

A maioria dos nossos bairros carece de um plano urbanístico. Apresenta lotes cheios de mato e lixo, reservados pelos especuladores em loteamentos clandestinos ignorados ou tolerados pelas autoridades públicas.

Somos milhões de jovens sem-casa, excluídos, sem comida, sem cidadania, na promiscuidade, embaixo de pontes ou viadutos, sem um mínimo de espaço físico para viver.

A ausência de uma casa boa nos humilha, entristece, impede um mundo de chances fundamentais para um bom desenvolvimento pessoal e familiar, além de provocar todo tipo de doenças e humilhações.

Hoje, 77,5% dos brasileiros moram nas cidades. A situação mais drástica de moradia está na cidade de São Paulo, onde 70% da população mora em habitações irregulares (favelas, cortiços, loteamentos clandestinos, casas precárias). São 545 favelas localizadas em várzeas e 485 em áreas de risco¹³.

2.1.3 - O TRABALHO

Segundo o "Mapa do Mercado de Trabalho no Brasil" publicado pelo IBGE, o Brasil tem 62 milhões de pessoas ocupadas. Destas, 40 milhões são empregadas, das quais apenas 23 milhões têm carteira assinada, 14 milhões são empregados sem carteira assinada e outros 14 milhões trabalham por conta própria. Em termos de rendimento mensal, 12 milhões dos que trabalham ganham menos de um salário mínimo, 15 milhões ganham até dois salários mínimos, 7 milhões recebem menos de três e 9,5 milhões ganham de três a cinco salários mínimos.

Neste mapa do mercado de trabalho situa-se os nossos pais e nós, jovens do Meio Popular. Trabalhamos como lavradores, posseiros, serventes e pedreiros, pescadores, peões em obras, garimpeiros, empregadas domésticas, varredores de rua, vigias, soldados, vendedores ambulantes, bóia-frias, biscateiros. Somos empregados no comércio, na indústria, no setor de serviços com salários baixíssimos.

2.1.4 - A FOME

Pelas razões já colocadas, nós, jovens do Meio Popular, somos empobrecidos e subnutridos. Além de todas as carências materiais e sociais, a nossa alimentação não é suficiente. Faltam proteínas, vitaminas, calorias. Sendo que a definição de fome é o estado físico de quem não alcança 1.700 calorias por dia. Pelas estatísticas, 70 milhões de brasileiros sobrevivem numa fome crônica e endêmica. Metade da população de nosso país passa fome. Às vezes se ouve dizer: " Graças a Deus não falta o meu arroz e o meu feijãozinho". Um prato de arroz com uma colher de feijão duas vezes por dia. Nós sabemos, no entanto, que não alimenta o suficiente. Assim sendo, se não mudar esta realidade, estamos condenados à debilidade psico-física, ao atraso, ao bloqueio do crescimento físico e a toda sorte de doenças. São perspectivas alarmantes. A fome é a

¹³ *Jornal do Brasil, 05.01.93*

expressão mais dolorosa e cruel da violência social que estamos vivenciando nos últimos anos, segundo pesquisa da UFRN (1994), onde 42% das crianças de 0 a 14 anos, do Nordeste do Brasil são desnutridas. Isto significa que quase a metade da população nordestina está condenada a subsistir com sérias deficiências, fruto da má alimentação, para o resto de suas vidas.

2.1.5. A SAÚDE

A saúde não é simplesmente um estado em que há ausência de doenças. Ela é resultado de todo um conjunto de aspectos que costumamos chamar de condições de vida e de trabalho. A saúde está relacionada às condições de moradia (casa, saneamento básico, pavimentação, iluminação, rede de água tratada, etc), de alimentação (comer é uma pré-condição para a vida), fonte de prazer; às condições de trabalho - inseguro, desgastante, com longas jornadas de até 12 horas por dia, é um gerador de doenças, isto sem falar nos acidentes de trabalho. Além disso, o estresse, a ausência de lazer, a vida afetiva e sexual, não resolvida (corpos cansados e maltratados), são fontes de problemas à saúde da classe trabalhadora.

No Brasil, até hoje, nunca tivemos uma POLÍTICA DE SAÚDE voltada para a prevenção das doenças. O que sempre predomina é a medicina curativa, isto é, cuidar apenas da doença quando ela aparece sem olhar as condições de vida. Isto não acontece à toa. Há um conjunto de interesses dos grandes grupos que controlam o setor saúde como: os donos de hospitais, as indústrias farmacêuticas e de equipamentos médicos, na sua maioria multinacionais. Para estes grupos, não interessa um modelo de atenção à saúde baseado na prevenção de doenças.

A Nova Constituição Brasileira de 1988 define a saúde como direito de todos e dever do Estado e cria o SUS (Sistema Único de Saúde) segundo o qual todo e qualquer cidadão brasileiro tem acesso aos serviços de saúde. Contudo, o que assistimos é o sucateamento e a ineficiência dos serviços de saúde em todo o país. Há, a cada ano, uma queda na qualidade e na quantidade dos serviços oferecidos à população.

Isto não acontece por acaso. É uma estratégia do poder público para continuar beneficiando os grupos que sempre lucraram com a doença da população. Diante do caos na saúde pública, tem crescido assustadoramente a chamada medicina de grupo, como: UNIMED, GOLDEN CROSS, SAÚDE BRADESCO, etc... Além disso, ao invés de investir na rede pública de saúde, o Estado continua comprando os serviços do setor privado (hospitais, clínicas, indústrias farmacêuticas, etc).

O resultado é um quadro desolador: no Meio Popular falta atendimento médico, socorros, remédios. Nessas imensas periferias urbanas há poucos postos de saúde, com médicos mal pagos e, por isso, pouco presentes, só em alguns horários, sem muita vontade de salvar as imensidões de vidas que procuram os serviços médicos. Enfrentamos filas para conseguir o atendimento e quando conseguimos não há remédio na farmácia do hospital ou posto de saúde, nem conseguimos vagas para realizar exames necessários ao diagnóstico das doenças. Falta ambulância e atendimentos de urgência da boa qualidade.

2.1.6 - ANALFABETISMO

O direito à educação, ao saber, a aprender a ler e escrever são feridos mortalmente e negados em nossas periferias e meios populares. Os governos que se sucederam destinaram para a educação cada vez menos, até o *record* negativo de 2% do orçamento nacional. Assim, faltam escolas, os professores são mal pagos, os programas não servem para nós porque são feitos para reforçar as idéias e interesses das classes dominantes, contando a história gloriosa dos dominadores e ocultando a nossa história de negros, índios, camponeses, caboclos... São milhões de crianças e jovens brasileiros fora da escola, sem chance de aprender a ler e a escrever, condenados ao analfabetismo e, às vezes, em escolas precárias a reprovar, reprovar (mesmo por carências familiares e de marginalidade) até parar e se retirar dentro dos primeiros quatro anos de escola... Em 1988 o Brasil tinha, segundo dados do IBGE, 19,8 milhões de analfabetos entre a população acima de dez anos¹⁴. O analfabetismo no Brasil é constituído pelas classes dominantes através do descaso do poder público com a educação. Uma população sem acesso ao conhecimento, ao saber, é facilmente manipulada. Por isso, não interessa aos dominantes investir na educação.

2.1.7- MORTALIDADE INFANTIL

É conhecido por demais o fato que em nossas periferias e sertões há os piores índices mundiais de crianças que morrem entre 0 e 5 anos. Nos países do capitalismo avançado, a percentagem de crianças vitimadas é de 6 por mil nascidas ou 8 por mil, ao passo que, no Brasil dos excluídos e explorados, morrem entre 60 a 90 crianças a cada mil que nascem. São proporções semelhantes às da Índia, Etiópia e outros países do chamado "quarto mundo". Todos nós, jovens empobrecidos, temos em nossas famílias casos de irmãozinhos e irmãzinhas, priminhas, priminhos, sobrinhos e sobrinhas que faleceram novinhos. A morte marca a infância em nossos lares. Por que a morte visita e corta estas vidas nascentes? Pela pobreza, pela fome que deixa o neonato fraquinho e qualquer resfriado leva-o para o céu. E no atestado de óbito está sempre ironicamente escrito "parada cardíaca", pneumonia, diarreia e outras doenças cuja raiz é a fome.

Quantas pequenas vidas seriam salvas com um pequeno esforço político de nossos municípios e governos? Gravíssima, a responsabilidade da omissão!

2.1.8- OS MENINOS E AS MENINAS

Quem consegue escapar da mortalidade infantil precisa enfrentar uma infância e adolescência de sofrimento, privações, violência. Em 1989, o IBGE e o UNICEF concluíram que haviam 49,6 milhões de crianças e adolescentes abandonados no Brasil, o que correspondia, na época, a 87% da população infantil brasileira¹⁵. Se observarmos que, nos últimos anos, o empobrecimento da classe trabalhadora só cresceu, atualmente esta realidade deverá ter sido agravada.

Muitos de nós, jovens lascados, passamos por situações familiares e sociais dramáticas. Pais divididos, famílias rachadas, segundos casamentos em que se tem um padrasto ou uma madrasta, filhos indesejados, filhos da violência, pai álcoolatra... Abandonados a nós

¹⁴ CEDI. Revista Tempo e Presença – N.º 251, Ano 12, Mai/Jun 90

¹⁵ CEDI. Revista Tempo e Presença – N.º 258, Ano 13, Jul/Ago 93

mesmos, sem carinho de ninguém, crescemos revoltados, agressivos, enfrentando problema de adultos sendo meninos, tais como conseguir comida para sobreviver.

Assim, sem pai, nem mãe verdadeiros, discriminados desde crianças se começa a roubar para comer, cheirar cola, andar sujos, integrar-se a *gangues* e bandos para se sentir fortes e ter amigos. Um verdadeiro desastre de marginalização que, às vezes, se torna irreparavelmente marginalidade: morrer ou matar é um só... Mais uma vez a vida de milhões de nós é negada neste Brasil.

2.1.9 - A INDÚSTRIA DO SEXO E DAS DROGAS

Nós, jovens do Meio Popular, tentamos fugir do tédio, da fome, da falta de coisas e de lazer com **meios paliativos**.

A carência de afeto, de atenções, de proteção amiga, nos abala profundamente. Isso faz com que muitos de nós, dirijam suas energias para o abuso de álcool, das drogas, do sexo e da violência. Muito influi a desagregação familiar. Uma forma de esquecer é tomarmos muita cachaça.

A droga, como todo mundo sabe, é difundida porque há altos interesses em jogo, há vantagens para os traficantes. Os mais pobres entre nós, cheiram esmalte, cola de sapateiro ou carpinteiro, coisas estas ainda mais tóxicas. Como as drogas entorpecem o cérebro e se tornam necessidade, é difícil penetrar neste mundo de companhias e tentar questioná-lo. Nossos amigos percebem, se tornaram escravos, mas não vêem perspectivas melhores em sair da dependência rumo a um mundo brutal e injusto. E aqui nos deparamos com um círculo vicioso: **1) necessidade adquirida das drogas; 2) de dinheiro para adquiri-las; 3) de roubo, assalto e violência para conseguir dinheiro...**

Muitos colegas gostariam de se libertar da dependência do álcool e da droga, mas não conseguem, porque ninguém os acolhe e ajuda e a sociedade os discrimina. **Esta mesma sociedade capitalista, não se interessa pela libertação de nós, jovens empobrecidos, porque pessoas submissas e dependentes não pensam e não reagem contra as injustiças.**

O **genitalismo** enquanto prática sexual faz parte da vida, da classe oprimida desta sociedade: praticamos o sexo como forma de evasão e satisfação de impulsos, na ótica do usar, ser usado, se deixar usar.

O empobrecimento joga um grande papel nestas formas de fugas erradas e doentias... Algumas vezes **até a procura de Deus pode se tornar uma fuga da realidade, uma alienação, quando esperamos tudo dele**, caímos no misticismo e não fazemos a nossa parte para construir o mundo novo que Jesus veio trazer.

2.1.10 - TRANSPORTE COLETIVO

Saímos de manhã cedo num velho ônibus-sucata rumo ao trabalho, à procura de serviço ou à escola. Eis que somos empurrados e espremidos como sardinhas enlatadas, ficando de pé, jogados ora pra cá, ora pra lá, agüentando falta de ar, mal cheiro, empurrões e com dificuldades enormes na hora de descer. Esta é a realidade dramática que enfrentamos todos os dias em nossos falidos meios de transporte coletivo, que mudam só no preço que aumenta sempre. Os ônibus velhos dos bairros residenciais das classes médias e altas são vendidos para periferias e municípios pobres que irão usá-los

por muito, a uma alta velocidade, com motoristas e cobradores cansados e nervosos porque ganham pouco, em meio às xingações, buracos e lombadas, asfalto quebrado, ruas de chão ou cascalho. É cada trem velho, cada pau-de-arara... e a gente arriscando a vida... Sem contar que, em muitos lugares, não chega ônibus porque não há asfalto.

(E os alternativos ?)

2.1.11 - AS DISCRIMINAÇÕES E AS INTOLERÂNCIAS

a) DAS MULHERES

Há quem diga que o machismo é coisa do passado, mas nós reafirmamos que vivemos numa sociedade machista, onde o "macho" é o chefe da família, dono do capital, patrão, político... No meio popular onde vivemos, se reproduz a discriminação da moça, da filha, da namorada, esposa, mãe, mulher. Nas atividades, a mulher, heroína desconsiderada, primeira a se destacar nas direções, nas decisões, nos cargos, é deixada para trás. Até em nosso meio juvenil não se foge de comportamentos em que a companheira é tarefa, objeto de cama e mesa. Para não falar das tarefas de casa da educação das crianças, deixadas quase inteiramente para a menina-moça-mãe com a desculpa que "são elas que sabem". Quem de nós é moça, jovem do Meio Popular, bem sabe que nosso toque feminino, aquele *tchan* de ternura, fineza, delicadeza, sensibilidade, capacidade de análise e detalhe não é valorizado. De nada adianta o buquê de flores em dias marcados, quando no dia-a-dia somos inferiorizadas.

Muitas moças são empurradas para a prostituição organizada e lá ficam por necessidade de dinheiro.

Infelizmente, a realidade constatada, sobretudo nas últimas camadas da sociedade, fica além do humano: basta abrir os olhos e se dispor a enxergar a situação humilhante e deprimente de milhares de meninas maltrapilhas, sujas e judiadas que perambulam nas ruas, praças e, sobretudo, debaixo dos viadutos de nossas cidades. Seres indefesos, são entregues a toda sorte, imprevistos, relegados e temidos pelas **pessoas direitas!** Nos meretrícios vão desembocar todas essas misérias e situações de injustiças..."¹⁶.

Mais do que bonitas palavras dirigidas para as meninas, pesa uma realidade contraditória no meio de nós.

Outro problema enfrentado pelas mulheres é o aborto.

São muitos os abortos em nosso país e no mundo todo. Há muitas adolescentes forçadas a fazer aborto. Esta prática é causada entre nós, pobres, por ter já muitos filhos, por gravidez indesejada, pela própria indigência... A maioria dos abortos são clandestinos, praticados por verdadeiros açougueiros com perigo de morte para a própria mãe.

Por tudo isto, são ceifadas milhões de vidas em embrião. Ademais, as mães que abortam não apoiadas na gravidez e com um futuro incerto, ficam com graves traumas psíquicos, às vezes, pelo resto do vida. Não há atividades, nem organizações que priorizem esta grave questão, de jeito que o drama continua sem se saber até quando. Nós jovens sofremos por tudo isto.

¹⁶ ANDERY, Alberto. *A Juventude Brasileira – EP, São Paulo, 1985, p. 42*

b) DOS NEGROS

Os de nós que somos negros, índios e descendentes, caboclos e mestiços são duplamente inferiorizados e desprezados. Somos mais do que a metade da população brasileira e só 11% de nós chegam às universidades¹⁷.

Na questão econômica, nós, negros, ganhamos de 40% a 60% a menos que os salários dos brancos¹⁸.

O conflito racial "é um problema estrutural. Agrava-se, porém, entre nós, com o esforço da dimensão da classe. Os negros e mulatos são, em sua maioria, pertencentes às classes populares, exploradas como mão-de-obra... Em nosso país, a originalidade desse problema racial consiste na existência de um real conflito de raça, entrelaçado com um de classe"¹⁹. Conforme declaram os bispos em Santo Domingo: "A escravidão dos negros e a matança dos índios foram o maior pecado da expansão colonial do Ocidente. Infelizmente, no que se refere à escravidão, ao racismo e à discriminação, houve batizados que não se mantiveram alheios a esta situação"²⁰.

Não precisamos chamar memória todas as formas camufladas e hipócritas de desprezo e de isolamento que existem contra quem de nós não é branco. São exclusão de emprego, falta de respeito, suspeitas policiais, taxações de não-beleza, piadas de zombaria...

E ainda se diz, reforçando 500 anos de dominação, que não tem nada de mais, que existem negros de alma branca. Que os negros também são bonzinhos, coitados...

As mulheres negras são duplamente discriminadas. Por um lado, sofrem todas as formas de opressão como mulher e, ao mesmo tempo, enfrentam as situações de discriminação pelo fato de ser negra. Para termos um exemplo, basta lembrarmos que, de acordo com o Mapa do Mercado de Trabalho publicado pelo IBGE, em 1994, as mulheres brancas ganham, em média, 3,6 salários mínimos e as negras 1,7 salários, em média.

c) DOS HOMOSSEXUAIS

Um dos grupos entre nós que sofre maior exclusão e discriminação social são os homossexuais, tanto masculinos, como femininos. Convivem com o preconceito. São marginalizados e cercados em seus grupos, quando os têm.

Raramente conseguem trabalhar e estudar. A maioria das pessoas os tratam com desprezo. Em muitas rodinhas de piada se ridiculariza os jovens e as jovens homossexuais, fazendo com que se escondam, se inibam. Isto acontece inclusive no Meio Popular. É de novo a intolerância e o moralismo repressores que prevalecem no lugar da estima, respeito, acolhida, amor, fraternidade...

d) DOS PORTADORES DO HIV

¹⁷ IBGE, 1987

¹⁸ Revista Veja, Março 93

¹⁹ LIBÂ NIO, J. Batista. Pastoral numa sociedade de conflitos - Ed. Vozes, Petrópolis, 1982, p. 112

²⁰ SANTO DOMINGO. Conclusão es da Conferência Episcopal Latino-Americana - Ed. Vozes, Petrópolis, 1993, n.º 246, p. 122

Quando se descobre ou imagina que alguém pode ter AIDS, por ignorância e introjeção da ideologia dominante, os marginalizados, nos afastamos dele ou dela. Infelizmente, o número de contagiados pelo vírus HIV aumenta cada vez mais, sobretudo entre os jovens do Meio Popular. Carecemos de informação e prevenção para evitar este vírus. Por outro lado, temos medo de quem é portador do HIV, quando sabemos que os podemos acolher, sorrir, ajudar e, é disto que eles tanto precisam. Como não há transmissão do vírus, senão em determinadas condições, nada nos impede a querer bem e dar carinho a estes nossos irmãos, especialmente quando a AIDS os ataca e enfraquece... Aonde ficam nossos belos discursos de caridade cristã no país "mais católico" do mundo?

(Colocar as experiências do jovens da PJMP junto aos portadores de HIV)

2.1.12 - JOVENS EXCLUÍDOS DA SOCIEDADE

O modelo de modernização dependente com padrão de consumo modelado exterior - concentrador e excludente, deu como resultado uma sociedade em que "em cada mil brasileiros que nascem vivos, cerca de noventa morrem antes de cinco anos de idade por fome ou doenças endêmicas. **Dos sobreviventes, quase cento e vinte são excluídos desde a infância, sobreviverão marginalizados nas ruas, jamais entrarão em uma escola, não serão beneficiados, nem úteis socialmente. Dos setecentos e noventa que restam, quinhentos não concluirão as quatro primeiras séries seguintes do primeiro grau.** Apenas cento e quarenta conseguirão passar para o segundo grau (...) e apenas noventa atravessam as dificuldades de sobreviver e são educados até o final do segundo grau²¹".

Hoje, 32 milhões de brasileiros são indigentes, desertados, excluídos até do mundo do trabalho. Por isso, em Santo Domingo, os bispos afirmam: "A política de corte de neoliberal que predomina hoje na América Latina e no Caribe aprofunda ainda mais as conseqüências destes mecanismos. Ao desregular indiscriminadamente do mercado, eliminar partes importantes da legislação trabalhista e despedir empregos, ao reduzir os gastos sociais que protegiam as famílias dos/as trabalhadores/as, foram aumentadas, ainda mais, as distâncias na sociedade²²". Assim, sem salários ou com o salário de fome que ganhamos, só nos resta comer mal, viver longe do centro em casas pequenas, vestir pobremente, não ter saneamento básico, não poder estudar. Às vezes, desde de pequeno, não recebemos o carinho dos pais porque os dois tem que trabalhar. Esta situação, em muitas ocasiões, é causa de cenas dramáticas de alcoolismo, autoritarismo, brigas, espancamentos, infidelidades e desagregações familiares, machismo e promiscuidade.

Enfim, a impossibilidade de acesso aos bens essenciais da vida humana vai nos aviltando, enfraquecendo, tirando o gosto de viver, a esperança, a alegria, a dignidade de cidadãos verdadeiros de nosso país.

2.1.13 - A VIOLÊNCIA GENERALIZADA

²¹ SUNG, Jung Mo. *Deus numa econô mia sem coraç ã o - Pobreza e Neoliberalismo: Um Desafio à Evangelizaç ã o - EP, SP, 1992, p. 34.*

²² SANTO DOMINGO. *Conclusõ es da Conferê ncia Episcopal Latino-Americana - Ed. Vozes, Petró polis, 1993, n.º 179, p. 100*

A violência é um conceito amplo, significa não só agressão física, mas, também moral, psicológica. No caso dos marginalizados, a violência ganha proporções absurdas, não se resume à fatos, mas, às suas próprias condições de vida: excluídos do mercado da sociedade e de tudo. É violência a ausência de condições mínimas para alimentação, habitação, trabalho, educação e saúde,... Trata-se da violência institucionalizada.

Além disso, a violência física, propriamente dita, é um desafio do cotidiano. A situação calamitosa em que se encontram os órgãos de segurança do Estado (corrompidos, cooptados por criminosos, mal-equipados, mal-remunerados e despreparados) e a situação de impunidade, onde o Estado se mostra incapaz de punir os culpados, tem estimulado a ação de criminosos, que se organizam para a prática dos mais variados crimes, muitos destes, roubos, assaltos, seqüestros, homicídios, crimes de mando e extermínio de menores, homossexuais e prostitutas.

Diz o ditado popular: "a corda sempre arrebenta do lado do mais fraco". Assim, os mais marginalizados são vítimas "especiais" da violência: pobres, negros, mulheres, crianças de rua, homossexuais e prostitutas, são todos os dias violentados.

A violência no campo também obedece ao velho ditado e os latifundiários eliminam os que são empecílio para sua ganância de acúmulo de terras e expropriação do trabalhador rural.

A situação de violência generalizada se alastra e atinge ao jovem do meio popular também na família, onde enfrenta a violência do pai, na maioria das vezes, álcoolatra. Nas ruas, enfrentam a violência das *gangues* dos bailes, o perigo das balas perdidas e da violência da própria polícia e da ação dos justiceiros.

Assim, vamos retornando aos primórdios, onde a sobrevivência depende da "Lei do mais forte"; resistem aqueles que tem condições e formas de se defender.

É triste constatar que a violência dos marginais pobres se dirige contra outros pobres: mais uma vez é pobre contra pobre. Os poderosos perseguem os pequenos e os pequenos se agriem entre eles.

2.2 - A DOMINAÇÃO POLÍTICA

O termo "política" está relacionado ao exercício de alguma forma de poder e com a manipulação de interesses, geralmente interesses de classe.

Política diz respeito sempre à nossa vida individual e coletiva e está vinculada ao processo de formulação e tomada de decisões que, de alguma maneira, afeta a vida de toda a sociedade. A política, diz João Ubaldo Ribeiro, "é a condução de nossa própria existência coletiva, com reflexos imediatos sobre nossa existência individual, prosperidade ou pobreza, nossa educação ou falta de educação, nossa felicidade ou infelicidade²³".

Contudo, a política, enquanto espaço de exercício do poder do Estado, no Brasil tem sido, historicamente, o lugar ocupado pelas classes dominantes. A maioria do povo brasileiro é excluída das decisões sobre nossas vidas, nossos destinos. Apesar de contarmos com o instrumento valioso que é o VOTO, durante as eleições, votamos naqueles que irão governar defendendo os interesses da minoria que se apropria de toda riqueza produzida pelo conjunto da sociedade. Pouco este quadro tem mudado, mas predomina no poder os donos do capital.

²³ RIBEIRO, João Ubaldo. *Política - Quem manda, porque manda e como manda - 6ª ed., Nova Fronteira, RJ, 1981, p. 26*

Interessa para estas pessoas que continuemos como analfabetos políticos, como diz o poeta:

"O pior analfabeto é o analfabeto político.
Ele não ouve, não fala,
nem participa dos acontecimentos políticos.
Ele não sabe que o custo de vida,
o preço do feijão, do peixe, da farinha,
do aluguel, do sapato e do remédio
dependem de decisões políticas.
O analfabeto político é tão burro
que se orgulha e estufa o peito
dizendo que odeia política.
Não sabe o imbecil que da sua ignorância política
nasce a prostituta, o menor abandonado, o
assaltante e o pior de todos os bandidos,
que é o político vigarista, pilantra,
o corrupto e lacaio das empresas nacionais e internacionais²⁴".

2.3.DUPLO MOVIMENTO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Vale lembrar que toda esta realidade tem se produzido em nosso país, segundo Alba M. P. Carvalho, em "duplo movimento". Por um lado, ela observa a existência do que se pode chamar CULTURA DA MARGINALIZAÇÃO. Isto é, há um clima de perplexidade, de apatia, de conformismo, de naturalização da pobreza, da miséria, da violência. É uma posição de indiferença diante do caos social, levando as pessoas a voltar-se para a vida privada e a um descrédito e renúncia das formas coletivas de organização. Isto é bem evidente, segundo a autora, na dificuldade articular o movimento sindical, de investir na militância partidária de construir formas de luta coletiva. Ao contrário dos anos 80, hoje as pessoas parecem investir muito pouco na vida coletiva.

Mas, nem tudo é cultura da marginalização, individualismo. Segundo Alba, constata-se também, por outro lado, um aumento da sensibilidade social, um despertar da opinião pública para as questões da fome, da miséria. É uma mudança na sociedade brasileira que tem como marco a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida lançada pelo sociólogo Herbert de Souza.

Na economia, também percebemos sinais de esperança nas diferentes experiências gestadas pelos trabalhadores e trabalhadoras. Aqui e acolá, o que denominaríamos de produção alternativa.

2.4.SINAIS DE ESPERANÇA NA PRODUÇÃO ALTERNATIVA E POPULAR

Aqui e acolá vão pipocando novas formas mais justas de organização da economia e da produção. Chamam nossa atenção os assentamentos dos sem-terras, que, muitas vezes, tem máquinas e ferramentas juntos. Eles têm muitas atividades comunitárias em

²⁴ BRECHT, Bertold. O analfabeto político

mutirão e, sobretudo, compram juntos e dividem os lucros, às vezes, parcialmente. Além do mais, há neles uma preocupação com o meio ambiente, o uso de adubos naturais, a venda dos produtos para as periferias das cidades por um preço menor, numa postura de solidariedade entre pobres do campo e da cidade.

Cada vez mais numerosas são também as cooperativas populares de produção urbana: desde pequenas fábricas, em que cada um põe seus recursos para começar, constando, às vezes, com verbas de entidades sociais. São fábricas de vassouras, sabão, tijolos, roupas, artesanato, química, máquinas. Trabalha-se junto, decide-se e gasta-se junto, as tarefas são dados pelo grupo, os lucros são repartidos, os produtos vendidos sem atravessador. Neste mesmo estilo, funcionavam oficinas comunitárias, com lucros industriais, cooperativas de pesca, agrícola, reciclagem de lixo (cerca de duas mil pessoas no Rio de Janeiro sobrevivem da coleta e separação do lixo domiciliar)²⁵, serigrafias... Ajuda muitos novos modelos de economia as compras comunitárias, onde se compra por atacado, direto do produtor, há enormes vantagens de custos menores.

Vender para associações européias de "comércio justo e igualitário" que pagam os produtos de acordo com o seu valor real.

É evidente a importância da força dos sindicatos que defendem os direitos dos trabalhadores: todos sabemos que cresceram muito e são uma força econômica capaz de organizar greve, influir nas leis e na política... Aumentaram, também, os sindicalizados.

Como uma etapa importante, consideramos, também, a participação dos operários nos lucros de algumas empresas mais progressistas, abertas para uma social-democracia. Cada vez mais, também, as forças populares entram em cargos legislativos para, daí favorecer as cooperativas de base, a base a produção comunitária, a microindústria, cobrando investimentos e incentivos fiscais.

Apesar de estarmos no começo de uma nova organização econômica já, vemos os primeiros frutos, na certeza da gradual transformação.

3 - DIANTE DA CULTURA DA OPRESSÃO A RESISTÊNCIA POPULAR

3.1 - NA ESCOLA A IDEOLOGIA DOMINANTE

Muitos de nós, jovens do meio popular, no campo e na cidade, não podemos estudar por falta de escolas e vagas. Destina-se muito pouco para educação, nos orçamentos federais, estaduais e municipais. Os professores nem sempre recebem uma capacitação adequada. Ganham pouco e muitos não gostam de lecionar na roça ou nas periferias por falta de incentivo, condições de trabalho e boa remuneração. A escola, desde o primário até faculdade, sua cabeça dentro da ideologia do sistema opressor. O método é aquele do "ensino bancário" (cf. Paulo Freire), o qual considera o aluno um balde vazio que tem que ser preenchido com "saber" dos que se julgam sábios. Não se estimula a criticidade do aluno. As escolas particulares tem um bom nível de ensino geral e específico, mesmo reforçando o sistema, mas o problema é o altíssimo custo das mensalidades.

Ademais, estudamos em escolas precárias, caóticas, deficitárias, com ausências e reposições em épocas de férias e com programas que não partem de realidade dos jovens empobrecidos.

²⁵ *Jornal do Brasil*, 29.12.94

De novo, ficamos à margem do saber que é controlado pelo capital e obedece cada vez mais às idéias neoliberais, no intuito de manter o povo desinformado e conformado com a opressão-exclusão.

A maioria de nós que estuda também tem que trabalhar para manter os estudos e ajudar a família.

Quando alguns de nós atinge o nível médio, somos obrigados a abandonar os estudos para trabalhar ou **enfrentar uma faculdade particular, à duras penas**, pois sabe-se que, a cada dia, as mensalidades são mais abusivas. E nós **não temos acesso às Universidades públicas, justamente porque, nestas, teríamos que disputar, uma concorrência injusta**, com milhares de outros e, ainda assim, sermos desclassificados por não termos sido preparados adequadamente nas escolas onde estudamos.

"Assim, dentro da escola, os filhos dos trabalhadores são, geralmente, rotulados como: alunos pobres, carentes, baixa renda, QI baixo, etc., considerando o fracasso desses alunos numa visão patológica, por causa da subnutrição crônica, num processo conformista que acarretaria a carência de aptidões, falta de criatividade e baixo nível intelectual. **Atribuem-se, assim, às crianças e jovens das camadas populares, deficiências várias, como se fossem menos dotados ou incapazes.** Há grande perigo nessa idéia, pois é negar ao ser humano a capacidade de superar dificuldades e de desenvolver a crítica em relação ao mundo. O desenvolvimento da consciência crítica, sem dúvida, ameaça as elites detectoras de privilégios²⁶".

As constantes críticas às nossas deficiências, desde crianças, nos levam a um processo de **autodesvalia** (menosprezo por nós mesmos). Isto é característica de nós, oprimidos: assimilamos e assumimos aquilo que, de nós, pensam os opressores. De tanto ouvir pelos poderosos que somos incapazes, que não sabemos nada e nem aprendemos, que somos doentes, acomodados, preguiçosos, acabamos nos convencendo de que somos incapazes...²⁷ Uma característica de muitos jovens pobres é reprovar e repetir a mesma série várias vezes até se cansar e ficar semi-analfabetos.

3.2 - CULTURA ENLATADA

Estamos sendo invadidos por uma parafernália de culturas estrangeiras, principalmente do Norte do mundo. Deixamos de valorizar e participar das nossas culturas populares.

Se lançarmos um olhar sobre os costumes ou a moda e onda de nossa população, principalmente de nós, jovens, veremos que nossa cultura está mudando e está sendo totalmente esvaziada.

Nas roupas de muitos colegas jovens está escrito algo em língua estrangeira..., porque nos faz ser modernos...

No comer, o que vale é comer "cheeseburger", ou "hamburger", ou qualquer coisa assim... Nossa cultura está sendo minada, transformada, destruída.

É claro que a dependência econômica, que experimentamos é também causa do esvaziamento de nossas riquezas culturais, porque a dominação-opressão capitalista atinge toda a nossa vida.

²⁶ LEIBRUDER, Marly. *Juventude e Dominação Cultural - EP, SP, 1982, p. 117*

²⁷ *idem, p. 119*

Passamos a curtir essa invasão através dos MEIOS DE COMUNICAÇÃO, não nos preocupando em distinguir entre músicas latinas e caribenhas (lambada, reagge, etc.) que são fruto de nossa realidade latinoamericana (grupos Chiclete com Banana e Banda Reflexu's), das norteamericanas (funk, rap, rock, house, country music). **A origem de algumas dessas músicas do primeiro mundo é de uma época de contestação. Entretanto, o sistema capitalista e neoliberal conseguiu cooptar essas músicas de maneira que sirvam para seus interesses, explorando o pós-modernismo.** Para nós, tais músicas não chegam com o mesmo tom contestador, fazendo assim, que não haja ação transformadora e sim, uma ação alienante que amplia o imperialismo cultural capitalista.

3.3. CULTURA PARA A ELITE

Nas novelas de TV, nas propagandas nos programas sofisticados, assistimos imagens da vida dos brasileiros privilegiados. Os meios de comunicação são especialmente feitos para aqueles que tem poder aquisitivo. Porém, os programas, que quase não falam nada da pobreza do Brasil e do mundo, servem também - na ótica deles - para nós, das classes populares, por que nos fazem sonhar com o mundo dos poderosos, esquecer a opressão e nos conformamos com ela. É como se fizéssemos uma "viagem da droga" e fôssemos com a fantasia em lugares maravilhosos, salas aconchegantes, países fantásticos, locais de esporte e prazer de primeiro mundo, aparelhos sofisticados, ficção...

Temos pouco acesso a livros, teatros, cinemas e outras expressões culturais de alto nível, brasileiras ou estrangeiras, por falta de recursos e oportunidades. Uma das causas de nossa distância da cultura "de elite" é que suas manifestações, shows, espetáculos, eventos se dão no centro das grandes cidades e à noite; a gente mora longe desses centros... É mais um problema pra nossa cabeça! Com que dinheiro ir assistir a um bom filme, ter um videocassete, ir ao teatro, comprar livros de literatura nacional e internacional ? A nível da música também, há a música popular "de elite", bonita, profunda, crítica, humanizante, mas não temos dinheiro para assistir ao vivo ou para comprar toca-fitas e fitas, discos e toca-discos (**E os CDs ?**)... Outra discriminação...

3.4 - A RESISTÊNCIA NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS BRASILEIRAS

Para além de alguns aspectos conservadores que bem conhecemos (machismo, autoritarismo, sentimentalismo, conformismo político...), as culturas brasileiras populares de massa expressam e nos ensinam muitos valores, são resistência contra o imperialismo, cultura norte-americano em favor da alegria e da fraternidade.

Elas são sagradas pelas riquezas morais que conservam há séculos, cheios de sabedoria. Muitos de nós, jovens do meio popular, gostamos também de nossa música: há uma verdadeira redescoberta das canções sertanejas e populares, do samba e do pagode . Afirmam-se, então, as culturas dos povos pobres com sua carga de resistência às opressões culturais e com suas autonomias regionalistas (folclore local). Vivemos um entrelaçar-se das culturas. Essas raízes se expressam em várias religiões e culturas. Entre elas, destacam-se: afro-brasileiras, indígenas e sertanejas.

3.4.1. - A FORÇA AFRO-BRASILEIRA

Chamamos de cultura afro-brasileira o conjunto dos valores, arte, costumes, ritmos que, trazidos pelos escravos negros, se moldaram aqui no Brasil, no encontro com outras culturas.

As culturas afro-brasileiras sobreviveram a séculos de escravidão e mantiveram pontos de união no nosso país, apesar da cruel separação de famílias e tribos. As religiões afro-brasileiras percorrem o Brasil de ponta a ponta. Dos africanos, destacam-se, sobretudo, os nagôs (yorubas), originários da Nigéria e os bantos, vindos de Angola, Moçambique e Zaire.

Os nagôs introduziram os braceletes, argolões, saia rodada, xales, listras (p. ex., as belas baianas)... Dos instrumentos domésticos lembramos o pilão, as peneiras, as colheres de pau. Vários são os instrumentos musicais introduzidos: atabaques, agogô, afoxé. Deles, vem as religiões do Candomblé da Bahia, Xangos de Recife, Batuque de Porto Alegre.

Os negros bantos trouxeram numerosos instrumentos musicais, tais como a cuíca, o berimbau, a marimba. Interessante é a Capoeira de Angola, luta de defesa que tornou-se dança e muitos entre a gente praticam... Traços religiosos bantos encontramos nas macumbas do Rio de Janeiro e em Minas Gerais e nos terreiros de Quimbandas e Umbandas em São Paulo.

Orgulhamo-nos das nossas danças afro: samba, maculelê, afoxé, pagode, frevo... Gostosas também são as comidas: vatapá, caruru, acarajé, mungunzá, feijoada, tapioca, sarapatel, pimenta malagueta, ...

As repúblicas de nossos ancestrais negros que fugiam e se libertavam da escravidão se chamavam Quilombos, lugares de resistência e de justiça.

Destacamos, ainda, nossa rapidez de ritmo, de atletas, de futebol; o valor da corporeidade, do carisma, da alegria, da liberação de energia, de felicidade, de hospitalidade e fraternidade (sentimento de ribo, coletivo, família). A riqueza dos trajes, símbolos, cores, expressam a beleza de uma festa sem fim!

3.4.2 - AS RIQUEZAS TUPI-GUARANI

Nossas duas grandes etnias são tupis e guaranis.

Muitos de nós somos descendentes ou mestiços índios.

Há muitos mitos: Iara, Curupira, Caipora, Roitatá, Saci-Pererê.

Nossos "pais" índios, verdadeiros moradores originários do Brasil e da América Latina, além de caçar e pescar para viver, cultivavam milho, mandioca, batatas... Deles, vem o prazer de tomar banho freqüentemente, o emprego do sapé, folha de palmeira e de barro na construção da casa rural, a colher de pau, as redes de deitar, as cabaças de coco para beber água, as moringas e potes de barro. Deles, também, é o emprego da armadilhas como a arapuca para caçar aves.

Na alimentação, nossas raízes indígenas se expressam no milho cozido e assado, mandioca, pirão, beiju, farinha de pau, canjica, pamonha. Na agricultura, a partir deles fazemos a queimada para preparar o solo para o plantio. Na organização social, o **mutirão**, que nos veio dos índios para roçados, plantios e construções. Centenas de palavras e nomes de localidades são índios, tipo "igapó" (mato alagadiço), "igarapé", (riacho), "tapera" (local abandonado), ...

Nas celebrações religiosas, como nos Candomblés de Caboclo e no Catimbó, o uso do fumo em seu rituais é um traço de nossa cultura indígena. Há muito artesanato. Na música, as danças se caracterizam pela batida dos pés: catira, cateretês e xaxado resultam da influência índia.

Bumba-meu-boi, Maracatu (S. Luiz-MA, Natal-RN e Recife-PE) e Marujada, são ritos caboclos (índio mais negro). Os cocares dão a beleza e majestade.

Destacamos a fé no grande pai Tupã, admiração e conhecimento da natureza, o respeito pela vida, o gosto pelo artesanato, a simplicidade e a serenidade, o uso de plantas medicinais como remédio.

Os guaranis, no sul do Brasil e no Paraguai, desde 1700 se organizaram em verdadeiras repúblicas autônomas de Portugal, com agricultura, artesanato, autoridades escolhidas por eles mesmos, com mandato a prazo limitado.

3.4.3 O SERTANEJO E A INFLUÊNCIA PORTUGUESA

Não falamos aqui tanto dos senhores e dominadores, mas dos brancos e mestiços de brancos que povoaram o interior, sertão, cidades coloniais, sendo, também, gente simples e humilde, criadora de culturas populares mescladas. São desde componente popular (de origem portuguesa) às casas de varanda, as construções com adobe, barro amassado com água, a pombinha, como ornamento no ângulo; os dos telhados, as figuras do presépio, o crochê, as carroças e os carros de boi nos transportes, brincadeiras e lendas para as crianças, o catolicismo popular com as confrarias, as rezas, as festas de Reis, Santa Cruz, as festas juninas, a festa do Divino, o terço, as devoções, as novenas, as promessas...

Expressamo-nos por esta cultura sertaneja nas grandes músicas sertanejas e caipiras (Gonzagão, Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo...) e nas danças (baião, xote, carimbó, forró, quadrilha, vanerão, fandango, frevo...).

Com relação às comidas, lembramos de angu, bolo de milho, feijão tropeiro, pão, bolachas de salomônico, tudo muito utilizado por nós, jovens do meio popular...

Destacamos nosso amor pela agricultura, pecuária, animais domésticos, festas sertanejas, música-dança-romantismo dos casais sonhadores, trovas e estórias...

3.5. - O DESAFIO DE MANTER NOSSA RIQUEZA CULTURAL

Essas são algumas das culturas a que temos acesso desde pequenos. É em nosso meio, no campo e nas periferias, que tais culturas resistem e sobrevivem.

A nós, juventude do meio popular, é confiada esta herança que a modernidade e a pós-modernidade querem anular. Muitos de nós já esqueceram as origens, as raízes, o folclore de suas regiões: tem vergonha da negritude, dos ancestrais indígenas, do mundo simples, austero e festivo da roça e do sertão. No entanto, somos frutos, filhos, rebentos destas culturas, o ar que respiramos, a força de nosso viver, os princípios que poderiam bem nortear e dar coerência e identidade ao nosso agir. A busca do novo faz com que a gente jogue fora o antigo, que ensinou às gerações a sabedoria do Ser Supremo, a poesia do luar do sertão, a alegria da partilha e da convivência, a coragem de suportar o sofrimento, o heroísmo de nossas mães, a esperteza para se defender dos senhores, dominadores, europeus, brancos, mascarados de cristãos.

Esta nossa cultura é um baluarte contra as calamidades do imperialismo cultural norteamericano, o navio que pode nos levar à salvação econômica, social, política e teóloga-religiosa.

A negação das culturas populares nos deixa pelados, cheios de frio, expostos ao neocolonialismo cultural, à escravidão cultural feita de falsa felicidade e egoísmo próprios do capitalismo.

Por isso é importante estar atento às palavras do Papa João Paulo II: "A consciência, mediante os valores morais, opõe o selo mais expressivo na vida das gerações, na histórias e na cultura dos ambientes humanos, das sociedade, das nações e de toda humanidade²⁸".

"Pela educação familiar participais numa determinada cultura, participais também na história do povo ou nação vossa... Devemos fazer tudo aquilo de que somos capazes para assumir esta herança espiritual, para consolidá-la, para conservá-la e para desenvolvê-las. Está nisto, uma tarefa importante para todas as sociedades, de modo especial talvez, para aquelas que se encontram no início de sua existência autônoma, ou então, **para aquelas que devem defender esta mesma existência e a identidade essencial da própria nação dos perigos de destruição vindos de fora ou de decomposição vindos de dentro**²⁹".

Estamos como povo, como indivíduo do meio do popular, diante da encruzilhada. Precisamos escolher, ou melhor, aceitar o bom que tem no novo sem perder a grandeza do antigo. Será que nosso heroísmo e avanço está em aceitar tudo o que vem do norte do mundo e ser robotizados ou em manter a doçura de tantas culturas, gírias, artes e costumes que garantem laços de fraternidades?

3.6 - MPB - UM CANTAR BRASILEIRO

Manifestações culturais e de protesto contra o sistema dominante aconteceram no Brasil. Na década de 60, houve a explosão dos movimentos estudantis e a resistência ao governo militar. Nessa época, cantores e compositores brasileiros protestavam em forma de canções. Era a "**Tropicália**" e a "**Bossa Nova**", com Gilberto Gil, Caetano Veloso, Chico Buarque, Edu Lobo, Maria Bethânia, Nara Leão, entre outros. As juventudes empobrecidas, marginalizadas, lotavam praças e ruas vestidas com camisetas e broches em forma de protesto e sabiam cantar todas as canções.

O movimento de protesto fazia-se necessário. E tudo começa com os Novos Baianos, banda formada por 7 jovens baianos que tinham como objetivo principal resgatar a MPB dos tempos de Carmem Miranda. Cantavam o puro samba, viviam em comunidade, sobre o mesmo teto, fato que causou graves escândalos na época pelo fato de o grupo ser composto por somente um componente feminino: Baby Consuelo (**agora, Baby do Brasil**). Eram adeptos do movimento *hippie* e pregavam a paz e o amor com liberdade. Cantavam sucessos como "Aquarela do Brasil" e também faziam parte da banda: Alceu Valença, Pepeu Gomes, Moraes Moreira e Paulinho Boca de Cantor.

Daí, surgiram os grandes "Doces Bárbaros", formada pelos maravilhosos baianos Maria Bethânia, Gal Costa, Caetano Veloso e Gilberto Gil. Mais tarde, Caetano e Gil

²⁸ JOÃO O PAULO II. *Carta apostólica do papa aos jovens e à s jovens do mundo por ocasião o do Ano Internacional da Juventude* - p. 08

²⁹ *idem*, p. 17

lançam o Tropicalismo no intuito de cantar a realidade misturando desde samba até bolero e tango argentino.

A Bossa Nova vem com tudo, tendo como intérpretes Chico Buarque, Elis Regina, Nara Leão e Vinícius de Moraes; todos que, com violão e piano, voz macia e tímida, cantam a esperança de uma sociedade justa.

Um grande casal revolucionário e libertador que sempre cantou o amor e a vida justa surge: Zé Ramalho e Amelinha. Ele grande compositor, muito conhecido pela canção "Admirável Gado Novo", nos abre os olhos para este sistema opressor. Ela, nos encanta com a música "Foi Deus Quem Fez Você", nos mostra a poesia da luta pela liberdade.

Nesta mistura de rimos temos Fagner que, com sua fala encantadoramente nordestina, canta ritmos latinos sem pestanejar ao lado de Mercedes Sosa. Milton Nascimento também canta espantando os males da opressão e é conhecido pelo mundo todo.

Nos ritmos afros temos a branquinha mais negrinha da Bahia: Daniela Mercury, conhecida como "Furacão da Bahia" pelo mundo, além da Banda Olodum, que teve participação especial no disco de Paul Simon, fazendo ser negro aquele que ouve o seu ritmo contagiante. Mas, quando falamos em negra guerreira, temos que nos referir à Clara Nunes, que cantava como negra e aos negros.

Outro grande poeta-cantor da realidade e da vida em sua plenitude foi Cazusa. Exemplo de luta pela vida, pequeno grande homem que nunca será esquecido porque fez parte do nosso show. Protestou até o último minuto de sua vida para nos ensinar que viver é aproveitar totalmente a oportunidade da existência dada por Deus.

A MPB tem uma riqueza infinita, de centenas de cantores e compositores, misturando gêneros neste país, numa riqueza, melodia, sinfonia infinitas. Somos o país mais musical do mundo e nós, jovens do meio popular, também, pois já temos em nossa classe tantos jovens autores como Zé Vicente do Ceará.

E, por fim, vamos nos lembrar daquele que já se esqueceu da própria identidade por culpa desta sociedade sem alternativas e que um dia nos convidou para curtir as flores, luzes e canções dizendo que "... quem sabe, faz a hora; não espera acontecer", o grande Geraldo Vandré.

3.7 - O BRASIL TOCA SUA GUITARRA

Desde o fim dos anos 60, em que explodiu o rock norteamericano, inglês e europeu como revolução juvenil mundial (alicerce do pós-moderno), houve repercussão e aculturação brasileiras. O próprio movimento "iê-iê-iê" criado pela mídia (Roberto Carlos) para a massa seguia o rock sem contestar.

Mas o grande profeta do rock brasileiro dos anos 70 foi Raul Seixas, com músicas de protesto e sátira camuflada contra o regime dos militares. Ele é um símbolo do rock mais autônomo, nacionalista e libertador.

Nos anos 80, a produção de rock brasileiro aumenta com o Grupo Titãs (RJ-SP) interpretando o protesto ora calmo, ora pesado, ora popular, ora de classe média, mas sempre revolucionário. Surge, também, os Engenheiros do Hawaí, gaúchos que ficam conhecidos por todo o Brasil.

Mais recentemente, temos o grupo Sepultura (1 milhão de discos vendidos nos EUA) e os Ratos do Porão que representam o Heavy Metal, o rock pauleira, bastante

violento, porta-voz dos jovens de classe média revoltados contra-pais-adultos-sociedade; música sem muito sentido, violenta, barulhenta combinada com drogas...

Nós, jovens empobrecidos, não gostamos geralmente deste tipo de rock. Ao invés, tem boa aceitação entre nós o "Legião Urbana" com canções evangélicas e mensagens de esperança um tanto quanto revolucionárias. Nisto tudo, vemos que o rock entrou profundamente em nossa classe jovem e popular: veio para ficar. Ele pode tanto alienar-nos como denunciar, anunciar, libertar. Portanto, depende de quem e para quem compor ritmos e palavras. Foi iniciado pelos Beatles.

O PUNK, nascido na Inglaterra, onde os jovens ficam se batendo e machucando, com predominância na classe média, é mais branco, traz neonazismo e neofacismo em seus conteúdos.

3.8 - O PROTESTO NO RAP BRASILEIRO

Há cerca de 15 anos atrás, iniciou-se o "rap" nos Estados Unidos, pelos jovens negros pobres das periferias. Provém do FUNK, é texto quase falado, gritado, de protesto mesmo.

O DJ Thaíde aqui no Brasil foi um dos pioneiros surgindo há 10 anos e que fala de nós da periferia, da favela, dos becos e ruas. São textos longos, às vezes, inventados na hora, nascido mais do eixo São Paulo-Rio de Janeiro e hoje difundido por todas as capitais do país. Quem gosta de rap, na maioria, não gosta de rock. O rap é coerente conosco empobrecidos, é protesto político mesmo, atirando em todas as direções, assim como faz atualmente Gabriel, O Pensador. É condenado o racismo, a discriminação, repressão e exploração. A gente gosta e só tem a ganhar. O Rap casa bem com o samba e, muitas vezes, os dois estão juntos. O Funk que está na origem do Rap, é mais dançante alegre mas não foi brasileiro. Funk e Rap, partidos dos negros, não pregam drogas. Em geral, são conteúdos bons.

(A grande repercussão no Rio de Janeiro e os artistas alienantes como Claudinho e Bochecha e Pepe e Nenem, que, apesar de ter vencido na vida, não transmitem mensagem de transformação)

4. O JEITO DE SER DO JOVEM DO MEIO POPULAR

Temos uma maneira própria de ser, de pensar, de viver a afetividade e a sexualidade. **Sabemos que existem, por parte da classe dominante e de sua moral, restrições quanto ao nosso jeito de viver.** O modo como está organizada a sociedade capitalista influencia profundamente a nossa vida pessoal, familiar e afetiva. Esta mesma sociedade nos classifica de promíscuos, bêbados e imorais, etc. A partir de seus padrões familiares, ela diz que nossas famílias são desagregadas, desajustadas.

Vivemos como juventude empobrecida e desencantada, uma mistura de realidades sociais negativas e positivas e de realidades pessoais (individuais) influenciadas pela sociedade e pelos Meios de Comunicação Social...

Desejamos nos realizar amorosamente, intelectualmente e profissionalmente mas, como esbarramos na marginalização, não conseguimos alcançar os sonhos pessoais. Daqui nasce a **angústia existencial**, da exclusão; é o vazio de não ser e não nos sentirmos valorizados.

Creemos que o sistema em que vivemos não presta: por outro lado, não estamos acostumados e não temos espaço para socializar as riquezas e pobreza individuais; assim, às vezes, não encontramos uma saída, caímos no desânimo e nos fechamos.

A reação mais comum é "SE VIRAR" : "cada um por si e Deus por todos". Típica do **pós-modernismo** é a contestação de tudo que é imposto em função da LIBERDADE INDIVIDUAL. Fazemos... o que achamos e deixamos que os outros façam o que acharem melhor, dentro dos limites de nossa pobreza.

Nisto há, porém, um valor, o resgate da **subjetividade**. Na rodinha de amigos do nosso meio popular, nos bailes da vida, nos encontros, somos autênticos, somos aquilo que somos e deixamos que os colegas o sejam também. O ponto CRÍTICO de nossos desafios pessoais, enquanto jovens do Meio Popular, está na comunhão entre nós, na fé, no esforço de resgatar e construir alternativas e novos modelos políticos humanizados.

4.1 - OS TRAÇOS EMOTIVOS

Seja pela realidade cultural do pós-moderno, seja pelas pancadas que levamos na vida, nossas reações e sentimentos estão à flor da pele. Tantos problemas, angústias, privações nos fazem ser extremamente sensíveis. Em horas, a gente ri satisfeito numa festa, numa vitória de futebol, no teatro popular, na celebração de eventos...; com a mesma intensidade, ficamos tristes e choramos diante da comida escassa, do desemprego e das demissões, do vazio e do insucesso na escola, da carência do carinho num submundo de drogas, violência, alcoolismo, brutalidade. Carregamos fome, bloqueios, carências, mágoas desde a infância, o que nos faz ser muito frágeis e sensíveis atrás de uma aparente casca dura... Por outro lado, esta sensibilidade nos abre ao " belo", à natureza, a corresponder ao afeto que nos é doado, à admiração pelos traços culturais, pela arte, natureza, artesanato e novidades da moda, música, etc...

4.2 - A RELAÇÃO NA FAMÍLIA

Nossas casas não são lugares de convivência, intimidade e aconchego. Nelas, apenas descansamos das pesadas horas de trabalho e, assim mesmo, nosso descanso é muito precário por não termos nenhum conforto.

Em muitos lares, não há diálogo entre os pais e nem entre nós, filhos.

O relacionamento familiar influencia muito a formação de nós, jovens do Meio Popular. Contudo, de nossas famílias quase todas são conflitivas, devido aos problemas sociais (desemprego, miséria, etc.).

O alcoolismo, o machismo, a infidelidade, as brigas, os espancamentos, tudo isto cria um clima de revolta e dor e leva-nos a não acreditar mais num certo modelo de família. Trata-se de um modelo de família ultrapassado, onde os adultos estão fechados às inovações que vêm dos jovens, onde se tenta impor projetos aos filhos, **onde os homens não participam das tarefas domésticas**. Porém, é confortante saber que apesar de tantos problemas, há jovens que ainda se mantêm firmes e conseguem formar famílias sólidas.

A necessidade de nossos pais trabalharem, às vezes em até dois empregos, tira o pouco tempo que eles têm para a família. Não podem dar atenção devida ao nosso

crescimento e educação. Por causa dos problemas sociais, muitos de nós precisam trabalhar desde a adolescência, **quando não desde a infância**.

Os jovens portadores de deficiências físicas ou mentais sofrem muito, pois a maioria das famílias não têm estrutura psicológica e financeira para cuidar devidamente dos mesmos e o governo não dá nenhuma ajuda.

Em nosso meio há também **mães solteiras**. Das 1,5 milhões de crianças que nasce por ano no Brasil, 1 milhão são filhas de adolescentes³⁰.

Em um ou outro caso, a família acolhe a jovem-mãe, mas uma boa parte é posta para fora de casa, ficando a mercê da sorte e tentando vaga em alguma entidade ou indo morar em algum prostíbulo.

Conta uma jovem de Belém: "Minha mãe juntou-se a um homem e foi embora. Deixou eu, minha irmã nova e um menino na rua. Eu tinha 13 anos. Dormindo na rua, me desonraram. Recebi proposta de um homem para trabalhar na casa dele, eu fui e fiquei lá até a minha mãe voltar. Não fico em casa, vou lá, levo dinheiro, mas não fico em casa. Fico no meio da rua e durmo em qualquer canto. Desde a minha desonra, eu passei a me encontrar com homens só para ganhar dinheiro. São pessoas idosas que me procuram. Eu saio até três vezes por noite. Eu não gosto dessa vida. Mas sair, de quê jeito ?³¹".

4.3 - A VIVÊNCIA DA NOSSA SEXUALIDADE

Com relação à sexualidade, nós, jovens do meio popular, aprendemos pouco com os pais e mais nas ruas (às vezes, de maneira inconseqüente). Desde os 13 ou 14 anos temos contatos sexuais, tanto visuais como físicos.

A classe social influi na sexualidade. Dentro da mesma classe trabalhadora, há diferenças. "Existem grandes diferenças entre a sexualidade dos camponeses e dos operários; no mundo urbano, começam a cair os tabus da virgindade e do aborto; o prazer e o amor não estão mais dissociados, indicando, por isso mesmo, uma queda do duplo padrão da moralidade, uma das características do machismo tradicional. A homossexualidade começa a ser aceita; a masturbação, contudo, permanece no mesmo nível de aceitação entre homens e mulheres dos que no campo, indicando que ela é bastante praticada no campesinato e no operariado, mais pelos homens do que pelas mulheres³²".

Notamos que em nossa juventude empobrecida, há contatos sexuais feitos por amor, carinho, afeto e respeito pelo outro. Porém, **muitas relações sexuais acontecem por puro impulso**, não são feitas por amor. Em alguns casos, as conseqüências destes atos são totalmente destrutivas e quase irreversíveis.

Daí, nasce uma frustração crescente. O usar do outro para mera satisfação de instinto gera profundas decepções.

Quando conseguimos um tempo maior para nos curtir, um pouco de dinheiro para fazermos um programa e termos momentos de privacidade, podemos expressar melhor nosso amor, carinho e afeto um pelo outro.

4.4 – NAMORO - ENCONTRO E DESENCONTRO

³⁰ Revista Família Cristã, N.º 655, Mai 1991

³¹ Revista Mulher - Libertação, N.º 20, 1990

³² MURARO, Rose Marie. Sexualidade da mulher brasileira - Corpo e Classe Social no Brasil - 4ª edição, Ed. Vozes, Petrópolis, 1983, p. 304

Os namoros começam, em grande parte, com o simples flerte, o olhar sensual, os bailinhos, a dança, o beijo. Daí, vai se sentindo aquela necessidade gostosa de estar com o/a outro/a, o chamego sentindo a paixão e, enfim, o amor.

Contudo, as dificuldades cotidianas da vida impedem a vivência aberta e tranqüila da afetividade com todo o desembaraço, liberdade e criatividade desejáveis³³. Entre elas, merece destaque **o machismo, o preconceito e as discriminações (raciais e econômicas) que destroem os namoros**; os ciúmes, as intrigas, levam à perda da amizade.

No namoro, a sexualidade vem se constituindo um conhecimento pré-matrimonial. É pena que alguns banalizem este aspecto, abusando do sentimento das outras pessoas.

4.5 - UM JEITO AMIGO DE SE RELACIONAR

Sentimos um desejo muito alto e forte de amizade, de socializar, de termos amigos sinceros e de nos encontrar para discutir assuntos de nossa realidade. Reunimo-nos em vários tipos de grupos populares, como grupos de igreja, roqueiros, pixadores, times de futebol, baloeiros, *gangues* de rua, *skatistas*, *punks*, etc.

Os objetivos destas uniões são os mais variados. Reunimo-nos pelo simples fato de gostarmos da mesma música, para curtirmos um esporte radical ou porque gostamos de trabalhar em grupo.

Sentamos para discutir maneiras de se mudar a sociedade, politicamente ou pela rebeldia. Por sermos oprimidos, discutimos sobre os conflitos que temos com a sociedade, a família, a polícia.

4.6 - A DIFÍCIL BUSCA DA DIVERSÃO

Nós, jovens do Meio Popular, temos pouco dinheiro, pouca infra-estrutura de lazer nos bairros, poucas oportunidades de diversão. Falta-nos tempo e meios. Ficamos com angústia e saudades insuperáveis.

O que nos resta nos finais de semana, após termos sido escorraçados a dias, é **jogar uma bolinha com os companheiros**, uma partida de vôlei, ir ao boteco beber uma cervejinha, fazer alguma compra, se preparar para festinhas e bailinhos...

Em casa, temos que por em dia as coisas atrasadas tais como a roupa suja para lavar, a pintura de cal na casa, uma telha que o vento rachou, o mutirão na casa do vizinho, a construção de nosso barracinho, etc...

Às vezes, quando "sobra" um dinheirinho, saímos dos nossos bairros e vamos ao zoológico, ao cinema, ao parque, à praia. **A infra-estrutura esportiva da cidade é burguesa, os preços são exorbitantes e os ambientes, então, são altamente excludentes.** E aí, o que fazer? Para onde ir senão encher a cara no boteco da esquina, entrar numa danceteria?

Nas cidades pequenas, nos restringimos a dar voltas nas pracinhas, uma pelada, jogar uma dama, dominó ou baralho. **No meio rural, o que nos atrai são as festas típicas e populares, forró e procissões.** Ficamos na porta da igreja paquerando, ou

³³ ANDERY, A. Alberto. *Idem*, p.35

então, nos reunimos com os outros/as jovens nos grupos de comunidade ou paroquiais, onde, a partir de dinâmicas e jogos coletivos, tentamos manter nosso momento de lazer.

Alguns não têm acesso a estes nossos "lazer" ; **há jovens que mesmo nos finais de semana ficam fazendo bicos para ter um pouco mais de dinheiro e garantir a comida de amanhã.** Para meninos e meninas de rua, o lazer é substituído com o risco, a ousadia, o perigo e a rebeldia.

Ao perdemos estes momentos de recreio, vamos ficando amargos, entristecidos, perdemos nossa razão de viver, pois tudo gira em torno do trabalho e mais nada. Como consequência disso, caímos nas drogas, no suicídio, na negação dos nossos valores mais profundos, inclusive da existência de Deus. **Os nossos encontros de igreja, com suas dinâmicas, confraternizações, jornais, piadas e apelidos, são um momento forte de festa.** Shows, bailes, dias culturais e celebrações religiosas, comemorações de massa são muito bem aproveitados e nos animam a lutar por novos ideais.

4.7 - A TEATRALIDADE DA VIDA

A vida é um grande teatro. O teatro não é uma mentira. Pode ser uma ilusão ou uma grande confusão, porém cheia de verdades e contradições. Nessa imensa arena estão, no mesmo espetáculo, os pobres e os ricos, os brancos e os pretos, os bonitos e os feios, etc. É assim na festa da padroeira, no futebol, no forró, na procissão. Cada um com seu interesse, torcendo, cantando ou rezando. É a teatralidade da vida. Podemos dizer, é o espaço vital da pessoa. Sem ele, não existimos.

No meio popular, acontece tanta coisa que faz parte da teatralidade da vida, como por exemplo, a menina-moça, que esconde de todos a gravidez com a barriga aparecendo; o rapaz que esconde sua doença; o casal que não quer revelar o seu amor. Todos estão vendo, falando, mas os sujeitos "negam" tudo. Uma mentira ? Não. É a vivência do espaço vital, a teatralidade.

A participação das pessoas, dentro do mesmo espaço coletivo, que, por vezes, confunde-se com sujeito também social, faz com que estejam juntos nas festas, atos religiosos, no futebol, no trio elétrico, na quadrilha de São João, etc., o opressor e o oprimido, o revolucionário e o machista, o vanguarda e o conservador, chegando até a dançarem, rezarem, cantarem de braços dados num único templo, pois, em comum têm o clube, a religião e o Deus.

E os mistérios individuais, particularidades de cada um ? As paixões, as convicções políticas, as discordâncias, os rachs, as práticas afetivo-sexuais... que ficam guardadas dentro da pessoa ? Uma mentira, uma conveniência Podemos dizer, uma teatralidade vital, para continuar vivendo.

É como cantou o poeta:

TEATRALIDADE PARA VIVER

A Teatralidade da vida
faz o povo viver.
O povo rico com suas fantasias
carro, anel, dinheiro, luxo.
O povo pobre com seus fantásticos sonhos,

mundo irreal, embora concreto.
Passividade, moleza (?)
"Mentira" sobrevivente.
Às vezes, um santo, um padre
um milagreiro, um craque
um mentiroso político
ajuda essa teatralidade.
Teatralidade para viver
senão, não vivem.
Tanto para ricos como pobres.
Criam máscaras, medo do conflito
para não manchar o espetáculo
- Eu voto no senhor, aceite um café ?
Pode sentar, diz o outro.
É o jogo da sobrevivência.
Amanhã o café será retribuído
com um favor político,
com um emprego, uma casa,
a secretária de uma secretária,
uma obra para efetuar,
a direção da escola,
as camisas do time de futebol,
o nome de um monumento.
É o jogo da sobrevivência.
O rico com seus interesses.
O pobre com sua "famititude".
Para enfrentar a urna
embora com tanta "mentira",
a teatralidade da vida
faz o povo viver !³⁴

A teatralidade quebra nossas teorias dentro da prática, frente aos resultados que, muitas vezes, esperamos alcançar. Por exemplo, numa campanha política sindical, ou mesmo no espaço pastoral e familiar. Dizia Manoelito, um velho delegado de polícia e fanático desportista do vale do Açu (RN), falando da eleição para uma diretoria da liga desportiva do seu lugar. "À noite, conversei com os sete delegados dos clubes votantes. Tudo certo, eu ganharia a eleição com quatro de sete votos. Na hora da votação, perdi de 5 x 2. Por quê ? Porque o outro candidato pagou R\$ 50,00 (ciquenta reais), a cada um eleitor". Ora, se isso acontece no time da várzea, imagine no contexto maior da realidade social. Por isso, é difícil a transformação da sociedade, sobretudo, no aspecto sócio-político. Essa é uma ação tipicamente da teatralidade da vida.

Michel Maffesoli chega dizer: "Frente a uma 'teoria' ingênua e tão dogmática da alienação que faz do povo o sujeito histórico sempre enganado mas potencialmente vitorioso de um progresso histórico contínuo, é preciso reconhecer que, em vista das diversas histórias humanas, esse bom povo a que pertencemos, sempre soube entrar em

³⁴ PAIVA, Antônio Murilo. *Teatralidade da Vida* - 1992

composição e usar de astúcia, com essa eterna alienação³⁵". Não precisamos concordar com tudo que esse autor fala, mas de uma coisa, estamos certos, ele tem razão frente aos resultados eleitorais dos últimos tempos no nosso país. Como penetrar nesse mundo, respeitando nossa ética ?

É uma arte que cada militante, agente pastoral tem que aprender. Senão, falamos e ninguém nos escuta, pregamos e ninguém entende, ensinamos e ninguém aprende. A teatralidade é uma trama que devemos penetrar, pois uma parte já temos, somos e estamos envolvidos, vivendo dentro desse quadro social de inúmeras situações contraditórias.

5. A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E O MEIO POPULAR

A grande maioria de nós, jovens do meio popular, não participamos da igreja, das casas de oração e dos centros de umbanda e candomblé, pois a sociedade capitalista e os meios de comunicação de massa nos propõem valores imediatistas e materialistas.

As ciências e tecnologias modernas apontam para a auto-suficiência humana: dizem que o transcendente é inútil, não precisamos de DEUS.

Nossa pobreza, também nos desanima da prática religiosa, aparentemente inútil diante do sofrimento humano. Porém, **"agora, num tempo de profunda crise de civilização, a potencialidade transformadora do sagrado indica os limites dessa secularização do mundo moderno e a imprescindibilidade do mistério e, no caso dos cristãos, da fé em Jesus Cristo³⁶".**

Afirma Otto Maduro: "Uma religião pode funcionar sob certas condições - como mediador ativo de uma classe subalterna para lhe permitir passar de um grau, em sua consciência de classe, a outro superior, como canal, portanto, de desenvolvimento de uma consciência autônoma das classes subalternas. Isto se dá, principalmente, quando o sistema religioso das classes subalternas torna explícitas as relações de dominação, dessacralizando as classes dominantes e apresentando as lutas contra a dominação como inspiradas pelas forças sobrenaturais...³⁷".

No nosso meio, há três manifestações de religiosidade popular: a Afro-Brasileira, a Pentecostal e a Católica. As três experiências revelam a profunda fé e a religiosidade de nosso povo. Há nelas valores e contravalores.

Aparentemente, não revelam uma grande preocupação com as injustiças e suas causas. Temos, às vezes, a tendência fácil de classificar as religiões em razão de seu compromisso sócio-político explícito, relegando outras denominações à categoria de "alienadas", sem tratar de entendê-las sem preconceito, no que podem ter de fecundas.

Pentecostalismo, carismáticos, no mundo cristão não terão algo a dizer ? Sem falar em todas as outras religiões. E, uma vez mais na América Latina, além da tradição africana, há a outra, ameríndia, que guardou velhos ensinamentos da natureza (ou os recebeu novamente), desde as lições do Don Juan de Castañeda até a tradição rico do aijahuasca, o santo Daime amazonense. **As religiosidades populares são formas de resistência ao secularismo moderno e ao imperialismo cultural norteamericano.** Estas formas populares de ir praticando a religião, reafirmam com força a importância do

³⁵ MAFFESOLI, Michel. *A Conquista do Presente* - Ed. Rocco, Rio de Janeiro, 1984, p. 19

³⁶ GOMEZ, Luiz Alberto D.S. *Cristã os: Como fazer política* - Ed. Vozes, Petrópolis, 1987, p. 111

³⁷ MADURO, Otto. *Religião e Luta de Classes* - Ed. Vozes, Petrópolis, 1983, p. 188

místico e do divino. Defendem mitos, ritos, símbolos, festas, laços de união para além do desgaste do capitalismo que quer impor o ÍDOLO DO DINHEIRO e do MERCADO. Diz Hugo Assmann: **"Muitas coisas mais haveria que acrescentar sobre o Deus absconditus (o capital), sua implacável severidade (sacrificialismo) e sobre a economia como um urgente processo de idolatria. Para nós, latino-americanos, o problema do ateísmo é muito menos grave do que o da idolatria... É maior fidelidade aos ídolos que matam, que a adesão ao DEUS da vida.**

A vida humana real e correta foi extrojeteada do núcleo de critérios da 'racionalidade econômica', é mais que evidente que isso implica em surdez radical aos clamores dos pobres, não-reconhecimento dos direitos dos pobres e em transformá-los em seres negados é mera decorrência³⁸.

Os limites das três religiosidades estão no modernismo e na pouca politização, nas distâncias das ciências modernas e no esperar que o ser supremo resolva os problemas, (quase que) de uma maneira mágica.

Contudo, as conhecemos e apreciamos. A sociedade não nos ajuda a compreender a importância e a beleza da religião, especialmente da religiosidade popular.

Falaremos sobre três principais manifestações da religiosidade popular e sua relação com nós, jovens do meio popular, em seguida, acenaremos à Renovação Carismática e descreveremos a igreja libertadora como tentativa de síntese entre o Deus da Justiça e as religiosidades populares.

5.1 - A RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA

A nossa população negra descende, em sua maioria, de duas grandes culturas africanas: BANTO e NAGÔ.

Os africanos de origem BANTO, são procedentes do Congo e Angola. Foram trazidos para o centro litorâneo, nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo.

Os diversos grupos provenientes, principalmente do Daomé (Benin) e do sudoeste da Nigéria, são conhecidos no Brasil com o nome de Nagô. Eles trouxeram seus costumes, suas estruturas hierárquicas, seus conceitos filosóficos e estéticos, sua língua, sua música e literatura e, sobretudo, a religião. Foram concentrados nas zonas urbanas do norte e nordeste, especialmente em Pernambuco e Bahia (Recife e Salvador). Foi, sobretudo, através da prática de sua religião que os negros Nagô conservaram um sentido profundo de comunidade e de suas raízes culturais.

Os Banto e os Nagô tem **características básicas em comum**. Tudo tem origem em Nzambi (Zambi), criador e organizador do universo da tradição Banto, ou Olorum, na tradição Nagô. Abaixo existem os orixás, que cuidam da vida das pessoas: amor, trabalho, doenças, caça, família, crianças e controlam as forças da natureza, em geral.

O território é o espaço geográfico onde se reconstitui a África Genitora.

A família está na base da comunidade africana.

A criança tem destaque desde a gravidez.

A mulher é o centro da vida comunitária e familiar: para os Banto, a mulher é digna de veneração religiosa; para os Nagô, é a "YALORIXÁ" (mãe de santo). É ela que

³⁸ ASSMANN, Hugo. *Clamor dos Pobres e Nacionalidade Econômica* - EP, SP, 1990

possui o AXÉ, a força propulsora. Portanto, ela é sacerdotisa por excelência e participa da fecundidade total cósmica.

Também os idosos têm muito valor: quando morre um velho, desaparece uma biblioteca. Isto porque no centro está a "**Tradição Oral**" feita de formas rituais, provérbios, cantos, poesias, contos, mitos, receitas, migrações, histórias, etc.

A religião negra no Brasil foi como algo que, tendo sido espremidas pelas mãos dos europeus, escapou-lhes pelo vão dos dedos. O chão do povo é culturalmente negro: a negritude está presente nas religiões, na beleza, na música, na literatura e na vida familiar.

Poucos trechos de história tratam com profundidade fenômenos tão significativos como o quilombismo, o sentido da resistência de Palmares ou figuras de líderes como ZUMBI³⁹.

A essência das culturas Banto e Nagô é incompatível com qualquer materialismo, secularismo ou ateísmo. Entre as religiões, afro-brasileiras destacamos a UMBANDA, de origem BANTO e o CANDOMBLÉ, de origem Nagô.

O CANDOMBLÉ é um culto tipicamente africano. Em cada região do Brasil recebe um nome, segundo a feição regional; **Candomblé**, na Bahia; **Xangô**, em Pernambuco, Alagoas e Paraíba; **Tambor**, no Maranhão; **Batuque** e **Baquê**, em Amazonas; **Batuquê**, no Rio Grande do Sul; **Macumba**, em São Paulo e Rio de Janeiro. O ser supremo é chamado de **Olorum**. Abaixo dele vem **Oxalá**, que chefia todos os **Orixás**.

Também a UMBANDA, segundo a região, preserva mais ou menos traços culturais africanos. Os negros receberam desde o começo, a influência das religiões dos nossos índios (caboclos) e dos católicos. **É notório que os negros, para conservar suas religiões, tiveram que endossar aparências católicas e identificar cada Orixá com a figura de um santo católico diferente.** Mais tarde, houve uma forte contribuição do espiritismo e do ocultismo europeu. De tudo isto, formou-se a UMBANDA. Os nomes dos Orixás variam; fazem sacrifícios, cereais, frutos, bebidas, charutos, velas... Cada oferenda atrai um diferente Orixá. Cantam e dançam muito ao som do batuque, fazem preces, explanações doutrinárias, dão conselhos individuais e passes. Apontamos alguns limites: pouca ênfase política, ocultismo, medo de despachos, interesses financeiros...

Na religiosidade afro-brasileira, há uma riqueza de instrumentos, trajes, símbolos, cores, músicas, ritmos, flores... **A celebração é uma verdadeira festa.** Há um grande respeito pela natureza (ecologia). Há terapias e curas feitas pelas "Mães e Pais de Santo", que não raramente possuem dotes parapsicológicos. Os valores culturais africanos também são vividos na simbiose com as práticas católicas, constituindo um verdadeiro catolicismo inculturado negro-brasileiro.

5.2- IGREJAS EVANGÉLICAS PENTECOSTAIS

Segundo o censo de 1980, os pentecostais eram um pouco mais numerosos que os protestantes tradicionais, superando os 4 milhões de fiéis (cerca de 3,365 da população). Entre os pentecostais podemos distinguir:

A) **As igrejas mais antigas** (fundadas no Brasil ao redor de 1919), aquelas que são também as mais numerosas: A ASSEMBLÉIA DE DEUS e a CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL;

³⁹ Cf. 8º Encontro Intereclesial das CEBs - Texto Base, Santa Maria, 1992, pp. 30-35

B) A IGREJA DO EVANGELHO QUADRANGULAR, de origem Americana e BRASIL PARA CRISTO, inteiramente nacional, que se difundiram na década de 50 e apresentam características das primeiras;

C) **As igrejas mais recentes que dão ênfase à cura divina.** Elas não exigem mais um rigoroso comportamento moral e sim generosidade nas contribuições financeiras que garantem cura, consolo, exorcismos, milagres, etc. Elas preferem dos pequenos grupos às grandes massas (estádios, rádios, televisão). O problema da fragmentação e comercialização da religião deve ser colocado dentro do problema mais amplo da cultura popular, de sua fragmentação e dominação pelo sistema econômico vigente, bem como da sua resistência e de sua luta para a preservação dos valores autênticos.

Nas igrejas pentecostais, o povo busca a conversão e a aceitação de Jesus Cristo que perdoa e salva de todos os pecados. Os fiéis, pobres em sua maioria, provam na entrega a Cristo um grande alívio e leveza espiritual. Deus protege e liberta de todos os males.

Vestir terno e roupas bonitas resgata e devolve a dignidade ao empobrecido, desprezado pelo sistema. A pessoa se sente amada por Deus e pelos irmãos.

A espontaneidade nas orações, o soltar da voz de maneira livre e todos na mesma hora, as posturas do corpo fazem com que haja uma verdadeira expressão de sentimentos. **A fraternidade entre os membros que se cumprimentam de "irmãos" , "irmã" é muito valorizada.**

"A idéia de democracia dentro da igreja é um pilar na estrutura protestante, embora ela não se realize do mesmo modo em todas as denominações. Quando existe aclamação ao voto secreto é, sem dúvida, mais fácil crer na democracia. Problemas de discriminação mais facilmente são eliminados⁴⁰".

A integridade moral é, em certo modo, positiva para quem vivia em dependência do álcool e da droga. Revelamos, porém, vários limites: há um forte centralismo dos líderes (pastores); um moralismo exagerado e uma recusa por alguns pentecostais do assunto político.

Neste sentido, há suspeitas de que o imperialismo capitalista norte-americano e nacional favoreceu esta religiosidade com o dinheiro e facilidade na entrada de pastores dos Estados Unidos, assim pensando que ela reforce, com sua aparente passividade política o sistema liberal internacional⁴¹.

Um aspecto de algumas destas igrejas é também o sectarismo e o fanatismo, na presunção de que só quem participar de sua igreja está salvo por Cristo para a eternidade. Enfim, a leitura da Bíblia que é louvável e fundamental para o cristianismo, é feita, às vezes, ao pé da letra, de uma forma descontextualizada.

Com relação à questão política, notamos, porém, que há aspectos interessantes. Em primeiro lugar, alguns grupos pentecostais gostam de ter seus representantes nos grupos políticos e administrativos. Participam nas ligas camponesas de Francisco Julião. Um advogado de sindicato disse que defendem os direitos com maior convicção por causa da própria religião⁴².

O fato de ser pentecostal não diminui a oposição dos fazendeiros, nem a expressão das contradições de classe. A doutrina do afastamento não impede, nem

⁴⁰ CINIRA, *Carnem. Imagem do Eterno - Religião no Brasil*, Ed. Moderna, SP, 1989, p. 59

⁴¹ Cf. MONTEIRO, D. L. *Dé cio. Os Demônios Descem do Norte*, Ed. Francisco Alves, 1987

⁴² Cf. COMBLIN, José. *Revista Vida Pastoral* – Jul/Ago 1986, p. 21

diminui o ardor no trabalho, nem as preocupações para melhorar as condições de vida, não leva a distanciar-se das lutas pelos direitos, não afasta do sindicato, das associações, da política, etc. Tudo indica que, num futuro próximo, os pentecostais terão presença mais visível e atuação mais agressiva na política.

5.3 - AS IGREJAS EVANGÉLICAS HISTÓRICAS

5.4 - O CATOLICISMO POPULAR

O catolicismo popular nasce da fé cristã medieval lusitana⁴³ e se enriquece com a participação negra e indígena. **Ele é rural, ligado à proteção divina das lavouras e das colheitas agrícolas e é também muito forte a presença de Jesus Crucificado, a devoção a Nossa Senhora e aos santos.** Estão aí presentes valores evangélicos, como o amor ao próximo, a honestidade, a fidelidade matrimonial, a justiça,...

Ele é muito leigo⁴⁴, entre outros motivos, pela tradicional falta de padres no interior sertanejo.

Expressa-se nas rezas, nos benditos, nas orações populares decoradas, nas procissões, nos tríduos, nas novenas, nos sacramentais. O terço e as romarias são formas de apego à Nossa Senhora. As festas do Divino manifestam a fé na providência divina. As Folias de Reis cantam os profetas, a proteção divina contra a seca e contra a carestia, o menino Jesus e a visita dos Santos Reis.

Há uma certa autonomia do catolicismo oficial.

Há uma riqueza de símbolos, estátuas, quadros, arte popular. **Dá-se muito valor à festa, à partilha, à alegria, aos trajes regionais, às cores, às bandeiras, aos estandartes, etc.**

Como limites há distância do político, moralismo, fatalismo diante dos problemas, superstição diante de alguns objetos e produtos do mundo rural, sacramentalismo como garantia do Paraíso, ênfase demasiada à eternidade.

Contudo, há valores bonitos de resistência aos dominadores do passado e ao capitalismo hoje. Há conservação dos temas sertanejos, das trovas, do amor pelas matas, pelas lavouras e pelos animais (herança de FRANCISCO DE ASSIS e da **tarda (?)** Idade Média).

Tudo é sagrado, está ligado com Deus⁴⁵. Dizem os Bispos em Santo Domingo: "Nas expressões culturais e religiosas de camponeses e de habitantes das periferias urbanas, reconhece-se grandes parte do patrimônio cristão do continente e uma fé arraigada dos valores do Reino de Deus⁴⁶". A cruz está no centro.

Escreve Dussel: "Pensem, por exemplo, nos famosos Cristos latinoamericanos, fruto, segundo alguns, do "grotesco" popular. Cristo com profundas feridas, com enormes coágulos de sangue, uma enorme e profunda tristeza em seus olhos, enormes espinhos um realismo até profundo em sua dor. O Senhor da Paciência de Santiago de Xicotendo,

⁴³ Cf. *O estudo muito permitente de Riolando Azzi. Elemento para a História do Catolicismo Popular, REB 36/41, Ed. Vozes, Petrópolis, pp. 96-101*

⁴⁴ Cf. RIBEIRO, O. Pedro. *Religiosidade Popular na América Latina - REB. 32/126, Ed.Vozes, Petrópolis, 1972, pp. 354-364*

⁴⁵ Cf. MARZAL, Manuel M. *Dieci ipotesi di interpretazione del cattolicesimo popolare, em ÉQUIPE SELADOC, Religiosità popolare, Quaderni Asai 32, Roma, 1977, p. 200*

⁴⁶ SANTO DOMINGO, *idem*, pp.167-168

sentado, vencido, com a cabeça apoiada na mão e o braço sobre o joelho. Quão diferente do Cristo ressuscitado, triunfante, com grandes olhos abertos e pacíficos, o Pantocrator dos mosaicos bizantinos ! Em Bizancio, é o Cristo-Imperador das classes dominantes; **na América Latina, é o Cristo-Sofredor das classes oprimidas !** "Os Cristos do poder constituído e os Cristos da impotência constituída" são as duas faces da Cristologia.

É claro que essas expressões populares adquirem, na pena dos grandes artistas da libertação, um insuspeitado brilho, como no caso de Ernesto Cardenal, vanguarda artística de um povo oprimido:

"Acredito que o contemplativo, o monge e mesmo o ermitão são revolucionários. Eles também estão promovendo a mudança social. E também, dão testemunho de que, além de transformações políticas e sociais, há uma realidade transcendente para além da morte. E acredito seja importante, que também existam pessoas que recordem a humanidade, que a revolução se prolongue também depois da morte".

Essa arte dos oprimidos é a expressão da miséria. No entanto, muito mais ainda, é a manifestação de protesto, de esperança de libertação. No fundo do messianismo popular latino-americano (tão característico do sertão brasileiro, com seus santos, profetas e os messias perseguidos e assassinados por policiais, até padres de outras épocas), existe uma autêntica potência produtiva, criativa e artística que nos revela o potencial libertador histórico dos pobres⁴⁷.

Hoje, vários elementos do catolicismo popular permanecem principalmente no meio rural e um pouco nas periferias.

Há exemplos de luta e resistência histórica a partir do catolicismo popular como os de CANUDOS⁴⁸ e PADRE CÍCERO.

A Romaria de Canudos, que acontece todos os anos, torna-se um momento significativo de memória e celebração. **É a celebração da caminhada do povo sertanejo, de sua luta pela terra, animado pela fé e ciente do valor da organização**⁴⁹. Este povo de Canudos, busca por si mesmo, uma saída para seus sofrimentos e abre caminhos para a nova sociedade⁵⁰.

5.5 - A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA

A Renovação Carismática, movimento eclesástico moderno, origina-se nos Estados Unidos; difundida no Brasil desde os anos 80 e dirigida pela classe média, **realiza uma espiritualidade espontânea e emocional, enfocando os dons do Espírito Santo.**

Na linha da Renovação Carismática, estão outros movimentos eclesásticos que vem do norte do mundo.

Valoriza-se muito a música, os sentimentos, a leitura bíblica. Muitos de nós, jovens do Meio Popular, somos atraídos pela linha carismática porque traz o consolo, o entusiasmo divino e resgata a corporeidade. Ela não exige que enfrentemos as injustiças.

⁴⁷ DUSSEL, Enrique. *Caminhos de Libertação à o Latino-Americana – Vol. IV, EP, SP, 1985, pp. 167-168*

⁴⁸ Cf. OTTEN, Alexandre. *Só Deus é Grande - Ed. Loyola, SP, 1990*; QUEIROZ, Mip. *O Missionário no Brasil e no Mundo - Ed. Alfa-Ômega, SP, 1976*; VVAA. *Antônio Conselheiro, A tragédia de Canudos - EP, SP, 1980*

⁴⁹ Cf. COMBLIN, José. *A força da Palavra, Ed. Vozes, 1186, p. 270*

⁵⁰ Cf. *Revista MUNDO JOVEM, Out/1992*

Aliás, reforça a idéia que é só Deus que nos liberta, de maneira quase mágica. Há viventes limites de alienação sócio-política.

5.6 - A IGREJA POPULAR LIBERTADORA

Diz Jung que no capitalismo o pobre é considerado "o pecador": **o clamor dos pobres não chega ao MERCADO porque o mercado tem ouvidos, mas só ouve os consumidores e não os pobres não-consumidores.** É um deus que não ouve os clamores; como os ídolos tem ouvidos, mas não ouvem (o clamor dos pobres)". *cf. SI 115; IRs 18,27*⁵¹.

A linha libertadora católica e das igrejas históricas (Luterana, Metodista, Anglicana, Batista, Presbiteriana...) afirmam que **Deus é o libertador de nós, oprimidos.** Ele nos liberta através de nós mesmos⁵². GUSTAVO GUTTIERREZ, LEONARDO BOFF e tantos outros teólogos latinoamericanos iniciaram, desde 1967, a resgatar a importância e o sentido do **ÊXODO, como experiência central do povo escravo que, com a força de Deus, foge da dominação do Egito rumo à Terra Prometida.** Os PROFETAS revelam o rosto do Deus justiceiro e misericordioso com os pobres.

Jesus Cristo é o libertador definitivo dos oprimidos: com sua Cruz e Ressurreição ele fica sempre conosco no rosto do pobre. "O Deus que foi à periferia, junto aos pobres, é um Deus diferente, daquele que só está junto com os ricos e com a classe média. Deus e sua Igreja estão junto aos pobres, desmascaram o ídolo e a idolatria presente tanto na sociedade quanto em alguns setores da Igreja"⁵³.

Os católicos leigos da classe popular desenvolveram e desenvolvem as Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs. Quem confirma isto é Follmann dizendo que as CEBs **"tomam iniciativas de ação, que vão desde pequenas atividades comunitárias de celebração, de reuniões ou cartas de apoio, até a participação nas lutas por sindicatos livres e partidos que melhor representam os interesses de classe"**⁵⁴. E Clodovis Boff reforça: "As CEBs já geraram consciência e prática fraternas igualitárias. Pois a libertação, não é só em questão de conteúdos, mas também, questão de formas. A libertação não é apenas resultado da luta, mas é o próprio processo de luta. A libertação é para hoje, então não é nunca mais. As CEBs são ensaio do futuro"⁵⁵. Alguns de nós, jovens do Meio Popular, do campo e da cidade, participamos da igreja que nos conscientiza e nos leva à luta.

Diz Clodovis: "Está se tornando cada vez mais claro, também para as esquerdas, que é impossível mobilizar as massas do continente, ao mesmo tempo cristãs e oprimidas, sem fazer apelo aos seus grandes símbolos religiosos: Deus, Cristo, a Virgem, os Santos, o Papa, etc."⁵⁶

A igreja dos pobres faz parte do movimento popular e de tudo o que é libertador.

Os pobres fazem teologia. Diz Eduardo Hoornaert: **"A terminologia 'TEOLOGIA POPULAR' nos soa... como uma passagem qualitativa, diante das terminologias que anteriormente foram usadas, para designar a riqueza da reflexão da fé, a partir**

⁵¹ SUNG, Jung Mo. *Idem*, p.140

⁵² Cf. O majestivo livro de BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação* - Ed. Vozes, Petrópolis, 1986

⁵³ SUNG, Jung Mo. *Idem*, p.139

⁵⁴ FOLLMANN, Ivo. *Igreja Ideologia e Classes Sociais* - Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, p. 174

⁵⁵ BOFF, Clodovis. *CEBs e prática de libertação* - REB, N.º 40, J. 160, Dez/1980, p. 611

⁵⁶ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Missão na Cidade* - 1990, p. 50

das classes populares”. Irarrazaval chega a afirmar que: "os privilegiados na inteligência da fé, os sujeitos que estão, como que estão, como que, sendo a origem da teologia, são os pobres e os simples", ou ainda, que "o povo emerge como sujeito da teologia". Salinas insiste na "originalidade teológica do pobre", no fato que os pobres possuem uma formulação teológica específica e que existe, por conseguinte, "uma teologia de pobre"⁵⁷. Os bispos da América Latina respaldam a caminhada de opção pelos pobres, nas grandes Conferências Latinoamericanas de Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992).

O Papa João Paulo II, também afirmou, em 1986, que a teologia da libertação é não só oportuna mas útil e necessária⁵⁸.

Diz o Papa, em 1992: "Em COMUNIDADE com as conferências de Medellín e Puebla, a Igreja reafirma a opção preferencial pelos pobres". A igreja das CEBs valoriza e vive os elementos da **religiosidade popular**, através das romarias da terra, dos trabalhadores, das missas participativas, das novenas de Natal, da Quaresma, da Via-Sacra (Campanha da Fraternidade)... Diz Luís Alberto Gomes, falando das CEBs: "Só quem não as conhece de perto, crê que são apenas lugares políticos. Nelas, se reza, se lê a Bíblia, se celebra a Eucaristia, há uma religiosidade intensa. E nesse contexto religioso, se fala e discute dos problemas, das dificuldades e das lutas de saúde, terra, trabalho, etc."⁵⁹. Confirma o documento da Arquidiocese de São Paulo: "**O sujeito eclesial popular caracteriza-se por sua presença ativa na Igreja ao lado do compromisso social. Este sujeito é o cristão da fé tradicional das classes populares, que foi, pouco a pouco, descobrindo a relação profunda entre a fé e a vida**, a Palavra de Deus e as lutas, as celebrações e os acontecimentos da vida do Povo... Trata-se do sujeito nascido das CEBs e outros supra-territoriais: Pastoral Operária, CPT, Juventude, Família, Negros, Índios, Mulher, Direitos Humanos, Ecumenismo e outros"⁶⁰.

Faz-se uma leitura da Bíblia a partir dos pobres de ontem, de hoje e de sua realidade. Neste sentido, há o trabalho do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) que tem o objetivo de refletir a palavra de Deus a partir da situação sofrida do povo, ligando fé e vida.

A Igreja Libertadora pratica o ECUMENISMO com as outras Igrejas e religiões.

Exemplos desse ecumenismo popular são as romarias da terra, dos trabalhadores, as celebrações ecumênicas na ocasião do dia do trabalhador, da mulher, da denúncia do racismo, etc.

A Igreja libertadora trabalhou pouco a dimensão pessoal, afetiva, íntima, festiva... Contudo, ela vive novamente o testemunho de heroísmo dos primeiros cristãos e está resgatando todas as dimensões da vida.

Muita gente já deu a vida pela fé em Jesus Cristo, pela luta contra o ídolo do capitalismo opressor. Eles são, para nós, os mártires de hoje que nos dão o exemplo e oram por nós, que continuamos na terra esta caminhada.

⁵⁷ HOONAERT, Eduardo. *Da ignorância religiosa à teologia popular*, em RICHARD PABLO (org.). *Raízes da teologia latinoamericana -EP, SP, 1988, p. 360*

⁵⁸ FOLLMANN, Ivo. *Idem*, p. 68

⁵⁹ GOMEZ, D. S. Luis Alberto. *Seminário dos Movimentos Religiosos e Lutas Democráticas - RJ, 2-7 de março de 1986, pp.3-4*

⁶⁰ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Missão na Cidade, 1990, p. 50*

5.7 - SOMOS FILHOS DO MESMO PAI

Está se desenvolvendo cada vez mais um ecumenismo a partir da base. Pentecostais, católicos, umbandistas e candomblecistas estamos nos encontrando nas atividades de assistência comunitária e de luta libertadora. É comum ver-se sem-terras e sem-casas de várias religiões lutando e orando juntos ao mesmo Deus, Olorum, Zumbi, o Libertador dos oprimidos.

Há muita gente que não acredita que seja possível o ecumenismo com outras religiões, mas há outras pessoas, de várias confissões e religiosidades, que estão sempre juntos na hora de defender em nome do Deus Único dos injustiçados. Diz João Paulo II a nós, jovens: **"A Igreja vê a si mesma nos caminhos do ecumenismo, isto é, da unidade de todos os cristãos, pelo qual o próprio Cristo orou e que apresenta no nosso tempo um caráter de indiscutível urgência. Vê a si mesma também no diálogo com os seguidores das religiões não cristãs e com todos os homens de boa vontade. Este é um diálogo de salvação, que deve servir também a causa da paz no mundo e da justiça entre os homens⁶¹".**

Estamos cada vez mais atentos à religiosidade popular e ao esforço de uma caminhada conjunta na construção do Reino.

PARTE 2

I - SOMOS ESCOLHIDOS E AMADOS POR DEUS

Do povo em cativeiro surge um clamor (Ez 3, 7).
Da juventude empobrecida nasce um grito por liberdade.
Quem iria se tocar, escutar o grito e se compadecer
pela dos inocentes? (Jo 34, 3)
Alguém forte, El Shaddái, o Deus da montanha, o Deus
de Javé, Emanuel.
O Deus conosco não compactua com a injustiça
que deixa uma maioria arrasada (Lc 1, 51-53).
Se a balança favorece o lado dos ricos
antes e hoje, no Brasil e no Mundo.
Deus põe sua mão ao lado dos fracos
para refazer a igualdade (Is 57, 14-21).
O criador ama igualmente a todos.
Logo, é por isto que ele não se conforma com a morte
provocada de tantos seres humanos.
Ele derruba os poderosos de seus tronos
e ergue os humildes (Lc 1,52)
Quem levantará do pó os milhões de jovens
explorados excluídos do nosso Brasil?
Quem nos libertará?
Ao longo da história de Israel e da humanidade,
Deus de muitos nomes, o Libertador
intervém com seu braço forte (Sl 136, 10-15),

⁶¹ JOÃO O PAULO II. Carta Apostólica do papa aos jovens e à s jovens do mundo por ocasião o do ano internacional da juventude, p.24

através dos profetas, do seu filho,
dos apóstolos.

Ele age em parceria,
com pessoas as quais é confiada a missão
de restabelecer o Êxodo e a Lei do Sinai,
Os Dez Mandamentos.

Eis que Moisés, Abraão, José, Davi, Amós
Isaías, Jeremias, o povo servo sofredor desterrado,
são escolhidos de dentro dos pobre
para transmitir com palavras, obras e prodígios
o mundo novo, a esperança
que se inverta no projeto inicial de Deus.

Assim Maria, Izabel, João Batista, Simão Pedro,
são escolhidos para a missão.

O Filho de Deus Altíssimo, nascido numa estrebaria,
filho de pobres, instaura sua missão redentora
vivendo e morrendo pobre,
sem querer ser rico, apenas afirmando:

"Ama o teu próximo como a ti mesmo" (Lc 10,27).

É a palavra e a realização da igualdade.

Os profetas de ontem e de hoje, pobres - revolucionários,
têm um destino de morte e ressurreição
no resgate da lei divina e da fraternidade:

eles são perseguidos e assassinados (Mt 23, 37).

Jesus, o Cristo (ungido do Pai), é perseguido e
assassinado, crucificado fora dos muros de Jerusalém.

Ele amou perdidamente e resistiu aos poderosos,
por isso ressuscitou e estará para sempre vivo
no meio de nós.

Cumpriu seu papel até o fim, bebeu do cálice amargo
e foi glorificado.

A partir de Cristo, nós, Igreja, antiga e sempre nova,
renovamos este mistério de ressurreição.

Dentro de nós, injustiçados, há lutadores
fiéis ao projeto do Altíssimo, Igreja dos pobres,
que atua para a libertação.

É um eterno combate e resistir ao mal
àquela crueldade de uns que tem tudo deixando
outros sem nada.

A Boa Nova é sempre a mesma:
felicidade no amor entre todos, segredo da vida.

Eis que tantos amigos e grupos situados dentro
da Igreja, chamada por Deus,
surge e opera a PJMP - Pastoral da Juventude do Meio
Popular.

Humildemente, nos pusemos a seguir
as pegadas de Jesus, anunciador e mártir.

Novamente pobres entre os pobres, vivemos a missão
de restabelecer a balança.
Entre os conflitos, cremos na ressurreição.
Conosco caminha Deus, os santos de todas as épocas
Os mártires da América Latina.
Vai conosco Maria, mãe e companheira de
ternura e de garra,
comprometida com os pobres
hoje e sempre.

II - PJMP: FÉ E LUTA AO LONGO DA HISTÓRIA

2.1 - A SEMENTE LANÇADA NA TERRA

O nascimento da PJMP enquanto uma pastoral dos jovens empobrecidos situa-se no contexto político e eclesial brasileiro do período 1960-1980. Em linhas gerais, tal período marcado por acontecimentos importantes. A princípio, na década de 60, temos a crise do populismo, o crescimento do movimento social e popular e a luta por reformas de base. Os anos 60 marcaram também o início da renovação da Igreja Católica no Brasil, tendo alguns movimentos bem expressivos como a Ação Católica Especializada (JOC, JEC, JAC, JUC) e a criação do MEB (Movimento de Educação de Base) em nível nacional.

Em 1964, acontece o golpe militar e a instalação de um regime ditatorial. Tal regime consegue destruir as organizações populares e sindicais existentes, tanto a nível da sociedade como da Igreja. A Ação Católica Especializada, será duramente perseguida pela ditadura. A Igreja, a princípio, enquanto instituição, aprova o golpe.

A partir de 1978, a classe trabalhadora começa a romper o silêncio imposto pela ditadura. Há um retomar das organizações populares. A Igreja Católica neste período assume a defesa dos direitos humanos, era uma voz poética que denunciava a ditadura e o sistema econômico de exploração. Neste contexto eclesial surgem as pastorais populares como expressão profética da fé e da missão social da Igreja, conforme afirma Roberto Van der Ploeg, " as pastorais populares levam a Igreja a assumir a realidade conflitiva e adquirir um rosto mais operário, mais camponês, mais feminino, negro".⁶²

É nesta realidade que nasce a PJMP. Os poderosos podem até destruir organizações; mas, ficam os sonhos, as esperanças. As sementes lançadas um dia voltam a brotar ! Foi o que aconteceu com o nascimento da PJMP. A JOC do Recife, apesar de desarticulada pela ditadura lançou sementes, sonhos, esperanças que ficaram. Em 9 de julho de 1978 animadores dos grupos de jovens do meio popular do Recife, remanescentes da JOC, realizaram o primeiro encontro diocesano de jovens do meio popular. Define-se pois este 9 de julho de 1978 como data da criação do que hoje é a PJMP.

O objetivo dos que ousaram fazer nascer a PJMP era, naquele momento, suscitar entre os jovens do meio popular, a que a juventude empobrecida se evangelize ! Que os jovens do meio popular se tornem sujeitos de sua própria libertação! É o grito da PJMP no seu nascimento e tem sido seu maior desafio.

⁶² PLOEG, Roberto Vander. *A Igreja dos Pobres no Nordeste - In: Caderno do CEAS nº 132, p. 61-70*

2.2 - NORDESTE: O GRANDE VENTRE

A semente lançada no Recife, passou a ser levada a outros cantos do Regional NE II (PB, PB, AL, RN). De 19 a 20 de janeiro de 1989 acontece o 1º Encontro Regional de Pastoral de Jovens do Meio Popular em João Pessoa (PB). Este encontro é preparado e coordenado pelos próprios jovens.

No Regional NE 3, a discussão sobre a criação de uma pastoral comprometida com os jovens do Meio Popular nasce em 1980, a partir das Dioceses de Salvador, própria, Rui Barbosa Bom Jesus da Lapa, Vitória da Conquista, Alagoinha e Bonfim. Tal discussão resulta da iniciativa de alguns animadores que participaram dos encontros Inter-regionais do Nordeste.

É no 3º Encontro de Agentes e de Animadores Jovens da Pastoral de Juventude do Nordeste, acontecido em Olinda, em fevereiro de 1980, que se aprofundará especificamente a importância de se levar em consideração o Meio social na organização da Pastoral de juventude, isto é, organizar os grupos de jovens levando em conta os meios sociais.

Dom Marcelo Carvalheira, na apresentação do relatório do encontro destaca: "Precisamos levar até as últimas conseqüências a distinção dos meios, para que se passe de uma Pastoral de Juventude genérica, vaga e indefinida, para uma Pastoral de Juventude específica de cada meio social, definida pelas características peculiares de cada meio e marcada pela ética do oprimido"⁶³.

2.3. OS PRIMEIROS PASSOS NACIONAIS

Em julho de 1979 acontece em Olinda - PE, o 1º Encontro Nacional de Animadores Jovens/Adultos do Meio Popular. Participam deste encontro 19 dioceses de Santa Catarina ao Maranhão. Tira-se deste encontro uma Comissão que ficará encarregada da preparação do 2º Encontro que acontecerá em São Paulo, onde se define o caráter de pastoral, dentro de uma perspectiva de organização dos jovens populares a partir de sua classe. O 3º Encontro Nacional da PJP (Pastoral da Juventude Popular) é marcado para Bonfim - BA e acontecerá em 1182 (23-25/07) em Juazeiro-BA.

2.4. 1983: IMPASSES NA ARTICULAÇÃO E O 4º ENCONTRO NACIONAL

O terceiro encontro nacional citado acima foi, nas palavras de Jairo Humberto, encontro tenso, cheio de desabafos, tendo em vista que o referido encontro havia sido marcado para julho/81 em Bonfim (BA) e devido a uma série de fatores a comissão eleita para este fim não conseguiu articulá-lo, o que só ocorreu em julho/82.

Na oportunidade, o nordeste foi acusado de boicotar a articulação nacional. Constata-se nos relatórios da época uma certa imaturidade quanto ao entendimento da proposta da PJMP, o que dificultou uma discussão mais racional da situação e dos problemas vivenciados.

⁶³ PJMP, *Um relato histórico - em quase 10 anos. Recife 1987*, p.12

Neste 3º encontro (1982) foi então escolhida uma Secretaria Nacional com as seguintes atribuições: encaminhar o 4º Encontro Nacional, encaminhar uma reunião em 1983 e possibilitar a troca de experiências de PJMP existentes nos diversos regionais do Brasil. Conforme levantamento histórico feito por Jairo Humberto⁶⁴, tais atribuições parecem não ter sido bem compreendida pelas pessoas eleitas, tendo em vista que no relatório de sua primeira reunião há inúmeros questionamentos às funções dessa secretaria.

Em vista destas questões, tal secretaria sofre a crítica de ter traído os objetivos indicados pelos delegados do 3º Encontro Nacional que a escolheu. Em meios a esses atropelos a articulação se desfaz.

Após estas dificuldades a PJMP só retoma a articulação nacional em 1984 por ocasião do 5º Encontro Nacional de PJ. Após este encontro aconteceu uma reunião entre os regionais que continuavam vivendo a experiência de trabalho com jovens do Meio Popular. Esta reunião, considerada como 4º Encontro Nacional, foi um marco fundamental na retomada da articulação. Esclareceu-se as dúvidas, aliviaram-se as tensões, escolheu-se uma pessoa de referência nacional e marcou-se o 5º Encontro com o objetivo de ver os novos rumos da PJMP a nível nacional.

2.5. COMISSÃO NACIONAL PROVISÓRIA

Nos dias 07 e 08 de dezembro de 1985 acontece o 5º Encontro Nacional. Estavam presentes 07 regionais: Extremo Oeste, Sul, Leste 2, Sul 4 (Santa Catarina) e Nordeste I, II e III. Neste encontro, o que unia as pessoas era fundamentalmente o desejo de articular experiências pastorais, dos jovens empobrecidos. As principais decisões deste encontro foram as seguintes.

Formação de uma Comissão Nacional provisória, escolhida no próprio encontro com 1 representante de cada bloco, mais 1 assessor nacional. Esta comissão encaminharia uma consulta aos Regionais e pastorais afins sobre a realização de um encontro nacional com o objetivo de articular as experiências de Pastoral de classe oprimida:

- . a escolha de um secretário nacional;
- . a elaboração de um subsídio com a História da PJMP.

A Comissão Nacional provisória encaminhou então a consulta aos regionais sobre o encontro nacional e tratou de encaminhar sua realização com a participação dos regionais, os quais, no processo de preparação do encontro fizeram um minucioso trabalho de resgate histórico da caminhada da PJMP a nível nacional.

2.6 SEMENTE DO NOVO NA LUTA DO POVO

⁶⁴ As informações aqui apresentadas sobre os impasses de 1983 são o resultado de um levantamento da história da PJMP no Brasil feito por Jairo Humberto, por ocasião o em que assumiu a função de secretário nacional (1985-1986). Foram resgatadas por ele através dos documentos (cartas, relatórios, etc...) existentes na secretaria do regional NE II e reunidos num texto preliminar de circulação restrita apenas, entre comissão e regionais, nacional, alguns assessores e jovens militantes que haviam participado dos acontecimentos ali relatados. Este texto preliminar serviu de base para uma redação final sobre a história da PJMP publicado mimeografado com o título: "PJMP um relato histórico em quase 10 anos". Recife, 1987.

De 07a 12 de dezembro de 1987 acontece então o 6º Encontro Nacional. Pensando nos quase 10 anos da PJMP Jairo Humberto afirma: foi "um longo período de muitos esforços no sentido de compreender a proposta, definir os passos aprender a caminhar e se afirmar como pastoral".⁶⁵

Podemos afirmar que o 6º Encontro significou ponto de chegada de uma caminhada de quase 10 anos e ponto de partida, através do documento base que reúne as reflexões realizadas naquele momento e publicado com o título: "**PJMP: Semente do Novo na Luta do Povo**". O referido documento trata de questões como: identidade, metodologia no processo de iniciação e militância, formação, organização, espiritualidade.

O pano de fundo do texto elaborado, que continua sendo útil até hoje, é a urgência de construir, a partir da igreja dos pobres, a nova sociedade, mediante os organismos intermediários, as organizações populares, uma afetividade madura e uma sólida espiritualidade.

Do encontro participaram os blocos Nordeste, Oeste, Leste e Sul. Na época, os regionais Sul 1, Sul 2 e Sul 3 estão se integrando ç caminhada nacional. + tirada uma nova Comissão Nacional de Jovens (CNPJMP) e uma Comissão de Assessores (CNAPJMP).

2.7. PERTENCEMOS A IGREJA DE CRISTO

Nos dias 13 a 16 de janeiro de 1990 acontece a 7ª Assembléia Nacional em Salvador-BA.

Foi um momento de reflexão e debate sobre eclesialidade e militância, que serve para esclarecer como ser igreja dentro dos conflitos, sem perder o pique da luta, da militância partidária nem a pertença à Igreja de Cristo.

São eleitas as novas CNPJMP e CNAPJMP.

2.8 COCHABAMBA: O ENCONTRO DA FAMÍLIA LATINO-AMERICANA

Não vamos aqui citar todos os conteúdos, comemorações e passos do evento realizado na Colômbia no fim de dezembro de 1991 e começo de janeiro de 1992. Queremos contudo destacar o intercâmbio realizado nesta ocasião com a PJO (Pastoral de Juventude Obreira) e com a PJT (Pastoral da Juventude Trabalhadora), presentes em vários países da América Latina. Estas pastorais correspondem em sua prática, organização, opção de classe, militância cristã à nossa experiência de PJMP no Brasil. Os contatos realizados com PJO e PJT em COCHABAMBA frutificaram num intercâmbio rico entre a PJMP e estas experiências de pastoral da América Latina, os quais continuam até hoje e caminhamos no sentido de fortalecê-los.

2.9 O GRITO DOS MARGINALIZADOS

A 8ª Assembléia Nacional acontece de 16 a 22 de fevereiro de 1992 em Goiânia com a participação dos blocos nordeste, oeste, leste e sul e norte; este último começa a

⁶⁵ PJMP, *Um relato histó rico em quase 10 anos. op. cit.*

se integrar na caminhada. O encontro estabelece o novo e atual objetivo da PJMP, trabalha mais a questão das categorias humanas marginalizadas e das CULTURAS OPRIMIDAS, planeja formas de autonomia financeira, modifica o sistema de escolha da CNPJMP: passa-se a 1 representante por regional.

É escolhida a nova CNAPJMP: os 6 assessores mais votados independentemente do critério geográfico, formam a nova comissão. Um assessor representa a PJMP na CNAPJ e um jovem representa a PJMP na CNPJ.

2.10. RESGATE DAS CULTURAS OPRIMIDAS

As maiores atenções deste momento são para o resgate das culturas populares oprimidas e para os grupos marginalizados.

A 9ª Assembléia Nacional foi de 16 a 22 de janeiro de 1994 em Porto Alegre-RS.

A Assembléia se desenvolve com grande entusiasmo, alegria, seriedade de jovens assumindo sua pobreza, seus valores, suas lutas. São mais de 60 jovens representantes de 9 regionais do país.

Antes refletimos sobre o **RESGATE DAS CULTURAS POPULARES**, com o antropólogo A. Augusto Arantes. Em seguida, fizemos uma **AVALIAÇÃO DA PJMP**, partir do relatos dos regionais.

Num terceiro momento, através de oficinas de trabalho, demos início ao estudo de 4 tópicos essenciais da PJMP no Brasil:

1 - ROSTO DA PJMP

2- MÍSTICA DA PJMP

3- MISSÃO DA PJMP

4- MILITÂNCIA DA PJMP

O aprofundamento dos 4 aspectos vai se dar e está se dando em 94 e 95 até a próxima assembléia, pesquisas e redações locais e elaboração de subsídios nacionais orientativos.

O quarto momento é de decisões sobre organização, comissões nacionais de jovens e assessores, escolha dos mesmos, novo secretário e secretária nacional. A secretária nacional para 94-95 é em Porto Alegre, com secretário liberado.

Vivemos na alegria e na certeza de que, apesar das limitações, estamos servindo, enquanto juventude, à população explorada e dominada, com vista à libertação que Deus desde sempre e para sempre.

Muitos jovens e grupos de jovens encontram nesses anos, graças a PJMP, o caminho da militância na igreja e na sociedade tornando-se "quadros". Graças também a vários cursos nacionais, muitos estão em cargos políticos, direções de sindicatos, de associações de moradores, de movimentos populares, de centros de acolhida a jovens marginalizados, de catequese, de liturgia, CEB's, conselhos pastorais, etc. Alguns chamados para a vida sacerdotal e consagrada, servem ao povo de Deus na inserção.

III - OBJETIVO: VIVENCIAR E TESTEMUNHAR O REINO

O objetivo da PJMP é: **VIVENCIAR E TESTEMUNHAR A PROPOSTA DO REINO DE DEUS ESTANDO PRESENTES NA VIDA, NA LUTA E NOS SONHOS DOS**

JOVENS EMPOBRECIDOS, VISANDO EVANGELIZAR, NUMA PRÁTICA LIBERTADORA, CONTRIBUINDO NA TRANSFORMAÇÃO DA PESSOA HUMANA E DA SOCIEDADE.

"*Vivenciar e testemunhar a proposta do Reino de Deus*", a Boa Nova é justiça, liberdade, amor, é banquete, a festa divina, o carinho e a ternura, o perdão, a beleza, a ecologia, a música, a dança, o luar sereno de verão, a luz do céu... Nós somos chamados a lutar por este ideal e manifestá-lo com nossos gestos, atos e exemplos.

"...*estando presente na vida, na luta e nos sonhos dos jovens empobrecidos*", os jovens empobrecidos sonham com a liberdade, com uma vida mais digna, o bem estar, a igualdade, um bom emprego, uma casa própria, saúde lazer e cultura, ç preciso ouvir, conhecer e sentir sua realidade, alegrias, angústias, ações, protestos, revoltas e desesperos. Eles buscam a amizade, o místico e as expressões culturais e religiosas.

"...*visando evangelizar*", aqui está toda a preocupação de transmitir o anúncio da Boa Nova do Evangelho, o compromisso de juventude popular, dos pobres, com as pastorais populares e com a nova sociedade.

"*Numa prática libertadora, contribuindo na transformação da pessoas humana e da sociedade*", vamos moldando uma sociedade justa, amorosa, onde não vai mais ter divisão de classe. Vai ter fraternidade, igualdade, partilha, socialização e democracia. Também a pessoa humana se transforma em ternura, descanso, cuidados com o corpo, dança e amor...O processo de libertação gera o novo homem e a nova mulher, capazes de vivenciar o prazer, o respeito e de serem contemplativos.

Portanto, nós, jovens empobrecidos, nos colocamos a vivenciar e testemunhar o REINO DE DEUS: "***O Espírito do Senhor repousa porque ele me consagrou com a sua unção sobre mim para anunciar a boa notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação dos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano de Graça do Senhor***" (Lc 4,12). Assim Jesus, jovem do Meio Popular, se apresenta aos companheiros de Nazaré, jovem do Meio popular, se apresenta aos companheiros de Nazaré, sua cidade. O reino de Deus que Jesus anuncia e realiza é "tudo do bom" para os pobres de sua época e de todos os tempos. Realizamos hoje o objetivo do Reino a partir de nós mesmos, erradicando a cegueira dos olhos e a alienação, soltando os presos contra toda a tortura e pena de morte, libertando-nos de toda forma de opressão e exploração capitalista, realizando o jubileu.

O Jubileu que andamos saboreando ç a festa dos pequenos em torno a CRISTO, o cântico dos romeiros da terra, a conquista da terra em torno a Cristo, a fartura dos assentamentos, os aumentos de salário alcançados nas duras greves, nas noites de vigília e de assembléia. O Jubileu ç ainda o coxo e o manco participarem nos nossos grupos, o jovem trabalhador sendo eleito para um cargo, a moça-heroína puxando o movimento popular com sucesso. O Reino é a vitória de Deus contra o maligno, o Bem contra o Mal. O Reino é o amor entre os jovens e para com todos nós, ç a festa, a dança, a fartura na partilha, as lágrimas do mártires e as emoções das pequenas conquistas. O Reino é a ciranda das CEB's, de "um jeito novo de ser igreja", onde os pobres evangelizam e são evangelizados, animados pelo jovem carpinteiro Jesus, o Cristo, o Filho de Deus.⁶⁶

⁶⁶ JOÃO O PAULO II, Carta apostólica aos jovens e à s jovens do mundo por ocasião o do ano internacional da Juventude, 1985, p. 2

Ontem como hoje, Jesus no Espírito Santo se alegra quando realizarmos o Reino, vencemos os perigos, expulsamos os demônios do ídolo-capital, e diz: "Eu te louvo, Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e inteligentes, e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque foi do teu agrado". (Lc 10,21)

IV - NOSSA PRÁTICA NA IGREJA E NO MUNDO

4.1. CONSCIÊNCIA E COMPROMISSO DE CLASSE

Diferentemente de outras pastorais que fazem opção pelos pobres, nós jovens da PJMP não fazemos opção: **SOMOS POBRES MESMO.**

Isto significa que o sujeito real da ação pastoral da PJMP somos nós jovens empobrecidos, sendo fiéis a Jesus Cristo, a seu Projeto e a nossa classe oprimida.

Entendemos que a construção do Reino de Deus se faz a partir dos pobres e por eles. Neste sentido é fundamental para nós o despertar da consciência de classe.

Falando das experiências dos grupos de cristãos empobrecidos, Clodovis Boff afirma: "São grupos de cristãos que se colocam na ética do oprimido e de sua libertação. A opção de classe é aqui decididamente popular e a perspectiva é a transformação do sistema social vigente. Não se trata, pois, aqui de grupos majoritariamente classe média, com ética pequeno-burguesa e propostas meramente reformistas. Diríamos que os militantes cristãos, articulados entre si se colocar na perspectiva da atual Teologia da Libertação."⁶⁷

Dentro desde entendimento, o lugar social que priorizamos em nossa ação pastoral é aquele onde vivemos, ou seja, os bairros populares, sítios e sertões, e aqueles onde atuamos(CULTURAS, PASTORAIS E ORGANISMOS INTERMEDIÁRIOS...).

Mesmo se tratando de grupos que se encontram no espaço paroquial, estes são exatamente os das paróquias de periferia e do sertão pobre. Temos orgulho de ter amigos das gangues, grupos de funk, desocupados, desempregados, migrantes, que são os mais queridos convidados ao banquete do rei.(Lc 14,15-24).

Na PJMP a formação para militância e o engajamento é feita desde o processo de iniciação.

4.2. NO PALCO DA VIDA

Trabalhamos de forma constante o aspecto cultural, procurando resgatar e valorizar o nosso jeito de ser povo, nossas danças, ritos, artes...Conforme DUSSEL, a arte cumpre uma função central na luta ideologia. Enquanto arte de dominação ela reproduz o sistema e enquanto arte de libertação ela expressa a realidade das classes oprimidas e delinea o mundo novo e ainda utópico⁶⁸.

Trabalhando o aspecto cultural, a nossa experiência liturgia-celebrativa não é de algo pronto, que vem de cima, mas, algo que realizamos a partir das características e símbolos do meio sócio-religioso em que vivemos.

Assim trazemos para o palco da vida, para o altar do Senhor, para as ruas e praças, para os encontros e reuniões as coisas do nosso povo, suas danças, músicas, histórias,

⁶⁷ BOFF, Clodovis, *em cristã os: como fazer política. Ed. Vozes, Petrópolis 1987, p. 28*

⁶⁸ DUSSEL, Enrique, *Caminhos da Libertação à latino-americana. Vol IV, São Paulo, Paulinas, 1985, p.162*

costumes, etc. Conforme Plutarco Almeida consideramos que a arte contribui para recuperar a memória, recompor a identidade e assim conservar raízes.⁶⁹

Diz João Paulo II: "A cultura deve ser considerada como bem-comum de cada povo, a expressão de sua dignidade, liberdade e criatividade; o testemunho do seu percurso histórico. Em particular só dentro e através da cultura, ç que a fé cristã se torna história e criadora da história".⁷⁰

4.3 A LUTA NOS ORGANISMOS INTERMEDIÁRIOS

Os clamores que partem da dura realidade de sofrimento do povo e a missão de construirmos um mundo de mais justiça nos levam a uma intensa militância social e política. À medida que vai adquirindo a consciência de classe, o jovem do Meio Popular vai despertando para a necessidade de uma atuação concreta para a transformação das estruturas sociais injustas. Neste processo, de descoberta, sensibilização e comprometimento, cada jovem, a partir de sua própria experiência de vida e da realidade que o cresce, se insere em determinada luta, movimento ou organização. Daí, temos, dentro da PJMP, uma rica e variada militância, nos mais diferentes mecanismos de organização popular.

Atuamos nas associações de bairro, partidos político comprometidos com os interesses populares, sindicatos, movimentos estudantes, de meninos e meninas de rua, de direitos humanos, de mulheres, negros, sem-terra, sem-teto e de moradia, nas ações da cidadania contra a fome e a miséria e pela vida, na Pastoral Operária, Comissão Pastoral da Terra, Conselhos pastorais de pescadores, grupos culturais, teatros populares, danças, educação popular(alfabetização de jovens e adultos) e outros.

Muitos de nós estão atuando junto aos mais marginalizados: nos centros de valorização da vida, com os portadores do HIV (AIDS), com drogados, homossexuais, lésbicas, prostitutas e prostitutos, mães solteiras e portadores de deficiências, onde os ajudamos a se organizaram para lutar contra a discriminação e pela efetividade dos seus direitos de cidadãos.

Em quase todas as organizações nossa presença ç significativa, em muitas somos direção. Na política, diversos jovens da PJMP foram ou são candidatos e outros são assessores de vereadores, deputados e dirigentes políticos comprometidos com os mais empobrecidos.

A nossa ação social e política é reforçada continuamente pela integração dos militantes da PJMP em grupos de estudo, revisão de vida e oração, onde buscamos o alimento, na fonte saciadora do Deus dos oprimidos. (Lc.4,18-21)

4.4 FORÇA NOVA NA IGREJA

Acreditamos numa igreja que tem uma expressão profética da fé, que assume a realidade conflitiva, querendo ter um rosto mais operário, mais feminino, mais negro, mais índio e mais camponês.

⁶⁹ ALMEIDA, Plutarco, *O teatro na vida e a vida no teatro*. 1988, p. 59

⁷⁰ JOÃO O PAULO II, *Vocação e missão dos leigos*. Ed. Vozes, Petrópolis 1989, p. 113

Diz Puebla: " Os pobres, também alertados pela Igreja, começaram a organizar-se para uma vivência integral de sua fé e, por isso, para reivindicar os seus direitos.

A denúncia profética da Igreja e seus compromissos concretos com o pobre causaram-lhe, em não poucos casos, perseguições e vexames".⁷¹

As atividades eclesiais que realizamos, tais como catequese, ministérios, liturgia, círculos bíblicos, finanças, etc... são feitas a partir de culturas populares e dos fatos da vida. Através das celebrações do Deus da vida e da cultura, Cristo é que dá a Graça para realizar a **UTOPIA DO REINO**.

A respeito de liturgia inculturada, declaram os bispos do Brasil: "Levando-se em conta a sensibilidade cultural do nosso povo, é meta da adaptação da liturgia, num justo e sadio processo de inculturação, a introdução de novos símbolos, de novos ritos de sacramentais para as diversas necessidades e circunstâncias da vida, mas compreensíveis ao povo de hoje, porque criados pela piedade popular, experimentados nas CEB's e outros grupos de oração, ou ainda provenientes das exigências da modernidade."⁷²

Por tudo isto, nós, PJMP, caminhamos juntos com as outras pastorais e com as CEB's, na construção de um mundo mais justo e fraterno.

4.5. ANIMADOS PELO ESPÍRITO

Há um despertar de mistérios e protetismo popular. Neste sentido José Comblin afirma: "A comunidade não está só. Do meio das comunidades cristãs dos pobres vai surgindo vocações específicas, vocações de profetas e missionários. Estes são a verdadeira vanguarda dos pobres, os seus representantes. Não são eleitos pelo povo, mas reconhecidos por ele. São vocações que surgem de modo imprevisível. Não existem escolas de profetas. Há um apelo especial a Cristo e um carisma próprio do espírito".⁷³

Os animadores da palavra, são profetas-missionários populares surgidos do meio do povo, dos pobres, que lhes iluminam o caminho. No Brasil, a atuação desses ministros leigos da palavra é bem conhecida no passado, e ainda é uma realidade presente.

Alguns de nós cumprem essa vocação porque de acordo com o que já afirmou Jairo Humberto, "nossa ação pastoral não se limita apenas às mudanças estruturais da sociedade; seria empobrecê-la, reduzi-la demais. Mais do que isto, ela engloba uma dimensão de transcendência escatológica, ou seja, quer ser sinal de antecipação do reino de Deus na terra". (13)

Muitos são os leigos engajados, seminaristas, irmãs, padres, religiosos integrantes ontem e hoje da PJMP que não são verdadeiros profetas-missionários populares surgidos do meio do povo.

V. MÍSTICA: MOTIVAÇÃO DA VIDA

5.1. FELICIDADE NO ENCONTRO

⁷¹ PUEBLA, *A Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusão es da IIIª conferência geral do episcopado latino-americano*. 6ª ed., Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, n.º 1137-1138, p. 276

⁷² CNBB, *Diretrizes gerais da ação pastoral da igreja no Brasil 1991-1994*. Doc. 45, EP, São Paulo, n.º 95, p. 52

⁷³ (12)COMBLIN, José, *A força da palavra*, E. Vozes, Petrópolis 1986, p.336

"Fizeste-nos para ti, Senhor, nosso coração inquieta-se enquanto não descansar em ti". Santo Agostinho(40)

A nossa mística, motivação, paixão, garra, ardor, empolgação, que temor para viver, lutar, amar e trabalhar é a mesma de Javé que ouviu os clamores do povo oprimido e decidiu libertá-lo por meio de Moisés.

A mística motiva, impulsiona, dá sentido e unidade à vida. A mística da PJMP está concentrada no Deus-Trindade, comunidade perfeita, explicitada sobretudo na força libertadora de Jesus Cristo, amigo dos jovens do Meio Popular. Assim podemos destacar:

I - RELAÇÃO EU-EU: O segundo mandamento apresentado por Jesus Cristo. "AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO" (Lc 10,27), tem como pré-requisito para amar o outro o tamanho do amor que nos temos a nós mesmos. Daí a importância que nós pessoalmente somos para Deus se nós não nos amamos, não podemos amar o outro. Nós somos amados por nós mesmos. Nosso corpo é templo do Espírito Santo, unidade que transmite energia, pulsação de Deus pelo toque que fazemos em nós vibramos de alegria, reconhecemos nossos limites e entremos em sintonia com o cosmo. Com essa prática aprendida dentro da PJMP questionamos as condutas de cunho moralista que condenam o corpo.

Quando descobrimos que somos capazes de vivenciar e transmitir a felicidade somos livres e daí surge a experiência da nossa auto-aceitação e curtição, dando paz interior e tranquilidade de espírito para enfrentar a luta cotidiana.

II - RELAÇÃO NÓS-OUTRO: Respeito pelo diferente, doação, valorização do corpo do outro, serviço, companheirismo, paixão pelo jovem, especialmente do Meio Popular, partilha, sentido de fraternidade e sobretudo uma profunda alegria pela gratuidade que ele traz dentro de nós. A saída do singular para o plural é um salto de qualidade que nos leva a experimentar duas conflitivas relações: A) a amizade, fruto do contato interpessoal, que evita a massificação e perda das nossas próprias características enquanto apoio de um para o outro, e, B) a formação do sujeito coletivo que é soma de nossa individualidade com o outro, mais todos os outros, inclusive os desconhecidos possibilitando a aglutinação de forças para enfrentar a dura realidade de dominação com suas diversas fisionomias.

III - RELAÇÃO NÓS-DEUS: A relação íntima com Deus acontece quando a relação conosco mesmo e com o outro é plena. Temos que privilegiar momento em que conversamos com Deus, falando e deixando Ele falar. Agradecer, louvar, suplicar, entre outras, são traços que precisamos vivenciar dentro da nossa experiência de Deus; a abertura do diálogo com Deus possibilitará senti-lo bem perto de nós, como quem toca o amigo, abraça o companheiro, permitindo até brigar com ele diante das coisas que não compreendemos e que só encontramos explicação no mistério insondável que é a profundidade divina. Cabe dentro da nossa mística a troca de informações N+S-DEUS, onde apresentamos os anseios, as dúvidas, as esperanças, as decepções e até a falta de esperança.

<P>

<in> 5.2. JESUS CRISTO LIBERTADOR

Nossa mçstica ç a mesma de Jesus de Nazarç que desde pequeno se preocupava com " as coisas do Pai "; quando crescido sente que o Espçrito de Deus o envia para os pobres (Lc 02, 49; 4,18) e a paixão que tem pelo Projeto do Pai (Jo 10, 30; 14, 9;6,38) se revela quando diz: " Eu e o Pai somos um", "quem me vç, vç o Pai", " faço a vontade do Pai". O Pai lhe dá coragem para assumir a missão atç o assassinato na cruz.

" Jesus vivia a maior parte do seu tempo, com aqueles que não tinham lugar dentro do sistema social existente: prostitutas que são preferidas aos fariseus (Mt 21, 31-32; Lc 7, 37-50); mulheres - fazem parte do grupo que acompanha Jesus (Lc 8, 1-3; 23, 49-55); povo humilde - entende o mistçrio do Reino melhor do que os sábios e entendidos (mt 6, 34; Mt 9,36; 15, 32) dá-lhes de comer(Jo 6,5-11) e atendidos (Lc 7, 2-10) e a canançia consegue mudar os planos de Jesus (mt 7, 24-30; Mt 15, 22); pobres - o Reino de Deus ç deles (Mt 5,3; Lc 6,20) e não ç dos ricos (Lc 6,24); mendigos na parábola, eles recebem a vida eterna e o rico vai para o inferno(Lc 16, 19-31).

Estas atitudes bem concretas de Jesus representam um perigo muito grande para o sistema dos judeus pois Jesus acolhe os " imorais " , os "marginalizados", os " hereges " (samaritanos e pagos), os " fracos " e os "pobres"(que não tem poder nem saber). os que não tem " lugar" recebem um " lugar" ! Os que tem um " lugar" na convivçncia social não recebem um "lugar" na convivçncia com Jesus !

Ligado ao Pai, Jesus recusa a tentação do messias nacionalista, populista e racista. Rejeita o que era contra a vontade do Pai e contra o povo empobrecido. No fim, ficou, ficou sç e abandonado, exatamente como o povo de seu paçs. <in>Morre abandonado, soltando um grito, (Mt 15, 37); ç o grito dos pobres. Morre abandonado, acreditando que Deus ouve o grito dos pobres!<fn>

Morre acreditando que a vida pisada ç mais forte que o poder que pisa, mais forte que a morte. Morre acreditando que Deus liberta o seu povo com poder criador que vence a morte. E " no terceiro dia " o Pai o ressuscitou !"(14)

A partir da Ressurreição de Jesus, nçs jovens, cremos na Ressurreição e no Banquete definitivo.

A nossa mçstica espelha-se, portanto, na prática libertadora e na pessoa de Jesus de Nazarç que fala do Pai, do seu projeto e age pela força do Espçrito em favor dos pobres.

<in> 5.3.- NA TRINDADE N+O H- DOMINAY+O<fn>

Deus ç comunhão, redentor dele mesmo: são trçs Pessoas; amamos e cremos nos " trçs em um ". " A comunhão trinitária ç fonte de inspiração para práticas sociais. Especialmente os cristãos comprometidos com mudanças estruturais da sociedade a partir das grandes maiorias pobres encontram na Tri-unidade a sua utopia eterna. Os trçs diferentes afirmam a diferençça um do outro; ao afirmar o outro e entregar-se totalmente a ele se constitui com diferente em Comunhão.<in> Na Trindade Santa não há a dominação a partir de um pçlo mas a convergçncia dos trçs numa recçproca aceitação e doação.<fn>. São diferentes mas ninguçm ç maior ou menor, antes ou depois do outro. Por isso, uma sociedade que se deixa inspirar pela comunhão tributária não pode tolerar as classes, as dominaççes a partir de um poder (econçmico, sexual ou ideolçgico) que submete e marginaliza os demais diferentes. "(15).Nossa espiritualidade ç trinitária glorificando o Pai Criador, o Filho Libertador, o Espçrito Vivificador.

<P>

<in> 5.4.- DEUS AMIGO DOS POBRES <fn>

Creemos no Deus Javç, e de tantos outros nomes que recebe nas várias culturas e povos, no Deus Libertador, no deus justo, amoroso e compreensivo que sempre atua a favor dos empobrecidos. Amamos e adoramos o Senhor, conforme nos diz João Paulo II: "Rezai e aprendei a rezar! Abri os vossos corações e a vossa consciência diante d'Aquele que vos conhece melhor de que vçs mesmos. falai com Ele! Aprofundai a palavra de Deus Vivo, lendo e meditando a Sagrada Escritura." (44)

Reconhecemos sua presença nos fatos da vida, nos sinais amorosos, nas conquistas, nos companheiros generosos e corajosos.

Nos SALMOS nos sentimos " em casa " , nçs sofredores diante de Deus que ontem e hoje redime e acolhe os clamores dos pobres, doentes e excluídos.

Compreendemos com Jorge Pixley e Clodovis Boff. que não ç indiferente que o MESSIAS tenha assumido no seu nascimento a condição social de um pobre e tenha aparecido na forma de um trabalhador humilde e não de um Cçsar. Desta forma, estes dois teólogos afirmam: o Deus cristão não se entende sem o pobre, o indefeso, o desprezado, em suma, o necessitado. Um Deus separado do pobre pode ser tudo, menos o Deus revelado"

Os autores citados nos mostram ainda que " O Deus bíblico ç um Deus çtico, em Deus justo. O que move a Deus no sentido de pçr-se do lado dos oprimidos não ç a injustiça humana, mas a justificação dos humilhados em função do restabelecimento da justiça na história"(16)

<in>-5.5- IGREJA PARTICIPATIVA<fn>

Vivemos nossa eclesialidade sob a perspectiva do reino, procurando viver a relação Igreja- Reino- Mundo segundo as recomendações dos Bispos em Medellín e Puebla onde a igreja se coloca como sinal e instrumento do Reino ao lado dos oprimidos.

Como pastoral específica, somos uma expressão eclesial com rosto e características própria assumindo a missão de fazer acontecer o Reino da libertação no Meio dos empobrecidos em comunhão com a caminhada do povo de Deus, de Jesus de Nazarç, dos primeiros cristãos e da Igreja toda que recolhe , acolhe e realiza a Palavra. Somos igreja celebrando a vida, a ação de Deus no meio de nçs e no mundo em comunhão com toda a comunidade eclesial, com outras comunidades, outras pastorais, outras Igrejas(17)

Assim, como afirma Frei Betto, " queremos participar e fazer acontecer a Igreja dos pobres, profçtica, libertadora, ecumênica, comprometida na luta dos empobrecidos, marginalizados e oprimidos, uma Igreja descentralizada, diversidade de ministçrios, masculina e feminina, comunidade de comunidades, que vive e celebra a ação de Deus nas lutas do povo"(18)

<P>

<in> 5.6 - A CONSTRUÇÃO DA CASA HUMANA<fn>

Queremos resgatar, valorizar e praticar os princípios e direitos universais da pessoa humana: igualdade, fraternidade, justiça, honestidade, coerçncia, solidariedade, perdão, doação, amor, paixão, liberdade, alegria, criatividade, esperança... Queremos ser e fazer pessoas conscientes, livres, responsáveis, amorosas, alegres e sempre na

busca do novo. Na pessoa humana empobrecida, nossa irmã, está presente Jesus sofredor, segundo as suas próprias palavras: " Tive fome e me destes de comer" (Mt 25, 25-34). A partir do evangelho, sonhamos e trabalhamos por uma sociedade igualitária, justa, democrática, pluralista, que socialista bens materiais, saber, poder e lazer. Por isso, participamos e assumimos as lutas populares, nos Organismo Intermediários de transformação da sociedade, para discernir e fazer acontecer a " novidade " na história.

<in> 5.7.- OS IRM+OS QUE TOMBARAM NA CAMINHADA

Recordamos, admiramos e seguimos a memória história dos mártires, sobretudo dos latino-americanos<fn>que estão mais perto de nós, que comprovaram com seu sangue derramado, a mística da ação que os movia e o espírito de Cristo que os animava.

Na história da igreja primitiva vemos que os primeiros cristãos salientavam o martírio dos seus irmãos mortos e feridos no sentido de " fortalecer a resistência dos que permanecem lutando e chamá-los à Radicalidade na caminhada, animados pelo testemunho do irmão que os antecede na luta"(19) Marcelo Barros ao refletir sobre o sentido cristão do martírio por ocasião da morte do Pe. Josimo afirma que " o que caracteriza o cristianismo é levar a sério a vida e , por isso, também a morte. Jesus Cristo e os seus discípulos não escamotearam a realidade terrível da morte. E se qualquer morte já é em si como um anti-projeto de Deus, o Deus da vida, o que não dizer de uma morte provocada e fabricada pelos opressores ?(20)

... " Quem é esse menino negro
que desafia limites ?
Apenas um homem
sandálias surradas
Paciência e indignação
Riso Alvo.
Mel noturno.
Sonho irrecusável.
Lutou contra cercas
Todas as cercas
As cercas do modo
As cercas do çdio
As cercas da terra
As cercas da fome
As cercas do corpo
As cercas do latifúndio
Trago na palma da mão
um punhado da terra
que te cobriu.
Está pesca.
+ morena, mas ainda não é livre
como querias
sei aqui dentro<P>
que não queres apenas lágrimas
tua terra sobre a mesa

me diz com seu silêncio agudo
Meu sangue se levantará
como um rio acorrentado
e romperá as cercas do mundo
Um rio de sangue convocados
atravessará tua camisa
e ela será bandeira
sobre a cabeça dos rebeldes "

(do Poema escrito por Pedro Tierra " A morte anunciada de Josimo Tavares")(21)

<in> 5.8 - MARIA, NOSSA MãE<FN>

Maria de Nazaré, mãe e trabalhadora, é a mulher " forte " e animadora da nossa caminhada inclusive pela sua origem social. + uma mulher que viveu a experiência da marginalização, contribuindo a demais na construção do Reino de Deus pela sua fé rezada e cantada em seu hino de louvor a Deus que derruba os poderosos de seus tronos eleva os oprimidos, conforme o cântico que entoamos com toda a nossa força: " derruba os poderosos dos seus tronos erguidos, com sangue e suor de seu povo oprimido; e farta os famintos; levanta os humilhados, arrasa os opressores, os ricos e os malvados" (Lc 1, 46-55).

<in,c>" A Virgem Maria, Mãe da América Latina, acompanha nossa história.<fn>. Desde o princípio esteve conosco como MARIA DE GUADALUPE e a sentimos tão presente que cada um de nossos povos lhe dá um nome, associando-a a seu caminhar. + ela quem nos inspira, com sua humildade e disponibilidade, a entregarmos nossas vidas. "(22)

<in>5.9 - SACRAMENTOS: A GRAYÁ LIBERTADORA<FN>

Creemos e participamos dos sacramentos da vida cristã.

diz o Papa: João Paulo II " + necessário também que repenseis - o muito seriamente - o significado profundo do Batismo e da Confirmação. Nestes dois Sacramentos está contido, de fato o substrato fundamental da vida e da vocação cristã. Deles, parte o caminho para a EUCARISTIA , na qual se contém a plenitude dos dons sacramentais, concedidos ao cristão em superabundância: toda a riqueza da igreja se concentra neste Sacramento de Amor. Por outro lado - e sempre em relação com a Eucaristia - é preciso refletir sobre o assunto do Sacramento da Penitência, o qual tem uma importância insubstituível para a formação da personalidade cristã, importância que pode ser acrescido, se a ela andar unida a direção espiritual, ou seja uma escola sistemática de vida interior. " (23)

Alimentamos a nossa missão, ganhamos mais coragem para resistir e lutar, quando partilhamos os momentos bons e difíceis da vida, as vitórias e derrotas, nas REVISÕES DE PRÁTICA E DE VIDA.. Também quando participamos das celebrações religiosas, romarias, caminhadas, retiros, leituras bíblicas e dos sacramentos da Igreja e da vida expressamos o amor e o louvor ao Senhor da criação e da História.

<p>

<in,c>VI - METODOLOGIA E MÉTODO DA PJMP<fn>

Toda terminologia do método e processo de uma pastoral apresenta limites, porque um sujeito pode ser maduro militante) num aspecto e imaturo em outr. + a terminologia que nos parece melhor e por isso a usamos ç de grupalização e militância.

A base de tudo está a organização e planejamento da PJMP. Os métodos ver, julgar e agir e prática-teoria-prática são como o construtivismo são por nós usados e alternados, dependendo do tema, da situação e do objetivo do momento.

Sendo uma pastoral juvenil popular, nos caracterizamos pela consciência de classe oprimida, pela fundamentação bíblica a partir do pobre, pela fé em Jesus Cristo libertador e na Trindade e por assumirmos nossa identidade e compromisso cultural, político e afetivo.

Assim, nossa metodologia tem os seguintes princípios básicos.

1). Estimular a organização dos jovens do Meio Popular em pequenos grupos de base;

2). Refletir a vida, a realidade concreta, com vista ç formação da consciência crítica e de classe, para que os jovens sejam sujeitos da história nos grupos de base e nos vários níveis da organização pastoral.

3). Contribuir na construção de um projeto de vida inspirado no seguimento de Jesus Cristo a partir da sua opção pelos empobrecidos;

4). Valorizar e incentivar as pequenas ações dos grupos dos jovens do meio popular no lugar onde estão;

5). Valorizar e incentivar o engajamento dos jovens do Meio Popular nas organizações da sociedade civil e da classe trabalhadora.

6). Vivenciar o processo de formação integralizante onde o corpo deve ser respeitado em sua totalidade fazendo crescer fé, engajamento político e eclesial de forma gradual e não desigual.

7). Acompanhar o engajamento dos jovens militantes promovendo revisão de vida e da prática, ajudando-os a permanecer firmes na fé e no engajamento;

8). Incentivar o trabalho com a massa jovem na perspectiva de atingir os mais marginalizados, os excluídos da sociedade.

9). Estimular jovens e adultos leigos, seminaristas, padres e freiras para o serviço de assessoria na PJMP.

<in>6.1- GRUPALIZAÇÃO: COMPROMISSO DE IRM+OS<FN>

Nossas formas de agremiação vêm, em parte, do trabalho nas Comunidades Eclesiais de Base e das paróquias. Há grupos que surgem como simples PJ, outros a partir das celebrações libertadoras ou do crisma. Há também grupos que surgem em ocasião de manifestações e de atividades culturais e artísticas, tais como: shows, festivais, festas, carnaval, danças populares, teatro popular... Jovens excluídos e marginalizados são, çs vezes, atingidos e articulados por jovens militantes.

Há turmas que se reúnem pela necessidade de fraternidade, lazer e esporte.

As lutas populares e os movimentos de reivindicação também são um espaço de agremiação.<p>

Fazemos bastante pesquisas ao iniciar a evangelização de outros jovens mas preocupamo-nos com os jovens que não estão num ambiente novo, na igreja.

Uma vez que, por um ou vários motivos, os jovens se juntem num grupo, vamos puxando a conversa amigável a partir da vida.

O militantes e assessores que animam os grupos por dentro vamos provocando sempre maiores laços de amizade e formas agradáveis de convivência através de brincadeiras, festinhas, passeios, lazer... isto não para instrumentalizarmos os companheiros mas porque eles, machucados por este sistema, trazem muitos problemas, solidão, desesperança. Os problemas são enfrentados, discutidos e procuramos a partir de dentro dos grupos - soluções. A linguagem é o jergão das grandes periferias ou dos sertões de nosso país: linguagem rude e palavreado forte e atrevido. Fala-se muito com as músicas, as canções, alguns programas de TV, gibis... respeitamos o país-moderno, o jeito de ser, vestir, pensar de cada um e damos muitos espaços para perder os medos e se desinibir. Neste sentido, são fundamentais as técnicas e dinâmicas de grupo, realizadas sem formalismos ou competições...

A idéia que aos poucos vai se clareando no grupo é que nós, jovens empobrecidos e populares, somos os preferidos de Deus de tantos nomes e chamados para uma missão. Quem nos chama é o jovem Jesus Cristo, Deus-conosco, igual a todos nós e por isso, perfeito no amor e na felicidade...

Ele nos chama a conhecer e desvendar e mudar o sistema injusto em que vivemos. Despertamos nossa capacidade crítica e nos reconhecemos como classe oprimida em luta pela liberdade e pelo reino de fraternidade em Deus. Com uma linguagem popular e metodologia participativa, vamos crescendo como PJMP, segundo as cinco dimensões da formação integral: social, psico-afetiva, teológica, política e de capacitação técnica. Nas cinco dimensões, resgatamos a realidade sofrida e nossa resistência. Produzimos subsídios populares e fazemos encontros. + difícil realizar por isso, cursos e encontros em fins de semana quando não temos sequer dinheiro para comer, vivemos com medo de assaltos e as famílias temem por nós filhos. A isto acrescenta-se o cansaço de trabalhar, estudar, ajudar em casa... A GRUPALIZAÇÃO + UM GRANDE PASSO DE NÓS JOVENS. Aos poucos os integrantes do grupo ficam sabendo e conhecendo outros grupos da localidade, da região, do Estado, do país. Acabamos entendendo que há uma organização nacional(e latino-americana) de nós jovens dos meios populares, assim como há as outras Pastorais da Juventude específica e que todos unidos na Pastoral de Conjunto construímos o reino.

6.2.- MILITANCIA: A CORAGEM DO ENGAJAMENTO

Militantes somos todos aqueles que temos um forte engajamento social e eclesial e continuamos crescendo nas cinco dimensões da formação integral.

Nossa preocupação fundamental de PJMP é de atingir todos os aspectos de nossa vida de classe oprimida e lutadora: afetividade, profissionalidade, família, espiritualidade, liberdade, etc.

Brigamos para transformar as injustas estruturas sociais, políticas, econômicas, culturais. Nossas ferramentas populares para derrubar o capitalismo são os movimentos populares(negros, mulheres, melhorias de bairros, sem-terra, sem-terra, sem-casa, meninos e meninas de rua...), os sindicatos, os grêmios, as associações(ex.: associações de moradores), os partidos..., as pastorais dentro da igreja, a arte, a música, o esporte...<p>

+ grande nosso carinho para com a Igreja, onde contribuimos com as equipes e pastorais, especialmente aquelas populares. Por isso, " pertencer à Igreja não se identifica de modo algum com a realização de tarefas intra-eclesiais; pensá-lo assim será o oposto

de uma vocação missionária. " A igreja foi feita para o mundo e não o mundo para a igreja, já disse faz muitos anos, Pio XI."(24) Entendemos como militantes que nas organizações continuamos sentados IGREJA, mesmo não podendo sempre estar em tudo.

<in>6.3.- ASSESSORIA: COMPANHEIROS DE CAMINHADA<FN>

Os assessores são companheiros de caminhada, religiosos e leigos do Meio popular, comprometidos com a liberdade de nossa classe e com a plenitude humana universal. Os assessores acompanham os grupos e comissões, sentindo nossas necessidades, conhecendo nossa realidade e lutas. Às vezes, precisam questionar o grupo, outras vezes precisam se deixar questionar pelo grupo. Não dão tudo pronto. Não são coordenadores nem líderes de grupo, mas educadores que aprendem junto com os jovens que acompanham.

No momento de conflito, são chamados a ajudar os jovens a enfrentar a situação de uma maneira evangélica.(25)

<in> 6.4. M+TODOS DA PJMP<fn>

<in>6.4.1 -<fn> PR-TICA - TEORIA - PR-TICA<fn>

Em cima de um assunto importante para a vida, partimos da PR-TICA, isto é, da realidade - suas causas - suas consequências e de nosso AGIR=COMPORTAMENTO-AÇÃO em relação ao tal assunto.

Não nos contentamos com a análise estrutural e conjuntural, mas examinamos as forças agentes no determinado assunto e contexto e a relevância de nossa força no jogo de forças. Qual foi nosso tipo de ação? Como agimos? Por que agimos assim? O que faltou? Em que avançamos?...

A isto segue o segundo momento que é TEORIZA, REFLETIR a prática. É o momento de estudar mecanismos de engrenagem sobre tal assunto, desmontar peça de determinado aspecto da realidade, aprofundamos, conhecer as idéias, as teses, as sistematizações sobre o argumento. confrontamos com a Bíblia, os documentos da igreja, as ciências modernas. É o momento também de diagnóstico, de ao comparar teoria e prática anterior, desvendar as incoerências e os "buracos".

O terceiro momento é o de VOLTA + PR-TICA: antes de armar e articular a prática futura sobre tal assunto, precisamos rever a prática inicial no sentido de dizer como deveria ter sido nosso comportamento a atuação naquele contexto, situação problema. É dizer: " aqui deveríamos ter feito assim, acolá assado ", etc.

Isto servirá de base para as futuras práticas e atuações. Precisamos adquirir a capacidade objetiva-científica de avaliar o jogo de forças no assunto em questão, medir nossa força e calcular o melhor entre os possíveis comportamentos, individualizar o que gerará sucesso parcial e total na determinada situação...DA PRÓXIMA VEZ A GENTE SE ORGANIZA MELHOR E ACERTA.<p>

<in>6.4.2 - DIAGNÓSTICO DA VIDA: VER - JULGAR - AGIR<FN>

Trabalhar na PJMP o método- VER - JULGAR - AGIR é ajudar os jovens a se comprometerem na construção de um mundo novo, onde a mulher nova e o homem novo terão seu lugar. Independentemente do grupo com o qual trabalhamos, grupos de base, coordenadores, representantes de grupo.

Neste sentido, encaramos este métodos com uma reflexão própria que consiste no seguinte:

VER: Ao ver o rosto da PJMP, percebemos que são os rostos dos jovens do meio popular, marcados pelo sofrimento e exploração, tragados pelas estruturas desumanas de um sistema injusto. No momento do VER, nos perguntamos como vai a nossa vida? o que estamos fazendo para superar as dificuldades? que estruturas social está ? como está sendo a nossa oração.

JULGAR: + hora da gente se perguntar " por que ? + luz do Projeto de Deus, da sua Palavra, dos documentos da Igreja, das ciências sociais, procuramos tirar as máscaras da realidade, buscar as explicações que nos ajudem ver além das aparências, descobrir as causas das situações vividas e a força que alimenta a nossa utopia e o nosso sonho de uma vida mais humana e com dignidade.

AGIR: procuramos não ficar só na conversa e na reflexão. Realizamos ações concretas de forma organizada, pensada e com a participação de todos. Engajamos-nos nas organizações populares(lutas pela terra, associações de moradores, sindicatos, partidos políticos, grêmios estudantis, movimentos de negros, de mulheres, pela moradia, etc).

AVALIAR: + fundamental avaliar o que estamos fazendo, rever os resultados do trabalho realizado, redescobrir os passos dados, fazer uma REVISÃO DA VIDA de cada membro do grupo, olhar cada um como motivador dessa vontade de viver a proposta da PJMP em seu meio específico. Rever as ações realizadas, observando os avanços obtidos e os erros cometidos.

CELEBRAR: Celebrar o Deus da VIDA que abençoa nossa caminhada. Celebrar as esperanças e vitórias com criatividade, trazendo presente os símbolos e os valores da nossa cultura.

FESTEJAR: Continuar a celebração na festa, na alegria de estar juntos partilhando sonhos e desafios. Descobrimos e valorizamos a amizade, nosso jeito próprio de ser homens e mulheres alegres e cheios de sonhos.

<in>6.5- QUADROS - BASE - MASSA <FN>

Nós da PJMP nos esforçamos para ser uma pastoral de quadros, de base e de massa. (Tomamos emprestada aqui uma linguagem política).

Quadros: A medida em que não são oferecidas motivações, experiência prática e formação teórica, nós militantes assumimos tarefas importantes na PJMP, na igreja e na sociedade.<p>

Periodicamente nos confrontamos, rezamos, avaliamos a nível de cidades, regiões, regionais e nacional. isto está dentro de nossos planos e vai dando frutos. Com esta prática, vamos aumentando nossos quadros, jovens com funções de direção.

Base: Na prática de mantermos nossa base sólida, realizamos enquanto grupos de jovens e militantes, reuniões periódicas, cursos e encontros sistematizados sobre temas específicos e produzimos subsídios.

+ claro que há crises, limites, falta de dinheiro, de assessores... Os grupos, dos quais fazemos parte e são de nossa base, acham muito importante este trabalho formativo, pessoal e de grupo.

Massa: No momento em que nos comprometemos com as classes populares, assumimos também um compromisso com as multidões de jovens que estão fora do ambiente eclesial. + um trabalho difícil mas gratificante pois, não só estamos tornando concreto o projeto do pai como também o projeto da PJMP.

Não temos o problema da linguagem: é a nossa língua de berço, somos todos pobres o que já nos torna mais próximos da massa juvenil. A evangelização se dá através de shows, festas, subsídios, festivais, dias culturais, torneios, teatros como momentos fortes de expressão de nossas culturas populares.

<in,C> VII - NOSSA ORGANIZAÇÃO NACIONAL

7.1. - COMISSÃO NACIONAL(CNPJMP)<fn>

A Comissão Nacional da PJMP é formada por um(a) representante de cada regional (um ou mais estados; a sua função é ser órgão de execução das deliberações de nossa Assembleia Nacional (ANPJMP), tem caráter deliberativo, respeitando como instância máxima de deliberação a ANPJMP que é a cada dois anos e, levando em conta as necessidades da caminhada e a realidade de cada regional.

A CNPJMP procura através dos representantes regionais, agrupar e articular a PJMP em lugares onde ela ainda não existe ou onde existem jovens simpatizantes da proposta.

Propicia a partilha de experiência entre os Regionais, repassando todos as reflexões feitas para os mesmos, a fim de aprofundá-los através de discussões. Avalia, anima e reflete a caminhada a partir da conjuntura eclesial e política. Incentiva e atua na criação de nossos projetos financeiros.

<in>7.2 - A SECRETARIA NACIONAL<FN>

A Secretaria Nacional da PJMP; é constituída por um(a) secretário(a) LIBERADO(A) ESCOLHIDO(A) entre os membros da CNPJMP. Documentos nossa memória histórica. + o ponto de referência da nossa Organização Nacional. Garante nossa unidade. Formula, seleciona e distribui subsídios e materiais. Repassa as informações. + também o elo de ligação e comunicação entre os regionais, fazendo intercâmbio com outras pastorais a nível nacional e internacional. Ele(a) representa a PJMP na coordenação Nacional da Pastoral da Juventude do Brasil (CNPJ). O (a) secretário(a) nacional faz também o papel de tesoureiro(a). A secretaria nacional se instala na Regional onde o (a) secretário(a) nacional reside e atua, ocupando estruturas existentes.

<p>

<in>7.3 - A COMISS+O NACIONAL DE ASSESSORES<fn>

A Comissão Nacional de Assessores da PJMP ç uma equipe de trçs pessoas indicadas pela ANPJMP. Os membros da equipe distribuem entre si os prçprios trabalhos de assessoria.

Um da equipe acompanha e presta assessoria ç CNPJMP; os trçs, quando convidados, assessorem os Regionais. Participam na preparação de nossos encontros/cursos a nçvel nacional. Ajuda a preparar subsçdios e materiais formativos, procura formar grupos e pessoas onde não haja PJMP organizada, contatando pessoas e levando materiais. um assessor representa a PJMP na Comissão Nacional de Assessores da Pastoral da Juventude do Brasil (CNPJ); o terceiro acompanha o secretário(a) nacional.

A CNPJMP e a CNAPJMP tçm, respectivamente, duas reuniçes ordinários por ano e o mandato de dois anos.

Os nçveis contudo, mais significativos para a organização são aqueles de BASE. Na base, destacando os quadros, se d a ação social, polçtica, eclesial de transformação e de construção do Reino. A nçvel de regionais, dioceses, cidades, áreas, setores, regiçes, parçquias, CEB'S e bairros, temos comissçes, encontros, assemblçias, articulaççes, secretarias...

Podemos aperfeiçoar nossa organização na certeza de que isso ç fundamental para a nossa caminhada.

VIII.NOSSO SUOR, NOSSO SUSTENTO

Conta Domingos Cercione como a Pastoral de Juventude do Meio Popular de Juventude do nordeste multiplica as pequenas experiçcias de autofinanciamento:

- . caixinha de grupo de jovens: cada membro do grupo d regularmente sua contribuïo;
- . rifas: são rifados livros e outros pequenos objetos;
- . coleta e venda de garrafas e jornais velhos;
- . livros de ouro;
- . realização de pequenas festas: "shows" ou peçças teatrais;
- . gincanas, etc.

CARDJIN, o fundador da JOC , costumava dizer: " O <is>jovem trabalhador se compromete de verdade com movimento quando paga sua cotização mensal". <fs>" . O autofinanciamento era considerado importante para a não dependçcia de ninguem ç JOC.

Dessa forma, aparece claro que o autofinanciamento constitui um instrumento para os jovens do meio popular se auto-educarem na capacidade de usar o dinheiro que conseguem atravçs do emprego ou dos biscates...

Alçm disso, na medida em que os jovens do meio popular formarem uma força organizada,..., o autofinanciamento será para eles tambçm umj meio de garantirem sua autonomia.

É fundamental manter essa autonomia, sobretudo, nas horas de tensão que não faltam na Igreja.

A Igreja latino-americana recebe, hoje, muita ajuda financeira das Igrejas da Europa e da América do Norte. Esse fato revela uma solidariedade que na Igreja primitiva era muito conhecida e praticada. Contudo, traz vários riscos:

- . o risco da acomodação;
- . o risco de fazer com que os cristãos latino-americanos não confiem devidamente em suas próprias forças;
- . o risco e não poder continuar um trabalho pastoral na hora em que foram cortados os recursos vindos do exterior.
- . É preciso que os jovens do Meio popular aprendam a caminhar com seus próprios pés também nesse aspecto."(88)

Caminhamos para uma autonomia financeira, encontrando aos poucos formas de autosubsistência.

Enviamos PROJETOS FINANCEIROS para entidades nacionais e internacionais, aplicando os recursos em atividades produtivas e comerciais para nos mantermos com os lucros. Produzimos camisetas, colares, broches, adesivos, bolsas para vender junto com nossos livrinhos. Vimos, há tempos, insistindo também para que cada membro da PJMP, empregado, contribua mensalmente com 1% do salário mínimo, do qual 50% (de 15) fica no regional e 50% fica para o Nacional. Além disso, cada Regional faz uma promoção anual e envia 50% da arrecadação para o Nacional.

Alguns Regionais em que não é viável o sistema de 1%, encontrar outra alternativa e estão enviando periodicamente certa quantia para o Nacional. Temos atividades artesanais e artísticas.

Contribuir economicamente é também testemunhar que fazemos a parte, gostamos, acreditamos e queremos continuar com a atuação da PJMP.

Essa contribuição ajuda na manutenção da secretaria Nacional, o pagamento de cursos e assembléias, nas despesas da CNPJMP e CNAPJMP.

<in,c>IX - PJMP : PASTORAL ESPECÍFICA <FN>

<IN> 9.I. UMA PEDAGOGIA DAS CLASSES POPULARES<FN>

No capítulo II, quando falamos do nascimento da PJMP, mostramos que nosso nascimento está profundamente relacionado ao contexto de Igreja e de sociedade da época, isto é, 1978. Percebemos que a realidade política, econômica, eclesial apontava a necessidade de construir uma pastoral de juventude que levasse em conta a realidade social dos jovens. Olhar nossa história de 15 anos é fundamenta quando falamos da especificidade da PJMP e da nossa pedagogia. Apesar das inúmeras transformações e reviravoltas que ocorreram neste tempo na vida política, econômica, social e eclesial do nosso país, assim como há 15 anos, a realidade de hoje exige a construção de pastorais populares que sejam expressão profética da fé e da missão social da Igreja.

Dizem por aí que o socialismo acabou que o capitalismo é vitorioso no mundo inteiro, que não existe mais luta de classe. Contudo, como vimos na primeira parte deste livro, hoje, mais do que nunca este sistema mostra a sua crueldade.<p>

Por isso continuamos bem atentos à reflexão dos nossos Bispos em Puebla. Olhando a realidade da juventude na América Latina eles observam; " a juventude na América Latina não pode ser considerada em abstrato. Há diversidade de jovens, caracterizados por sua situação social ou pelas experiências sócio-políticas que vivem seus respectivos países. Se observarmos a situação social, verifica que, ao lado

daqueles que, por sua condição econômica, se desenvolvem normalmente, há muitos jovens indígenas camponeses mineiros, pescadores e operários que, por sua pobreza, se vêem obrigados a trabalhar como adultos"(26)

Frente a esta realidade da juventude os Bispos recomendam uma linha pastoral global que desenvolva " de acordo com a pastoral diferencial e orgânica, uma pastoral de juventude que leve em conta a realidade social dos jovens do nosso continente."(27)

Na realidade conflitiva em que vivemos não há como esconder a luta de classe e as desigualdades de classe. Neste sentido não há como evangelizar igualmente em realidades opostas como por exemplo: jovens que desenvolvem seus estudos normalmente e jovens semi-analfabetos; jovens que não precisam trabalhar porque seus pais garantem tudo que precisam e jovens que precisam trabalhar inclusive para sustentar a família ou que sofrem no desemprego ou subemprego

Uma pastoral que leva em conta a classe social dos jovens reúne condições para que os jovens oprimidos sejam agentes de evangelização e de transformação no seu meio social. Não trata-se de excluir quem não é oprimido, mas sim de assumir a predileção pelos mais pobres contra a pobreza, pois acreditamos que a transformação desta realidade começa e tem como sujeito principal a maioria empobrecida.

Assim, a PJMP é uma pastoral onde os jovens empobrecidos têm a oportunidade de conhecer e tomar consciência da sua realidade, descobrir os caminhos para nela intervir de forma consciente e transformá-la.

É uma pastoral de jovens oprimidos, filhos e filhas da classe trabalhadora que trazem em suas vidas as marcas de quem precisa lutar para sobreviver. O jovem que não é do Meio Popular e deseja participar da PJMP é convidado a ser solidário com a nossa realidade concreta e a assumir o compromisso evangélico de lutar contra todas as formas de opressão.

Nossa pastoral se afirma pelo compromisso com o Reino, pelo testemunho de vida e pela perseverança nas lutas do nosso povo oprimido. Procuramos vivenciar uma espiritualidade encarnada na vida e ser presença forte na Igreja.

Temos pois como fontes inspiradoras de nossa existência: O Evangelho de Jesus Cristo, a Teologia da Libertação, as recomendações dos nossos pastores, a situação de opressão da nossa classe oprimida e os princípios da pedagogia libertadora cujas sementes foram lançadas por Paulo Freire e que hoje é enriquecida e ampliada por tantos outros intelectuais que buscam ajudar na construção de uma nova sociedade.

A PJMP é uma Pastoral que busca despertar a consciência de classe nos jovens do campo e na cidade, e resgatar a cultura popular em suas particularidades regionais. Somos trabalhadores marginalizados e estamos presentes nos sindicatos, partidos políticos comprometidos com os pobres, associações e outros mecanismos de transformação da sociedade constituída por jovens trabalhadores e trabalhadoras.<p>

A PJMP reúne diferentes grupos étnicos marginalizados - negros, índios, mestiços, brancos - e grupos sociais com posturas muito diversificadas, tais como; Punks, metaleiros, pixadores, funks, drogados, raps, pagodeiros, prostituídos (as) e , integrantes de grupos que lutam pela livre orientação sexual.

Afirmam os bispos do Brasil que às classes populares são o lugar social de onde se analisa toda a sociedade e se percebe o desafio de construção de uma sociedade sonhada por Deus... A igreja tem consciência de que pesa dupla violência sobre os jovens das classes despossuídas: a violência da pobreza e da exclusão dos jovens do conjunto da sociedade... O surgimento de lideranças populares evita que jovens das

classes médias e alta inibam o surgimento e desenvolvimento daquelas lideranças. os jovens do Meio Popular deverão ser agentes da própria história, conscientização e libertação."(28)

Por isso, afirmamos que nossa pastoral é uma pastoral de Classe, de nossa classe popular oprimida. Contudo, apesar da opressão não perdemos a ternura. Somos sensíveis diante das várias dificuldades, capazes de nos emocionarmos e solidarizar diante das tristezas e alegrias, levados pela esperança de conquistar uma sociedade mais humana.

<in,c>A FESTA NOS FAZ SER MAIS<FN>

<IN>10.1 - O BANQUETE NA BÍBLIA<FN>

Toda a Bíblia vê na festa a expressão máxima da felicidade. está escrito no profeta Isaías: No final dos tempos, o monte do templo de JAVÉ estará firmemente plantado no mais alto dos montes, e será mais alto que as colinas. Para lá correrão todas as nações. Para lá irão muitos povos, dizendo: Venham! vamos subir à montanha de Javé, vamos ao templo de Deus de Jacó, para que ele nos mostre seus caminhos e possamos caminhar em suas veredas: Pois de Sião sairá a lei e de Jerusalém a palavra de Javé. Então ele julgará as nações e será o árbitro de povos numerosos. DE SUAS ESPADAS ELES FABRICARÃO ENXADAS, E DE SUAS LANÇAS FARÃO FOICES. Nenhuma nação pegará em armas contra outra, e ninguém mais vai se treinar para a guerra. Venha casa de Jacó: vamos caminhar à luz de Javé. Javé dos exércitos vai preparar no alto deste monte, para todos os povos do mundo, um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos, de carnes suculentas, de vinhos refinados. Neste monte Javé arrancará o véu que cobre todos os povos, a cortina que esconde todas as nações; ele destruirá para sempre a morte. O senhor Javé enxugará as lágrimas de todas as faces, e eliminará da terra inteira a vergonha do seu povo porque foi Javé quem falou nesse dia se dirá: " Vejam o nosso Deus! É nele que esperávamos para que nos salvasse: celebremos e festejemos a sua salvação. "(Is 2,2-5; 25,6-9).

<in>10.2 - A PJMP FAZ FESTA<FN>

Para nós é preciso celebrar e comemorar sempre a graça da presença de Deus no meio de nós, a Vida, cada passo da caminhada. Sem festa o mundo fica à beira da morte, desanimado. O povo do Candomblé nos ensina que o mundo dos homens precisa de festa pois ela tem a ver com a essência da vida. É uma forma de nos opor à experiência dura do cotidiano reunindo beleza pois na festa todos se fazem bonitos, alegria, leveza, animação, dança, alimento, comunhão. (29).<p>

Enquanto Pastoral dos jovens empobrecidos, temos e gostamos muito de festas. Cada vez mais, realizamos e participamos das festas populares, festas do padroeiro, onde alcançamos a experiência da fraternidade, libertação, prazer e alegria. Incentivamos as organizações de bailes, serestas, pagodes, forrós, quermesses, confraternizações, em pequenas apresentações nas bases. A nível de massa fizemos e estamos fazendo congressos, romarias dos jovens, shows, dias culturais, bailões, festivais, semanas culturais, tudo com objetivo lúdico e pedagógico.

<in> 10. 3 - O ENCANTO FESTIVO DO CATOLICISMO POPULAR<FN>

As festas do padroeiro da comunidade e da paróquia, as festas do Divino, Natal, Páscoa, festas Juninas, são momentos especiais de encontro espiritual e humano com Deus e com nosso povo. O corpóreo coletivo e o transcendente se fundam no riso, na fartura de comidas e bebidas, na alegria de repetir na Eucaristia e nas rezas e nas procissões que Deus nos ama, que a vida está repleta de esperança, que somos todos amigos, todos humildes e iguais...

Para nós da PJMP, as festas religiosas são prioridade, não só pela união e nossa gente mas porque precisamos beber do poço de fé e cultura dos antepassados, garantir a nossa identidade, valores irrenunciáveis, refazer-nos e criar-nos psicologicamente e emotivamente...

<in> 10.4. ASSIM VAMOS RESISTINDO<FN>

A unidade entre nossa história e cultura é redefinida nas festas como momento de resistência. Vivemos uma " CULTURA DE RESISTÊNCIA ", geradora de uma identidade característica do povo. Nós jovens, das classes populares trazemos possibilidades simbólicas muito criativas, que apontam para o mundo novo.

Esta resistência-identidade se nutre de nossas raízes culturais, da memória coletiva dos valores e vivências, já inseridos em nossa história. Não conseguimos expressar-nos dentro da cultura, promovida pelas classes dominantes, isto faz com que resgatemos nossas culturas originais, através das festas. Com isso fazemos um frutuoso exercício de utopia pelos conteúdos libertadores da própria festa popular. Ela é nossa quando nela expressamos livremente a condição de oprimidos e anunciamos possibilidades de uma vida livre e gostosa, com ardor de jovens.

<in> 10.5 - FOME NÃO SÓ DE PÃO, MAS DE BELEZA<FN>

Diz João Paulo II: " É necessário que a juventude seja um crescimento, que traga consigo a integração gradual de tudo aquilo que é verdadeiro, que é bom e que é belo."(30)

A festa é um momento social que nos une e faz viver a solidariedade alegre, desde a preparação comunitária do evento. Nela ridicularizamos e invertemos o mundo cultural dominante, manifestando o nosso repertório de experiências. Todos juntos somos festeiros, buscamos os patrocinadores e as prendas, fazemos os convites...<p>

A festa e a fartura da comida e da bebida não contrasta com a pobreza do dia a dia: na felicidade e na descontração celebramos o que deveria ser nosso dia a dia. Ela também reforça em nós o compromisso de mudar as regras da opressão, fazer brotar a liberdade onde há opressão.

Quando conquistamos nossos direitos, fazemos celebrações, confraternizações. Nelas unimos manifestações religiosas e eróticas, artísticas e políticas, musicais e afetivas.

Vivemos a corporeidade no prazer do encontro com o outro, e na experiência da socialização que antecipa a felicidade em plenitude que temos na escatologia. " Pensando a vivência erótica dentro da problemática latino-americana, a Filosofia da Libertação ressalta o desejo sexual normal floresce quando o outro é tratado como outro,

num clima de realiação e abertura. Daí surgem possibilidades para a festa: nela mulher e homem se fazem perceber mutuamente em sua sexualidade, para além do papel rotineiro de produtor e de bens serviços... ou prole. Na festa, a mulher possui maior autonomia em FRENTE ao relacionamento com o homem, superando a nota habitual da submissão. Apesar do sempre presente risco de exploração da mulher, na festa ela tem maiores possibilidades de afirmar-se em sua feminilidade e, resgatando-se, resgatar também o homem." (31)

O que é bom também é dar gargalhadas. interessante é a característica do riso que supera o medo: o riso não há proibições e restrições. O poder, a violência e a autoridade nunca falam a língua do riso. O riso é uma vitória sobre o medo moral diante do tabu e medo do proibido-sacralizado. O terrível se converte em alegre espantalho. Essa vitória realiza a abertura do mundo que aparece com perspectivas novas e mais amplas. Nas piadas e nas brincadeiras se fortalece o bom humor, a alegria, a fraternidade e atenção para o outro.

<in> 10.6. - NO RITMO DO ATABAQUE<fn>

A expressividade de nossas festas explode o canto, na Dança, nas roupas ` fantasia e outros símbolos. A expressividade na PJMP e sobretudo social, criadora de igualdade: o canto manifesta a fala grupal, cheia de poesia e alegria, em contraste com a comunicação cotidiana em que se é obrigado a ouvir calado e obediente. A dança rompe com a fadiga do dia a dia de nossos movimentos automatizados, retilíneos, solitários. A dança é nossa forma de estar junto e quebrarmos o individualismo de um corpo tarefeiro para dotar-lo de gratuidade. (32). Neste sentido,nós começamos a praticar também a BIODANÇA em nossas reuniões e encontros.

<in> 10.7 - O CANTO DE LIBERDADE<fn>

A sociedade capitalista quer matar nossa alegria. testemunham alguns jovens operários sobre seu meio de trabalho: " Os contatos são muito difíceis, as pessoas trabalham muito longe uma da outra. O único contato da gente é a hora do cafezinho. Com a concentração do posto de café, ficou difícil o contato com o resto dos companheiros. O companheiro, para tomar café, tem que dar um pau desgraçado, porque ele não pode desligar a máquina. Então, o contato fica difícil, porque o indivíduo tem que voltar logo para sua atividade. Na hora da refeição, quando todo mundo podia se encontrar, não dá. O tempo é muito curto e o pessoal não senta todo mundo junto"(33).<p>

O isolamento, submissão, afastamento da responsabilidade, auto-repressão em que os encontramos nos levam a uma condição de passividade que pode destruir nossa criatividade, espontaneidade e animação.

A recuperação da vitalidade de tantos de nós jovens moradores de periferias depende da recuperação da festa, que desperta em nós jovens a fantasia, a arte, a música, o místico, o lúdico.

Consideramos a ressurreição da festa em nossos bairros populares como uma dimensão revolucionária, um evento operário, classe e urbano. Assim como na cidade, também no campo e nas vilas rurais nossas festas tem um caráter de contestação do sistema. Já houve exemplos históricos disco, como no " CONTESTADO " . No movimento

do contestado, ocorrido em Santa Catarina entre 1912 e 1916, estabeleceu-se íntima correlação entre o messianismo e a festa. " Nas velas santas", o clima era a um tempo essencialmente festivo e formativo. Se na vida sertaneja " comum " a festa era um clima de exceção, de destaque, após a constituição da "Santa Irmandade " as festa eram permanentes.

Num contexto de ócio, desperdício e espontaneidade, a cerimônia da Forma, " procissão " realizada em torno do Quadro Santo, era uma espécie de " festa séria ", de cunho marcadamente pedagógica. A Forma anunciava uma plenitude insuspeitada de vida, sendo o caminho disciplinado da nova ordem que se construía. Era o reencontro alegre e também a proposta de uma antiordem negadora da realidade injusta. Era uma expressão da presença cotidiana do sagrado no meio daquele grupo."(34)

<in>10.8 - O TEATRO NA NOSSA VIDA<fn>

Um componente importante da festa é o TEATRO, onde o nosso corpo, marcado pela vida dura, pelo trabalho desumano e pela pobreza, ganha maior expressividade. Nós mesmos da PJMP e elaboramos os textos teatrais a partir do ambiente popular que retratamos. Cumprimos assim uma função pedagógica ridicularizando as classes dominantes, tirando-lhes o poder e mostrando nossa resistência luta.

No teatro vivenciamos a dimensão utópica da festa: reconstruímos ritualmente o mundo: os grandes derrubados dos tronos e os pequenos estabelecem a nova sociedade.

Entre 1908 e 1912, os Anarco-sindicalista organizavam as FESTAS LIBERTÁRIAS com seus festivais, feitos de discursos empolgados, dramas(teatro) e bailes populares. Assim conseguiram em sua época uma boa organização dos trabalhadores.

A migração levou muitos de nós para as periferias: aqui não queremos esquecer da cultura popular aprendida e a cultivamos em arcas atingidas pelo capitalismo através das festas populares e libertadoras.

A dimensão pedagógica de nossas festas se expressa em gestos de resistência: utilizamos o canto e o teatro, reavivamos a memória cultural e trazemos nossa problemática de oprimidos. A consciência de sermos oprimidos nos ajuda a forjar a festa popular libertadora alternativa às festas restritas ao contexto familiar, religioso e comercial. " A festa mostra o sentido das coisas... As pessoas que não gostam é porque não entenderam a razão da festa... A festa serve para reanimar, é motivo de alegria, para se ter idéias novas: povo unido, direitos humanos, com a Igreja, para fazer as coisas ao lugar voltarem. A festa é para encorajar as pessoas a resolver os problemas."(35).<p>

Nesse sentido de luta e festa, a PJMP segue " caminhando e cantando e seguindo a canção, somos todos iguais, braços dados ou não; nas escolas, nas ruas, campos, construções, caminhando e cantando e seguindo a canção.

Vem, vamos embora que esperar não é saber; quem sabe faz a hora, não espera acontecer...!

<in,c> XI - CREMOS POR ISSO FAZEMOS POLÍTICA<fn>

Diz João Paulo II que os leigos " não podem absolutamente abdicar da participação na política", ou seja, da múltipla e variada ação econômica, social,

legislativa, administrativa e cultural, destinada a promover orgânica e institucionalmente, o bem comum.(36)

Nós da PJMP estamos bem inseridos no mundo da política: movimentos populares, sindicatos, partidos e administrações são ferramentas indispensáveis para a nossa classe alcançar a libertação e construir a nova sociedade. Nos orgulhamos desta militância, que é uma bandeira de luta desde o começo de nossa pastoral. Como jovens cristãos sabemos que não podemos ficar de fora dos espaços políticos, através dos quais contruímos o poder popular.

Desde já vamos treinando para a democracia e a socialização em nossa militância local, sindical e partidária. Percebemos um novo estilo de relações dentro dos organismos de luta. Contribuímos para a ética na política. Integrando grupos e tendências o fazemos com consciência crítica e avaliações, no intuito de evitar de ser instrumentalizados.

Sustentamos sempre a necessidade de se tomar as decisões pela base. Cremos que a " MASSA " é feita de PESSOAS. Mesmo afirmando a necessidade das DIREÇÕES e da COORDENAÇÕES políticas e administrativas, contribuimos para que a tomada de decisões, as escolhas, os rumos se resolvem de baixo para cima. A partir do evangelho, nos opomos à desonestidade, à corrupção e à hipocrisia que sempre emergem emergem mesmo nos melhores partidos, sindicatos, associações e administrações... Os valores evangélicos aprendidos na formação eclesial e em nossa pastoral norteiam a atuação política.

A respeito da atuação dos cristãos nos partidos políticos Clodovis Boff considera que " O partido deve ser sempre estritamente aconfessional e deliberadamente laico. Isso contudo não impede os cristãos de lutarem dentro do partido no sentido de que se elabore um projeto histórico e uma estratégia política que estejam de acordo com os grandes valores humanos do evangelho, permanecendo por outro lado catolicamente abertos a uma visão pluralista do mundo. Efetivamente o Evangelho não serve apenas para organizar a vida da Igreja..., mas também para estruturar a vida em sociedade. Afinal, Cristo não é só dos Cristãos. (37)

Mesmo com limitações, cumprimos um pouco o papel do que Clodovis Boff chama de " CANAL " entre a fé e a política, ou melhor, o jeito de uma " FÉ POLÍTICA". Dentro de um pluralismo sadio, desenvolvemos, às vezes, e aonde ser, inserções " grupais" dentro das agremiações, tendo assim maior eficácia nas propostas e nas posições. Procuramos na oração a força de lutar pela justiça na justiça e sendo justos a partir da conversão pessoal.

Contudo, na alegria de Jesus Cristo ser nosso amigo, não fazemos pesar nossa dimensão teológica em cima de quem, por mil motivos, não crê em Deus; antes, e junto com todas as mulheres e homens de " boa vontade" que vamos preparando a mudança estrutural para a nova sociedade.<p>

Creemos assim de cumprir a melhor evangelização, que começa muitas vezes pelo testemunho do amor para depois ser expressada, em palavras (Evangelii Nutiandi de Paulo VI, 1975)

Vamos realizando o compromisso político, sacrificando às vezes nosso tempo, nossa saúde, nossas vidas pelos irmãos, pelo novo, pela causa do Reino e de sua justiça.

<in,c> XII - ALVORADA DA NOVA SOCIEDADE

12.1. CHEGA DE DESPREZO PELA VIDA<fn>

Diz o teólogo Moral Moreno: "Superando o tratamento abstrato e idealista, a vida - toda a vida humana - será o valor supremo ! Mas a vida do pobre vem em primeiro lugar, pois é a mais ameaçada e condenada a morte injusta e prematura. Também a dignidade da pessoa deixará de ser uma fórmula retórica, se partimos da dignidade ferida de homens, mulheres, raças, classe e povos oprimidos. Direitos humanos, saúde, ecologia, qualquer tema de moral, enfim, fica redimensionado, se o formularmos e vivemos na perspectiva do pobre..."

A necessidade dos indigentes, a fome dos famintos adquirem direito prioritária e legitimidade moral superior e anterior a qualquer norma positiva. O pecado, visto desde o amor ao pobre, toma toda a consciência de mistério de iniquidade."(38)

A partir do nosso sofrimento vemos que o capitalismo como sistema econômico, social, político e cultural não serve para termos uma sociedade que seja família e Fraternidade...(39)

O socialismo real também não atingiu os ideais da democracia e liberdade. Por isso diz Clodovis : " A grande questão é: como compatibilizar historicamente socialismo e democracia. A convicção de fundo é: socialismo e democracia não são somente compatíveis, mas consubstanciais. Bobbio afirma: hoje, " onde não tem democracia não existe socialismo e onde tem socialismo até agora não existiu democracia" (Op.cit,II0). Mas a verdadeira questão é: pode haver autêntica democracia(política) sem socialismo (econômico), pode haver verdadeiro socialismo sem democracia? " (40)

No capitalismo, nem os ricos, corroídos por sua própria ganância, como diz João Paulo II na " solicitude social ", nem nós, os empobrecidos, privados do necessário, podemos ter uma vida digna e feliz. Este é o ensino de todos os últimos Papas, desde Leão XIII em sua encíclica " Rerum Novarum ". O neo-liberalismo com sua carga de selvageria não serve para ninguém: assim nos falam os documentos da Igreja.

Diz Jung: " O mais importante é que devemos lutar contra o ídolo que absolutiza esse sistema de morte para os pobres, e, em nome do Deus da vida, buscar contruir uma sociedade mais humana e justa. Sempre tendo claro que, mesmo após a vitória, essa nova sociedade não poderá ser idolatrada e, portanto, deve sofrer críticas em defesa dos mais fracos e oprimidos."(41)

A seguir, apresentamos algumas exigências da nova sociedade:

<in>12.2 - O EXERCÍCIO DA CIDADANIA<fn>

A cidadania é algo que se desenvolve nas sociedades capitalistas relacionado às lutas sociais. Diz respeito ao conjunto de direitos civis de liberdade, de propriedade, de segurança, etc) políticos (votar, construir organizações partidárias, ser votado) e sociais (saúde, educação, habitação etc...) Nos países capitalistas da Europa que vivem a experiência do estado de " Bem estar " os trabalhadores têm estes direitos minimamente garantidos independente da posição que ocupam no mercado de trabalho.<p>

No Brasil, não podemos dizer o mesmo. Nos últimos 20 anos podemos afirmar que temos uma completa negação da cidadania onde o direito à propriedade se sobrepõe ao direito à vida, configurando de acordo com Pedro Demo uma situação de dupla pobreza: material e política.

A pobreza material se manifesta na falta de renda, de emprego, de habitação de nutrição, de saúde etc... Ela é sempre mais visível. A pobreza política não vemos com facilidade, mas ela se manifesta na desorganização e desmobilização da sociedade. Pedro Demo salienta que é politicamente pobre o cidadão que somente reclama mas não se organiza para reagir não se congrega para influir(42). Isto é revelado por exemplo no analfabetismo, na falta de acesso à terra, na distância que os trabalhadores ficam dos seus sindicatos, nas minorias discriminadas etc.

A cidadania é segundo este autor. " um processo histórico de conquista popular, através do qual a sociedade adquire progressivamente, condições de tomar-se sujeito histórico consciente e organizado, com capacidade de conceber efetivar projeto próprio "(43). Para isso o primário passo é reconhecer que a pobreza não é desígnio divino, mas é produzida por um grupo de privilegiados. Diz o mesmo autor: " O processo emancipatório começa com esta primeira descoberta crítica: pobreza é imposta, produzida, mantida, cultivada: logo, injusta " (44)

Portanto a construção e o exercício da cidadania não pode ser doação do estado ou de qualquer grupo no poder, pois " dignidade doada é indigna porque se paga com subserviência "(45). O exercício da cidadania é conquista é resultado de luta, de sacrifícios, de consciência coletivamente contruída. Isto significa que a " realização da cidadania tem que se fazer sob uma forma de solidariedade social, que avance enquanto organização das classes subalternizadas"(46). A luta por cidadania coletiva tem um valor estratégico em qualquer projeto de mudança da realidade em que vivemos.

<in>12.3 - SOMOS TODOS IGUAIS<fn>

Nós, jovens comprometidos e povo cristão da classe popular, estamos construindo uma nova sociedade igualitária, sem escravos nem senhores, sem opressores nem oprimidos, sem exploradores e nem explorados, um mundo de irmãos. dizem os bispos: " Por um lado, com a democracia abre-se a possibilidade de efetiva diminuição das desigualdades sociais, na medida em que proporcione a todos as mesmas oportunidades de participação na organização da sociedade, de modo especial do processo produtivo. isto significa que é no trabalho que os homens encontram o fundamento do seu direito de participar nas decisões que dizem respeito dos problemas da sociedade inteira, que vive do seu trabalho."(47)

" O princípio da igualdade, escreve Betinho, questiona todas as relações existentes de forma permanente e em profundidade, e não existe relação social, econômica, política ou cultural que possa escapar dessa verificação... O princípio da participação em tudo e a todo momento é que produz a igualdade... "(48)

A lei da nova sociedade é " ama o teu próximo como a ti mesmo "(Mt 19,19). É a lenta superação da divisão em classes, das discriminações econômicas e sociais, raciais e políticas, culturais e religiosas.<p>

<in>12.4 - ELES TINHAM TUDO EM COMUM<FN>

A exploração, a opressão e o aniquilamento dos outros são excluídos. " Os bens da criação são destinados a todos: aquilo que a indústria humana produz... deve servir igualmente para o bem de todos. "(49) Visamos a cooperativização, a socialização, a comunhão dos bens, a partilha, a solidariedade. Os primeiros cristãos tinham tudo em

comum (At 2, 4247). Na nova sociedade incentivamos as cooperativas populares com formas comunitárias e socializadas de produção. Diz o Papa: " A socialização da produção e das atividades sociais só será autêntica e justa se todos os sujeitos e cada um tiver garantido o pleno direito a considerar-se como proprietário do grande " banco " de trabalho, em que se empenha juntamente com todos os demais."(50) É necessário um longo prazo de tempo para se chegar a tais metas.

Fica claro para nós que o cristianismo está reencontrando suas raízes mais comunitária. A socialização da produção é verdadeira. A socialização será completa quando responder a todas as necessidades do homem e da mulher, inclusive as religiosas.(57)

<in>12.5 -EFETIVA PRIORIDADE AOS SERVIÇOS<fn>

A prioridade da nova sociedade são os serviços públicos e sociais (graças ao excedente da produção): habitação, saúde, educação, culturas, esportes, lazeres, artes, meios de comunicação, transportes, saneamento básico, infra-estruturas nos bairros... Nós, jovens do meio popular, vivemos desde já a socialização em nossos grupos, nas CEBs, nas organizações populares...

Na medida em que os cidadãos pagam os impostos, precisamos na nova sociedade, garantir que os setores públicos sejam bons, gratuitos. Não pode haver corrupção, sonegação de impostos, nem empreguismos, fisiologismos, inchaço de funcionalismo público. A solução dos problemas das empresas estatais ainda não privatizadas ainda está no controle das mesmas pela sociedade e pelos três poderes, reforçando a educação para a honestidade pública. Sabemos, nós da PJMP, que estas metas são de longo alcance, fruto de toda uma educação popular para a cidadania. A transformação social passa pelas reformas de base.

O princípio da participação de todos e a todo momento é que produz a igualdade...(52)

<in>12.6. DEMOCRACIA: CONSTRUINDO O PODER POPULAR<fn>

A nova sociedade é democrática: nela vivemos o poder popular em plenitude. Diz João Paulo II que devemos " substituir regimes corruptos, ditatoriais ou autoritários, por democráticos, que favoreçam a participação."(53) Na nova sociedade, os trabalhadores, os marginalizados de hoje e o povo todo participa da política e da fraternal organização da sociedade> A democracia é realizada em plenitude, desde a família, a escola, o bairro, o município, até o governo. Há eleições diretas para tudo. Nas decisões importantes o povo todo tem vez e voz, através de plebiscitos e referenduns. O Betinho vislumbra o ideal: " A democracia é o igual e o diverso. O encontro de liberdades. A convergência da pessoa e da comunidade.<p>

Da sociedade civil e do estado(administração do bem público). A democracia é o atendimento do básico e do transcendental. Do Pão e da Liberdade. do finito e infinito. Do Eu e do Nós. É a afirmação da consciência no mundo de sua falsificação em relações coisificadas. Democracia é Liberdade e política, é enfim aquilo que queremos fazer de todos nós e que por isso algum dia será, sem nunca ser totalmente, porque como proposta de algo sem fim e limites é sempre obra inacabável. (54)

Desde já nós da PJMP vamos democratizando as comunidades, as pastorais, as associações, os movimentos, os sindicatos e os partidos.

<IN>12.7 EDUCAÇÃO E CULTURA QUE NASCE DO POVO<FN>

Na "nova sociedade" a escola é de graça até o término da faculdade. Isso porque cremos que tem que se priorizar a educação, junto com a alimentação, saúde e moradia.

O estilo da educação não é mais o estilo " bancário" (encher a cabeça vazia dos alunos), mas de co-educação participativa.

Os conteúdos do ensino resgatam a história, os valores, a cultura das etnias hoje oprimidas e ignoradas. Dizem os bispos do Brasil: " No caso brasileiro, o pluralismo cultural possui raízes étnicas que não se encontram em outras sociedades modernas mais homogêneas. No momento atual é evidente a reivindicação do direito à existência das culturas indígenas, longamente reprimidas quando não eliminadas, e das culturas negras ou afro-brasileiras, que reivindicam liberdade de expressão e reconhecimento de sua dignidade."(55)

Confirma Santo Domingo que " a igreja defende o autêntico valor cultural de todos os povos, especialmente dos oprimidos, indefesos e marginalizados, diante da força esmagadora das estruturas de pecado manifestas na sociedade moderna."(56)

Entendemos oferecemos todos o acesso e as chances reais de assistir teatro, shows, filmes, festivais, turismo, artes, priorizando nisso as expressões afro-brasileiras, índias e sertanejos. Abrimos espaços para artistas populares." A juventude, diz João Paulo II, parece ser particularmente sensível à verdade, ao bem e à beleza, que estão contidas nas obras do homem. Vivendo em contato com elas, no vasto campo de tantas culturas diferentes, de tantas artes e de tantas ciências, nós aprendemos a verdade sobre o homem."(57).

A própria linguagem da Nova Sociedade é popular. Precisamos entrar mais nos Meios de Comunicação, entrar em programas específicos de TV, para valorizarmos, transmitirmos prazer e incentivo em manter as tradições de nossos povos e a desenvolver nossos talentos. Vamos " brasileirizando" e nos apropriando de Rock, rap, reggae... Educamos-nos ao sentido crítico diante dos sistemas e das sociedades, ao sentimento de fraternidade e de universais.

<in>12.8- O QUANTO VALE A LIBERDADE<fn>

Na época do pós-moderno e do subjetivo, pensando na Nova Sociedade, expressamos o nosso grito por liberdade, individualidade, criatividade, fantasia. Entendemos que a liberdade de cada um só termina aonde começa a do outro. Assim, não admitimos<p>

censura e repressão de ninguém; só intervimos quando a própria pessoa ofende gravemente outra, se auto-destrua, prejudica os direitos humanos e sociais universais e constitucionais. Somos contra a pena de morte, que sempre é uma vingança e contraria Jesus Cristo e o evangelho. Defendemos a liberdade e o pluralismo de religiões, partidos, sindicatos, ideologias, culturas...

<in>12.9 - SIMPLICIDADE, UM VALOR EVANGÉLICO<fn>

Se o ideal do capitalismo é conseguir individualmente o máximo lucro, então, na Nova Sociedade, o estilo de pessoas autênticas e de cristãos é a simplicidade: a gente se contenta com o necessário. Vale para isso o desapego das riquezas dos profetas, de Jesus, de Francisco de Assis e de muitos cristãos. Diz Jesus ao evangelho: " Não podeis servir a Deus e ao Dinheiro(Lc 16,13)... Portanto, acima de tudo, tende o interesse pelo Reino e pela justiça de Deus, e todas estas coisas(comer, beber, vestir) vos serão dadas a mais(Mt 6,33). "Na nova sociedade, portanto,é banido o acúmulo das riquezas (que causa tanto mal a quem tem e quem não tem), porque os bens da terra têm destinação universal para a realização de todas as pessoas. dizem os bispos que a sociedade privada subordina-se a essa lei universal. Ela não se pode concentrar abusivamente nas mãos de poucos, ou ser usada como instrumento de dominação e exploração de outros seres humanos... Cabe aos poderes públicos decretar a desapropiação de bens, terras e propriedades sempre que a justiça social exigir...(58)

Precisa criar mecanismos que impeçam a concentração fundiária fixando na própria constituição o módulo máximo para uma propriedade rural.

Nós, jovens do meio popular, não queremos nos tornar ricos, e assim cair nas maldições do Evangelho (Lc 6,24-25). Queremos sim que todos os cidadãos tenham uma vida digna e serena, que tenham o necessário, que se crie uma universal classe média.

<in>12.10 - JUSTIÇA NO TRABALHO<FN>

Na atual sociedade, com PRODUÇÃO CAPITALISTA, infelizmente o que conta é possuir bens, meios de produção ou investimentos que dêem dinheiro" (indústrias, empresas, multinacionais, terras, comércio, bancos); o que conta é o CAPITAL e não é valorizado o TRABALHO HUMANO. É pelo trabalho que bilhões de seres humanos constroem os bens que todos usam. Nós trabalhadores somos tidos como " peças necessárias " para as máquinas e a "Máquina" do sistema funcional. Há portanto, conflito entre capital e trabalho e trabalho, capitalistas e trabalhadores.

Na nova sociedade, a prioridade será o TRABALHO e nós trabalhadores, princípio sempre afirmado pela igreja. Jesus trabalhou durante trinta anos na loja de carpinteiro (Mc 6, 3)." Na palavra da revelação divina acha-se muito profundamente inscrita esta verdade fundamental: que o HOMEM (E A MULHER), criado à imagem de Deus, PARTICIPA MEDIANTE O SEU TRABALHO NA OBRA DO CRIADOR e, em certo sentido, continua na medida das suas possibilidades, a desenvolvê-la e a completá-la, progredindo cada vez mais na descoberta dos recursos e dos valores contidos em tudo aquilo que foi criado."(59) A grande dignidade do trabalho associa nós jovens do meio popular ao próprio Deus. Deus trabalha? Diz Jesus: " Meu Pai continua a trabalhar até agora, por isso eu também trabalho..." (Jo 5,17)<p>

Não há trabalhos nobres e trabalhos " humildes": todos os trabalhos são igualmente importantes e necessários.

Nestas estruturas e conjunturas de opressão de nós trabalhadores, lembramos a importância dos sindicatos autênticos e não atrelados às classes dominantes; as greves, os serviços assistenciais, a educação para a consciência de classe dos trabalhadores, as pressões políticas em função do povo, são necessárias hoje tanto como o ar que respiramos.

Temos na nova sociedade, o direito e o dever de trabalhar. Diz Paulo : " Quem não trabalhar, então não coma ". (II Ts 3,10).

" De fato, quando trabalha, o homem não transforma apenas as coisas materiais e a sociedade, mas realiza-se a si mesmo. Aprende muitas coisas, desenvolve as próprias aptidões, sai de si e supera a si mesmo... É seguinte, pois, a norma para a atividade humana: segundo o plano e a vontade de Deus, ser conforme o verdadeiro bem da humanidade, tornar possível ao homem, individualmente considerado ou como membro da sociedade, cultivar e realizar a sua vocação integral "(60).

Daqui nascem duas exigências urgentes para os poderes públicos e nós, neles, atendermos de imediato: garantir empregos para todos e que o salário mínimo seja aumentado e sirva para comprar pelo menos a " cesta básica".

Para a nova sociedade, precisa cuidar de nossa profissionalização enquanto empobrecidos e excluídos, de modo que não precisam mais de técnico do interior. Temos que investir na pesquisa científica e tecnológica e impedir a fuga de " cérebros" para o exterior. Aumentando a produção será mais fácil controlar a INFLAÇÃO.

Para que aumentem os empregos a partir do poder popular, precisamos cativar investimentos produtivos do exterior, incentivar (com isenções) micro, pequenos e médias indústrias, especialmente cooperativas populares de produção. A própria Reforma Agrária vai garantir emprego e vida aos milhões de sem-terra. Para realizar tudo isto, precisamos de tempo e alianças políticas; enquanto preparamos e iniciamos a melhor organização do trabalho, vamos lutando pelo salário-desemprego, gatilho salarial, controle de preços.

Nós, jovens, queremos que o trabalho tome só uma parte do dia e deixe livre o fim de semana e os feriados. Deve haver segurança, intervalos, participação nos lucros, estabilidade no emprego.

Há quem trabalha escravo do dinheiro e há quem trabalha para o mundo melhorar.

<in>12.II- A GRANDE REFORMA AGRÁRIA<fn>

Uma meta para a nova sociedade é a progressiva e gradual re-distribuição das terras improdutivas, isto é, a tão almejada Reforma Agrária. O assentamento de milhões de sem-terras diminuirá o desemprego, vai povoar antigos latifúndios e sertões... Precisa porém, criar as agrovilas com água, luz e todas as infra-estruturas necessárias. Inclusive aumenta a rede de estradas (asfalto) para o escoamento e comercialização dos produtos. É necessário também um mínimo de máquinas, instrumentos, transporte, assessoria de agrônomos pagos pelo Estado. Uma grande meta (a longo prazo) é a definição de um teto máximo de propriedade rural particular. São bonitas, comprometedoras as cooperativas de sem-terras rurais que até ganham prêmios por maiores safras por hectare.<p>

Quanto à seca do Nordeste, para vencê-la, pensamos em redes de irrigação aproveitando as águas do Rio São Francisco, criando mais açudes e poços artesianos, re-plantando matas e pomares...

Naturalmente, a realização de tudo se dá em dezenas de anos..., mas precisamos iniciar!

<in>12.12 - CHEGA DE CONSUMISMO<fn>

O sistema atual nos impede a gastar para comprar os mesmos produtos que, às vezes, em nossa empresas fazemos ou que vem do exterior(Norte do mundo).

Os produtos técnicos e refinados, nos são propagandeados, vendidos pelas empresas, mesmo quando nos faltam em casa coisas essenciais para a vida. Eis que nós, favelados e de bairros pobres, temos TV a cores, aparelhagem de som, ventiladores e batedeiras, poltronas, comidas enlatadas americanos..., mas sofremos de anemia! Numa palavra, estamos no CONSUMISMO; ÀS vezes precisamos de um remédio (outro setor de exploração) e gastamos o último dinheiro num produto de beleza, radinho, brinquedo, botas, brincos, sapatos à moda.

O consumismo nos faz esquecer de Deus, do seu Reino, da igreja, do sofrimento do povo.

Na nova sociedade, havemos de ser livres do consumismo, da pressão e da manipulação.

Fabricamos produtos caseiros e não de tecnicismo sofisticado das multinacionais. É o reino da criatividade no estilo e nos costumes e não a massificação.

Os meios de comunicação vão ser um espaço comunitário de senso crítico, notícias fiéis, crítica e autocrítica; não vai haver mais instrumentalização. Esta sociedade já está começando conosco, criando um estilo de vida alternativa a serviço do Reino de Deus.

<in>12.3 - PRESERVAR A MÃE NATUREZA<fn>

Na nova sociedade, defendemos o MEIO AMBIENTE, a natureza, o verde. A morte da mãe natureza é a nossa morte.

" O cenário da Amozônia real mostra que as potências antiecológicas já estão agressivamente ativas por todo lado. Embora felizmente ainda sobrem imensas florestas tropicais - cuja preservação exigirá medidas planejadas, e nisso as projeções míticas de nada ajudam, uma visão de conjunto da Amazônia nos coloca diante de uma tarefa desafiadora: como frear os interesses destrutivos ? Isto requer a consciência histórica - isto é, critérios de planejamento ambiental, e não simples mitos preservacionistas - capaz de formulação e implantação de amplos projetos de proteção e restauração ambiental que se chocarão, inevitavelmente, com interesses sediados não apenas em nosso país."(61) Faz parte da defesa dos rios, das matas e de nós mesmos, diminuir o uso de adubos químicos, herbicidas, produtos tóxicos, vazamentos de escórias industriais, combustíveis nucleares, aterros inadequados e perto de rios e cidade. Protegemos flora e fauna e queremos sintonia entre agricultura e meio ambiente.

Nós, jovens do meio popular, participamos dos movimentos ecologistas. Paulo diz que a criação interna geme como em dores de parto e que ela participará da liberdade gloriosa dos filhos de Deus (Rm 8, 20-22).(62)

<p>

<in>12.14 - CIDADÃOS DO MUNDO<fn>

Na construção e nos objetivos da nova sociedade nos unimos a todos os que nos outros países são vítimas e lutam pela justiça, rumo à fraternidade universal. Somos internacionais, sem-fronteiras, cidadãos do mundo. Gostamos de todas as línguas, as culturas, as religiões, os trajés, os traços de todos os povos do mundo. Não somos nacionalistas; o que queremos para o Brasil queremos para o mundo inteiro.

A começar pela " Pátria Grande " - América Latina, damos o mesmo valor às vidas e à felicidade dos 5 bilhões de seres humanos. A primeira aliança é com os oprimidos lutadores, de todas as partes do mundo. Somos missionários como Jesus o foi e nos pede de ser.

<in>12.15 - O BRILHO DO BEM QUERER <FN>

A AFETIVIDADE da nova sociedade segundo o reino é feita de ternura, liberdade, beijos, amor, toque, respeito, alegria. Assim Che Guevara: "Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamas ".

Resgatamos a simplicidade, o sorriso sincero, o perdão, o carinho com todos, jovens, velhos e crianças, homens e mulheres.

As amizades são a união de pessoas em torno de comuns ideais de amor.

A nova família, segundo nós jovens do meio popular, é democracia educativa, igualdade entre esposo e esposa, fidelidade feliz, fartura na partilha..., diálogo. João Paulo II nos diz: "Deus criou " homem e mulher", introduzindo com isso em toda a história do gênero humano uma singular " dualidade " de pessoas, com paridade absoluta pelo que se refere à dignidade humana, e com uma complementariedade maravilhosa..."(63)

O namoro é o treinamento de uma reciprocidade amorosa, terna e profunda, sem medos, valorizando o corpo e a sexualidade, sem se explorar e usar. É a experiência do face a face, da relação carregada de gratuidade.

Deus Trindade está presente na união homem e mulher selada pelo sacramento do matrimônio.

" O silêncio de uma esposa diante do marido machista não é paz. O silêncio de uma cidade sob o toque de recolher também não é paz. Um país poderia não estar em guerra com os vizinhos, mas através de injustiças estruturais manter enjauladas milhares de pessoas suportando a fome, a destruição, com índices de mortalidade infantil escandalosas(na Colômbia, morrem por destruição 200 crianças, por dia). Será isto paz ? Não basta pintar pombinhas na parede. É preciso fazer justiça.

Se quisermos a paz, será preciso lutar por ela, será necessário construí-la. Somente um verdadeiro diálogo devolve a paz a uma família. Somente estruturas não-opressoras permitem falar de paz numa instituição educativa. Somente uma reforma agrária real será o sinal de paz no campo. Somente uma reforma no modelo de fábrica e empresa acabará com a guerra proprietários-operários.<p>

Quanto se fala de violência⁶, há gente que pensa na violência das guerrilhas, do sindicato ou do estudante que vai protestar. Por que se esquecem da violência daqueles que, aproveitando-se de vantagens nas leis comerciais, se apoderam de quase todos os bens ? Por que " abusam da paciência de um povo que suporta durante anos uma condição que dificilmente os que têm uma consciência maior dos direitos humanos" ? (Medellín, p. 16).⁸⁴

<in,c>XII - PARA ONDE VAMOS <fn>

A Pastoral de juventude do Meio Popular,
é uma semente que nasceu
e que cresce cada dia.
Temos consciência que somos uma,

dentre as muitas dádivas do Espírito Santo,
para a Igreja, no Meio da Juventude empobrecida,
parte do povo predileto do Pai.
Neste sentido,
a vida segue adiante,
dentro dos grupos de jovens
nas coordenações
nas assessores
nos militantes
nos que não mais estão em nossos quadros
Mas que estão como fermento no mundo,
contribuindo para a construção da nova sociedade.
Dentro da Igreja,
eles são como o leite e o mel misturados,
não dá mais para separá-los,
Mas podemos sentir o seu saber é seu vigor.
Vem na memória
aquela colocação do ancião Gamaliel no Sinédrio
em Jerusalém.
Quando os discípulos eram julgados
por pregarem o Evangelho,
ele toma a palavra e fala:
" Não se preocupem com esses homens,
e os soltem.
Porque se o projeto ou atividade deles
é de origem humana, será destruído;
mas, se vem de Deus,
você não conseguirão aniquilá-los.
Cuidado para não se meterem
contra Deus! "(At 5,38b - 39).
Na história da PJMP,
temos a convicção,
que somos uma obra de Deus
feita pelas mãos de muita gente.
Saiu da intenção e pastoreio
de Dom Helder Câmara
de Dom Marcelo Cavalheira
de Dom José Rodrigues,
do saudoso amigo Jairo Umberto
e de tantos Tiagos e Madalenas,
jovens e assessores...<p>
... e lá se vai o tempo...
e nós dentro dele fazendo a história,
procurando ser fermento na massa...
Essa obra não pode parar,
ela é de Deus.
Acreditamos,

na força libertadora de Jesus Cristo;
na juventude do meio popular como sujeita da sua história;
na Igreja dos pobres mais e mais participativa;
na sociedade de irmãos e irmãs a partir da socialização dos bens;
na organização dos empobrecidos;
na solidariedade entre os homens e as mulheres de boa vontade;
na valorização e respeito pelo nosso corpo,
na presença da graça de Deus em nossas vidas;
na justiça e no amor como valores do Reino de Deus...
Assim, nosso futuro passa por dentro desse presente.
Não podemos parar.
Para isso, temos que fortalecer:
o vigor da missionariedade,
entre nós jovens do meio popular,
para chegar cada vez mais a outros que ainda não nos conhecem,
e com eles experimentar o prazer e a alegria de uma bonita troca:
mistura profunda de nossas vidas.
O constante despertar da consciência de classe nunca podemos perder de vista, é marca de nossa especificidade.
A força animadora que nos vem do Evangelho de Jesus Cristo
faz de nós todos, jovens empobrecidos e até excluídos,
pessoas que levamos adiante a bandeira da vida.
Sabemos que não somos salvadores do mundo, mas através da nossa atuação, sobretudo nos organismos intermediários da sociedade poderemos, juntos com outros(as) fazer crescer a esperança e o sonho nunca perder seu lugar dentro do meio popular, destruindo a fome pela enérgica ação da produção alternativa; e da justa distribuição de rendas;
pela compreensão dos novos mecanismos de dominação na política, na sociedade, chegando aos mais escondidos recantos.
A gratuidade do Pai,
de continuar a sempre nos animar e a vitória da vida sobre a morte, poder cantar:

" É prá valer, prá caminhar,
nós jovens do meio popular! ".<p>

<in,c>CONCLUSÃO<fn>

Percorremos um caminho: partimos da realidade da juventude empobrecida, para chegar à proposta da PJMP que pretende se enfrentar as realidades pela via do evangelho e do despertar de consciência de classe. Temos consciência dos limites desta contribuição.

Tudo e que dissemos está baseado pelo menos embrionalmente em nossa prática. Esperamos que este texto estimule a surgir de outros, sempre no intuito de uma valiosa troca de idéias e de experiências. Queremos agradecer a Deus pelas PJs, por estes anos todos de luta a caminhada, pelos sonhos que ainda temos a realizar.

Sentimos o desafio urgente de atingir a massa da juventude à qual pertecemos.

Ao mesmo tempo, precisamos dar muita atenção à pessoa de colega jovem e a nós mesmos.

É na festa, contudo, que encontramos a dinâmica da " fraternidade, ternura, da libertação, do mundo novo.

Com nova força e coragem continuarmos a caminhada, certos de que Deus está perto.

Pedimos ao Deus de tantos nomes, libertador dos oprimidos, que abençoe todos os jovens que lutam por um mundo melhor.

Que a Virgem de Guadalupe, Padroeira da América Latina, com seu rosto mestiço, nos seja Mãe nesta caminhada.

Senhor, te esperamos com ansiedade e te invocamos com as últimas palavras da Bíblia: "Vem, Senhor Jesus ! A graça do Senhor Jesus esteja com todos. AMÉM." (Ap 22, 20-21).

13)AMORIN, Jairo, Pastoral da Juventude a partir das classes sociais, Ep.São Paulo 1986,p.25

(14)BOFF, Leonardo, A sociedade e a libertação,E.Vozes, Petrópolis 1986,p.189.

(15)PIXLEY, Jorge e Boff, Clodovis. opção pelas pobres. Petrópolis,vozes.1987. Tom V. Coleção Teologia da Libertação p. 132-135.

(16)MESTERS, Carlos, A prática libertadora de Jesus, CEBI, Belo Horizonte, p.5

(17)PJMP. Juventude eclesialidade e militância. mimeografado.

(18)BETO, Frei, os cristãos e a política em Cristãos: como fazer política, E.Vozes, Petrópolis, agosto 1987.pp. 59-60

(19)CPT.Pe.Josimo: A velha violência da Nova república. São Paulo Ícome.1986.p.92

(20)idem p.90

(21)idem p.12-14

(22)CONGRESSO latino-americano de jovens, Carta aberta aos jovens,p.19

(23)JOÃO PAULO II, Carta apostólica da Papa aos jovens e as jovens por ocasião do ano internacional da juventude.p.14

(24)GOMEZ, D.S. Luis Alberto, A política e os cristãos, em Cristãos: como fazer política. E.Vozes, Petrópolis 1987,p.98

(25)cf.PJMP, semente do novo na luta do povo, 1988, p.30

(26)PUEBLA, op.cit.nº 1175-1176 p.283

- (27)idem nº 1187 p.285.
- (28)CNBB, Pastoral da Juventude no Brasil, Estudos, n.44,EP, São Paulo 1986,n. 97-100,p.37
- (29)CNBB, Pastoral da Juventude no Brasil, Estudos, n.44, EP, São Paulo 1986, n.97-100,p.37
- (29)SERRA, ORDEP. O povo de santo e o mundo da festa In: CEDI. Revista tempo e presença nº 275. Ano 16 maio(junho/96.p.15.17
- (30)João Paulo II, op.cit.p.22
- (31)NOEL, R.J.Jorge, A festa do povo, pedagogia de resistência, E.Vozes, Petrópolis 1982,p.56
- (32)NOEL, R.J.Jorge, idem,p.52
- (33)NOEL, R.J.Jorge, idem,p.59
- (34)NOEL, R.J.Jorge, idem,p.71
- (35)NOEL, R.J.Jorge, idem,p.126
- (36)JOÃO PAULO II,Vocação e missão dos leigos,E.Vozes,Petrópolis 1989,p.105<p>
- (37)BOFF, Clodovis, em Cristãos: como fazer política, E. Vozes, Petrópolis, 1987, p. 31
- (38)MORENO, R., Francisco, Teologia moral a partir dos pobres, vol. I Teologia moral na América Latina, E. Santuário, p.147
- (39) Cf RIBEIRO, D.O.K, Pedro, em Cristãos como fazer política, E.Vozes, Petrópolis, Agosto 1987
- (40)BOFF, Clodovis, Cartas teológicas sobre o socialismo, E. vozes, Petrópolis 1989, p.132
- (41)SUNG, Jung Mo, Deus numa economia sem coração -Pobreza e neo-liberalismo: um desafio à evangelização, EP, São paulo 1992 p.140
- (42)DEMO, Pedro Pobreza política. 2º ed. São Paulo. Cortez editores Autores Associados. 1990 . p. 21
- (43)DEMO, Pedro. Cidadania Menor. Algumas indicações quantitativos de nossa pobreza política. Petrópolis. Vozes.(1992 p.17)
- (44) idemp.18
- (45)DEMO, Pedro. pobreza Política .Opcit p.09
- (46)SPOSATI, Aldaíza de O. e outros. Assistência na Trajetória das políticas sociais brasileiras. Uma questão em análise. 2ª ed. São paulo .Cortez .1986.p.37
- (47)CNBB, Exigência ética da ordem democrática, Documento 42, EP, São Paulo 1989,p.22
- (48)SOUZA, Herbert, em Cristãos como fazer política, E.Vozes, Petrópolis 1987,p.117
- (49)JOÃO PAULO II, Solitude social, carta encíclica, EP, São Paulo 1988, n.39, p.73
- (50) JOÃO PAULO II, O trabalho humano, Ep, São Paulo 1986, n.14.p.50-55
- (51) BOFF, Clodovis, Cartas teológicas sobre o socialismo, E. Vozes, Petrópolis 1987, p. 8
- (52) SOUZA< Herbert (Betinho), Construir utopia, proposta de democracia, E.Vozes, Petrópolis 1987, p.8
- (53) JOÃO PAULO II, Solitude social , carta encíclica, EP, SP 1988, n,41, p.87
- (54) SOUZA, Herbert(Betinho).idem. p. 117
- (55) CNBB, Diretrizes gerais da ação pastoral da igreja no Brasil

- 1991-1994, Documento n.45.EP. São Paulo. n. 135, p.66
- (56) SANTO DOMINGO, Conclusão da Conferência Episcopal Latino-Americana
Petrópolis. Vozes(1993. nº 243. p.121
- (57) JOÃO PAULO II, Carta apostólica aos jovens e às jovens do mundo por ocasião do
ano internacional da juventude, p.23
- (58) Cf CNBB, Por uma nova ordem constitucional, EP, São Paulo 1986,
pp.120-128, pp.39-42
- (59) JOÃO PAULO II, O trabalho humano, EP, São Paulo 1986, n.85
- (60) GAUDIUM ET SPES, Concílio Ecumênico Vaticano II, n. 35
- (61) ASSMANN, Hugo, Desafios e falácias, ensaios sobre
a conjuntura social atual, EP, São Paulo 1991, p.54
- (62) Cf.PJMP, Presença na luta do povo, Subsídio 2, regional Sul 2,
p.40
- (63) JOÃO PAULO II, Carta apóstolica do Papa aos jovens e às jovens do mundo por
ocasião do ano internacional da juventude, p 14
- (64).LONDONHO, Alexandre, O compromisso sócio-político da juventude. E.Loyola.
São Paulo 1986, p.33.

NDICE

Dedicatória

Credo do Meio Popular

Apresentação

PARTE 1

NÓS JOVENS DO MEIO POPULAR

I . CAPITALISMO: UM SISTEMA PRODUTOR DE DESIGUALDADES E EXCLUSÃO	II
II. O BRASIL NO CONTEXTO DO CAPITALISMO MUNDIAL DE HOJE PAÍSES RICOS E POBRES	12

2.1. Os resultados da modernização capitalista no Brasil a vida dos jovens do Meio Popular	13
2.1.1. A vida no campo.....	13
2.1.2. A vida nas cidades e moradia	14
2.1.3. O trabalho	14
2.1.4. A fome	15
2.1.5. A saúde	15
2.1.6. Analfabetismo	16
2.1.7. Mortalidade Infantil	16
2.1.8. Os Meninos e as Meninas.....	17
2.1.9. A indústria do sexo e das drogas	18
2.1.10. Transporte coletivo	18
2.1.11. As discriminações e as intolerâncias.....	18
a) Mulheres	18
b) Dos Negros	19
c) Dos Homossexuais	19
d) Dos Portadores do HIV	20
2.1.12. Jovens excluídos da sociedade	20
2.1.13. A violência generalizada.....	20
2.2. A dominação política.....	21
2.3. Duplo movimento na sociedade brasileira... ..	22
2.4. Sinais de esperança na produção alternativa e popular	23

III. DIANTE DA CULTURA DA OPRESSÃO A RESISTÊNCIA POPULAR.... 23

3.1. Na escola a ideologia dominante	23
3.2. Cultura enlatada	24
3.3. Cultura para a elite	25
3.4. A resistência nas manifestações culturais brasileiras	25
3.4.1. A força Afro-Brasileira	25
3.4.2. As riquezas Tupi-Guarani	26
3.4.3. O sertanejo e a influência portuguesa	27
3.5. O Desafio de manter nossa riqueza cultural.....	27
3.6. M.P.B - Um cantar brasileiro	28
3.7. O Brasil toca sua guitarra	29
3.8. O Protesto no RAP brasileiro	30

<p>

IV - O JEITO DE SER DO JOVEM DO MEIO POPULAR

4.1. Os traços emotivos	31
-------------------------------	----

4.2.A relação na família	31
4.3.A vivência da nossa sexualidade	32
4.4.Namoro: Encontro e desencanto	32
4.5.Um jeito amigo de se relacionar	33
4.6.A difícil busca da diversão	33
4.7.A teatralidade da vida	34
 V - A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E O MEIO POPULAR	 35
5.1.A religiosidade Afro-Brasileira	37
5.2.Igrejas evangélicas pentecostais	38
5.3.As igrejas evangélicas histórias	39
5.4.O catolicismo popular	40
5.5.A renovação carismática	41
5.6.A igreja popular libertadora	41
5.7.Somos filhos do mesmo pai	43
 Notas	 44
 <in>PARTE 2<fn>	
I - SOMOS ESCOLHIDOS E AMADOS POR DEUS	46
II- PJMP : FÉ E LUTA AO LONGO DA HISTÓRIA	47
2.1.A semente lançada na terra	47
2.2.Nordeste: O grande ventre	48
2.3.Os primeiros passos nacionais	48
2.4.1983: Impasses na articulação e o 4º Encontro Nacional	48
2.5.Comissão Nacional provisória	49
2.6.Semente do novo na luta do povo	49
2.7.Pertencemos a igreja de Cristo	50
2.8.Cochabamba: O Encontro na Família Latino-Ame- ricana	50
2.9.O Grito dos marginalizados	50
2.10. Resgate das culturas oprimidas	50
III- OBJETIVOS: VIVENCIAR E TESTEMUNHAR O REINO	51
IV - NOSSA PRÁTICA NA IGREJA E NO MUNDO	52
4.1.Consciência e compromisso de classe	52
4.2.No palco da vida	53
4.3.A luta nos organismos intermediários.....	53
4.4.Força nova na Igreja	54
4.5.Animados pelo espírito	54

<p>

V - MÍSTICA: MOTIVAÇÃO DA VIDA	55
5.1.Felicidade no encontro	55
1.Relação Eu-Eu	55
2.Relação Nós-Outro	55
3.Relação Nós-Deus	55
5.2.Jesus Cristo Libertador	56
5.3.Na Trindade não há dominação.....	56
5.4.Deus amigo dos pobres	57
5.5.Igreja participativa	57
5.6.A construção da casa humana.....	58
5.7.Os irmãos que tomaram na caminhada.....	58
5.8.Maria, nome mãe	59
5.9.Sacramentos: A Graça Libertadora	59
VI - METODOLOGIA E MÉTODO DA PJMP	60
6.1.Grupalização: Compromisso de irmãos	60
6.2.Militância: A coragem do enfrentar	61
6.3.Assessora: Companheiros de caminhada.....	62
6.4.Métodos da PJMP	62
6.4.1.Prática-Teoria-Prática	62
6.4.2.Diagnóstico da vida: Ver-Julgar-Agir	63
6.5.Quadros -Base - Massa	63
VII- NOSSA ORGANIZAÇÃO NACIONAL	64
7.1.Comissão nacional (CNPJMP)	64
7.2.A secretária nacional	64
7.3.A comissão nacional de assessoria.....	65
VIII-NOSSO SUOR, NOSSO SUSTENTO	65
IX -PJMP - PASTORAL ESPECÍFICA	66
9.1. Uma pedagogia das classes populares	66
X - A FESTA NOS FAZ SER MAIS	68
10.1.O Banquete na Bíblia	68
10.2.A PJMP faz festa	68
10.3.O Encontro festivo do catolicismo popular	69
10.4.Assim vamos resistindo	69
10.5.Fome não só de pão, mas de beleza	69
10.6.No ritmo do atabaque	70
10.7.O canto de liberdade	70

10.8.O teatro na nossa vida	71
XI - CREMOS POR ISSO FAZEMOS POLÍTICA	72

XII- ALVORADA DA NOVA SOCIEDADE	73
---------------------------------------	----

12.1.Chega de desprezo pela vida 73

12.2.O Exercício da cidadania	73
12.3.Somos todos iguais	74
12.4.Eles tinham tudo em comum.....	75
12.5.Efetiva prioridade aos serviços	75
12.6.Democracia: construindo o poder popular.....	75
12.7.Educação e cultura que nasce do povo.....	76
12.8.O quanto vale a liberdade	76
12.9.Simplicidade, um valor evangélico	77
12.10.Justiça no trabalho	77
12.11.A grande Reforma Agrária	78
12.12.Chega de consumismo	79
12.13.Preservar a mãe natureza	79
12.14.Cidadãos do mundo	80
12.15.O brilho do Bem Querer	80
XII- PARA ONDE VAMOS	81
CONCLUSÃO	83
NOTAS	84
ANEXOS	87
Testamento de Josimo.....	88
Hino da Pastoral da Juventude do Meio Popular.....	89
Hino da PJMP do Ceará.....	90
"A Luta pela Terra, Terra nossa, Liberdade.....	91
São Gonçalo I.....	92